



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

“CONTA-ME COMO FOI” E A (RE)MEDIÇÃO
DA MEMÓRIA HISTÓRICA: DOS CONTEÚDOS À RECEÇÃO

Dissertação apresentada à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Ciências
da Comunicação na especialidade de
Media e Entretenimento

Por

Madalena Amaral Bonnefon Borges Ferreira

Faculdade de Ciências Humanas

setembro, 2024



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

“CONTA-ME COMO FOI” E A (RE)MEDIAÇÃO
DA MEMÓRIA HISTÓRICA: DOS CONTEÚDOS À RECEÇÃO

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação na
especialidade de Media e Entretenimento

Por

Madalena Amaral Bonnefon Borges Ferreira

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação da Professora Doutora Catarina Valdigem

setembro, 2024

Resumo

A ficção tem-se revelado um poderoso veículo de narrativas históricas. Para além de atuar na preservação da história, a ficção reinterpreta-a e representa-a remediada em produtos audiovisuais. Selecionou-se como objeto de estudo a série “Conta-me Como Foi” da RTP 1, nomeadamente as temporadas 6, 7 e 8, que representam o período pós 25 de abril. O foco desta investigação é o papel da ficção televisiva na mediação histórica, em concreto das temporadas enunciadas da série “Conta-me Como Foi” na reconstrução da memória histórica dos espetadores sobre o período pós 25 de abril em Portugal.

Assim, o presente estudo foi orientado pelas seguintes questões de investigação: *De que modo é que o período histórico pós 25 de abril foi representado nas temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi” da RTP 1? e Como é que a série “Conta-me Como Foi” da RTP 1 tem contribuído para a reconstrução da memória histórica sobre o período pós 25 de abril?* Utilizou-se o método misto, com recurso às técnicas de análise de conteúdo quantitativa e de entrevistas semiestruturadas. A análise de conteúdo foi feita aos 52 episódios das temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi” da RTP 1. As entrevistas foram realizadas a 10 espetadores da série, 5 dos quais viveram o período representado e 5 que não o viveram.

Os resultados revelaram que a representação do período pós 25 de abril nas temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi” foi exclusivamente referente aos anos entre 1984 e 1987. Importa referir que todos os episódios contribuíram para representar este período e que na sua maioria em cada um eram abordados três eventos histórico-sociais da época. A televisão foi um meio que assumiu um importante papel na remediação da história. Relativamente ao contributo da série para a reconstrução da memória histórica do período pós 25 abril, quem o viveu salientou a revisitação da história e quem não viveu a época em análise atribuiu à série um papel relevante no conhecimento deste período da história.

Palavras-chave: *Televisão; Ficção; História; Memória; Receção*

Abstract

Fiction has proven to be a powerful vehicle for historical narratives. Beyond its role in the preservation of history, fiction reinterprets and remediates it into audiovisual products. This study focuses on the RTP 1 series “Conta-me Como Foi” specifically its 6th, 7th, and 8th seasons, which portray the post-April 25th period. The core of this investigation is the role of television fiction in historical mediation, with a particular emphasis on how these seasons of “Conta-me Como Foi” contribute to the reconstruction of viewers' historical memory concerning the post-April 25th period in Portugal.

Thus, this study is guided by the following research questions: *How is the post-April 25th historical period represented in the 6th, 7th, and 8th seasons of RTP 1's “Conta-me Como Foi”?* And *How has the series “Conta-me Como Foi” contributed to the reconstruction of historical memory regarding the post-April 25th period?* A mixed-method approach was employed, combining quantitative content analysis techniques with semi-structured interviews. The content analysis covered all 52 episodes of the 6th, 7th, and 8th seasons of RTP 1's “Conta-me Como Foi” while interviews were conducted with 10 viewers of the series, five of whom lived through the period depicted and five who did not.

The results revealed that the portrayal of the post-April 25th period in the 6th, 7th, and 8th seasons of “Conta-me Como Foi” was exclusively focused on the years between 1984 and 1987. It is important to note that all episodes contributed to representing this period, with most episodes addressing three historical-social events of the time. Television emerged as a medium that played a significant role in the remediation of history. Regarding the series' contribution to the reconstruction of historical memory of the post-April 25th period, those who lived through it highlighted the revisitation of history, while those who did not experience the era attributed a significant role to the series in their understanding of this historical period.

Keywords: *Television; Fiction; History; Memory; Reception*

Agradecimentos

Começo por agradecer à Professora Doutora Catarina Valdigem pela dedicação e pelo entusiasmo com que orientou este trabalho. Para além disso, pela confiança que depositou em mim, pela motivação constante e pelo profissionalismo exímio.

Agradeço também à Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa pela excelência e rigor dos ensinamentos transmitidos.

Quero agradecer aos meus pais por sempre me apoiarem no meu percurso pessoal e académico. Dirijo um agradecimento sincero também aos meus avós, figuras de referência na minha vida.

À minha mãe, a pessoa mais generosa que conheço. Obrigada por seres o meu exemplo de vida, a minha inspiração, a minha maior motivação, a minha conselheira e a minha companheira em todas as horas.

Agradeço ao Rúben pela motivação e calma transmitidas, bem como pelo apoio que me deu ao longo deste percurso. Obrigada por dares cor aos meus dias, até àqueles que parecem mais cinzentos.

Não posso deixar de agradecer à Constança e à Joana pela amizade e companheirismo ao longo da vida e, em particular, ao longo desta jornada que fizemos juntas. À Margarida o meu agradecimento pela amizade sincera e pela compreensão à minha ausência neste período. Ao Pedro Amante e às minhas colegas da SIC agradeço genuinamente a vossa generosidade e confiança durante estes anos.

Índice

Introdução	6
1. A história e a memória na cultura audiovisual massificada.....	10
1.1. História, testemunho e documentação em relação com a memória.....	10
1.2. A história na cultura audiovisual massificada	14
1.2.1. Usos da história nas lógicas de produção audiovisual: do texto documental à ficção televisiva	16
1.2.2. A remediação na cultura audiovisual massificada.....	21
1.2.3. O contexto português	22
2. A receção histórica e a receção da história representada no audiovisual	28
2.1. Dos estudos de receção à receção histórica dos media.....	28
2.2. A receção da história no cinema e na televisão	37
2.2.1. O caso da ficção televisiva	38
2.2.2. O contexto português.....	39
3. Metodologia	42
3.1. Dados quantitativos	43
3.2. Dados qualitativos	45
4. Resultados.....	49
4.1. Resultados da análise de conteúdo	49
4.2. Resultados da análise temática das entrevistas.....	53
4.2.1. Resultados das entrevistas aos espetadores da série que viveram os anos representados	54
4.2.2. Resultados das entrevistas aos espetadores da série que não viveram os anos representados	59
4.2.3. Análise temática comparativa.....	66
Conclusões.....	69
Referências bibliográficas	73

Apêndices	82
-----------------	----

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Anos representados nas temporadas 6, 7 e 8 da série "Conta-me Como Foi" ..	49
Gráfico 2 - Identificação do primeiro evento histórico-social mencionado	51
Gráfico 3 - Identificação do segundo evento histórico-social mencionado	52
Gráfico 4 - Identificação do terceiro evento histórico-social mencionado.....	53

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados que viram a série e viveram o período representado ...	45
Tabela 2 - Perfil dos entrevistados que viram a série e não viveram o período representado	46
Tabela 3 - Tabulação cruzada "Media utilizados" e "Papel dos media"	50

Introdução

A presente investigação foi inicialmente motivada pela hipótese de que assistir à série “Conta-me Como Foi” contribuía para o conhecimento de um período histórico não vivido. A revisão da literatura inicial sobre esta temática permitiu identificar que os estudos sobre história e memória incidem mais sobre as dinâmicas de produção do que de receção. Partindo desta lacuna nos estudos dos media e da motivação pessoal de testar a verificabilidade da hipótese enunciada, optou-se por desenvolver uma pesquisa de receção da série “Conta-me Como Foi” no sentido de compreender se efetivamente este programa tem contribuído para a reconstrução da memória histórica. Para tal, consideraram-se tanto indivíduos que viveram o período histórico representado, como os que não o viveram.

À história associa-se um tipo de memória denominado memória histórica, que diz respeito a uma reconstrução do passado com base em registos e documentos históricos sistematizados e organizados pela historiografia (Halbwachs, 1990). Este tipo de memória visa a preservação e a transmissão de lembranças e tem associado uma forte vertente social e política ao permitir consolidar narrativas e fomentar a coesão identitária da sociedade (Halbwachs, 1990). Por contraponto à memória coletiva, que é composta por memórias individuais, que se estabelece com base nas experiências sociais partilhadas por grupos de indivíduos e que se renova nas interações sociais organicamente, a memória histórica é mais estática na medida em que não depende da transmissão entre gerações, mas da preservação dos registos que a compõem (Halbwachs, 1990).

O crescimento exponencial da quantidade e da diversidade de conteúdos mediáticos acessíveis aos telespetadores, conferiu aos media um papel influente na reconstrução do passado (Corchete, 2010) de tal modo que a televisão assumiu funções na mediação e na produção da memória coletiva, o que levou à designação de uma “nova memória” (Hoskins, 2009; Corchete, 2010; Edwards, 2018). Para além de atuar na mediação da memória, a televisão possibilita aos espetadores vivenciarem acontecimentos históricos através das narrativas fabricadas (Leeuw, 2010). A televisão tornou-se, assim, uma ferramenta de veiculação da história que atua na divulgação do discurso histórico e que se assume central na atribuição de sentido ao passado (Edgerton, 2000; Dahl, 2017; Lopes & Orozco Gómez, 2013; Laffond et al., 2009). Por um lado, para quem viveu um determinado período da

história e o vê representado na televisão, os conteúdos audiovisuais baseados em memórias passam a integrar também as suas memórias individuais da época (Sturken, 1997). Por outro lado, a reconstrução do passado através da representação de acontecimentos históricos possibilita aos espetadores a criação de memórias sobre um período que nunca viveram sem que essas memórias percam a sua autenticidade, na medida em que se trata de memórias mediáticas emprestadas (Dahl, 2017). Em qualquer uma das situações, um produto audiovisual histórico deve oferecer aos espetadores perspetivas diversas sobre um acontecimento, atribuindo ao público o papel de interpretação da narrativa (Bishop, 2018).

Importa desde já esclarecer que a série “Conta-me Como Foi” da RTP 1 é uma adaptação da série espanhola “Cuéntame cómo pasó” e é composta por 8 temporadas (Rueda Laffond et al., 2013; Dahl, 2017). Em Portugal, a série contou com 5 temporadas emitidas entre 2007 e 2011 que retratavam o período ditatorial e, em 2019, a série retoma e apresenta o período pós 25 de abril em 3 novas temporadas, a 6, a 7 e a 8 (Calheiros, 2019). Considerando que os estudos de receção são mais fiáveis quanto menor a distância temporal ao que é recordado, decidiu-se fazer incidir esta investigação nas temporadas mais recentes (6, 7 e 8) e analisar a representação do período pós 25 de abril.

Neste sentido, a investigação será orientada pelas seguintes questões de investigação: *De que modo é que o período histórico pós 25 de abril foi representado nas temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi” da RTP 1? e Como é que a série “Conta-me Como Foi” da RTP 1 tem contribuído para a reconstrução da memória histórica sobre o período pós 25 de abril?* Considerar-se-ão, ainda, as seguintes hipóteses de investigação:

- (i) *A série “Conta-me Como Foi” da RTP1 tem contribuído para a construção da memória histórica dos espetadores com experiência vivida e não vivida do passado representado na série;*
- (ii) *Alguns formatos de ficção televisiva constituem-se como uma fonte de mediação histórica para os seus espetadores, quer tenham vivido ou não o período representado;*
- (iii) *A ficção televisiva de teor histórico constitui um meio de remediação da história nacional.*

Para dar resposta às questões de investigação, bem como para testar a aplicabilidade das hipóteses avançadas, selecionou-se uma abordagem metodológica mista que combina técnicas quantitativas e qualitativas. Para este estudo adotaram-se a técnica de análise de conteúdo quantitativa e a técnica qualitativa de entrevistas semiestruturadas. Na primeira, a amostra corresponde aos 52 episódios das temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”. Na segunda, do universo dos espetadores da série, considerou-se uma amostra de 10 entrevistados, 5 dos quais viveram o período representado nos episódios em análise e 5 que não o viveram.

O presente estudo está organizado em cinco capítulos que contemplam o enquadramento teórico da temática, a metodologia utilizada, a apresentação e discussão dos resultados do trabalho empírico e as conclusões obtidas.

No primeiro capítulo da dissertação, “A história e a memória na cultura audiovisual massificada”, procurar-se-á, em primeiro lugar, enquadrar teoricamente os conceitos de memória e história, basilares para esta investigação. De seguida, apresentar-se-á a discussão em torno da representação do passado através da televisão e do cinema em diferentes géneros (ficcionais e documentais). Pelo papel de mediação inerente aos media na contemporaneidade, discutir-se-á esta questão nas lógicas de produção e receção dos conteúdos audiovisuais. Finalmente, procurar-se-á apresentar o contexto português de representação do passado pelo cinema e pela televisão.

O segundo capítulo, “A receção histórica e a receção da história representada no audiovisual”, versará, em primeiro lugar, sobre a evolução desde os estudos dos efeitos dos media à alteração de paradigma e abordagem da receção. De seguida, devido à centralidade que a televisão assumiu no contexto europeu, discutir-se-á a receção da história no audiovisual, concretamente no cinema e na televisão. Posteriormente, abordar-se-á o contexto português em concreto no que diz respeito à receção destes conteúdos audiovisuais.

No capítulo seguinte, apresentar-se-ão as perguntas de investigação que orientam este estudo, as hipóteses de pesquisa, bem como as opções metodológicas. Explicar-se-á o processo de recolha, tratamento e análise dos dados quantitativos e qualitativos.

No quarto capítulo, constará a apresentação dos resultados do trabalho empírico, quer a análise de conteúdo quantitativa aos 52 episódios das temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”, quer a análise temática qualitativa das entrevistas semiestruturadas. Esta última análise dividir-se-á em três secções: da primeira fazem parte os aspetos considerados cruciais das entrevistas aos espetadores das temporadas 6, 7 e 8 da série que viveram os anos que estas representam; da segunda constam estes aspetos nas entrevistas aos espetadores das temporadas em análise que não viveram os anos representados nestas; por último, realizar-se-á uma reflexão comparativa entre os grupos enunciados nas secções prévias.

Por último, apresentar-se-ão as principais conclusões desta investigação, responder-se-á às questões de investigação e identificar-se-ão pistas para trabalhos futuros.

1. A história e a memória na cultura audiovisual massificada

Neste capítulo procurar-se-á tratar o modo como a cultura audiovisual massificada molda e redefine a percepção da história e da memória coletiva. Para tal, começar-se-á por apresentar e enquadrar os diferentes tipos de memória e história: um binómio essencial para a compreensão do passado e das construções sociais que lhe estão associadas. O crescente recurso a produtos audiovisuais para representar a história esclarece a necessidade de compreender os seus usos nos diferentes géneros televisivos. Abordar-se-á, ainda, o papel da mediação na produção e receção de conteúdos audiovisuais, uma vez que na contemporaneidade esta é uma característica inerente aos media. Contextualizar-se-á, de seguida, o papel que o cinema e a televisão assumiram na sociedade portuguesa na representação do passado.

1.1. História, testemunho e documentação em relação com a memória

A evolução da história tem gerado o debate acerca da relação entre a história e a memória. Para Pierre Nora a memória é um processo em constante relação com a lembrança e com o esquecimento (1989). O autor considera que a memória é um fenómeno real, suscetível à manipulação e que só incorpora os factos que lhe servem (Nora, 1989). Para Certeau (1998), a memória é construída de forma contrária aos acontecimentos que não dependem dela e relaciona-se com a expectativa de que vai resultar em algo distinto do presente. O autor considera que a memória atua como mediadora na reinterpretação dos espaços, tornando-os, para além de espaços físicos, construções sociais (Certeau, 1998). Segundo Matos (2015), a memória tem a função de prolongar o passado no tempo presente, contudo caracteriza-se por ser “afetiva e mágica”, uma vez que depende da experiência vivida por cada indivíduo. Tal fator torna a memória parcial e relacionada com os sentidos, imaginação e sonhos, ao contrário da história (Matos, 2015). Porém, Matos não descarta o carácter seletivo da história, uma vez que, para o autor, a história resulta de escolhas. Ainda assim, a história e a memória partilham características na medida em que se centram na ausência e se referem a objetos ausentes (Matos, 2015).

Para Nora, a história é uma produção reconstitutiva, incompleta, que implica análise e crítica de representação do passado (Nora, 1989). Para o autor, a posição da história era de ataque à memória (Edwards, 2018). Paul Ricoeur, que se dedicou ao estudo da relação entre a história e a memória, entende que é impossível dissociar memória, história e esquecimento (Ricoeur, 2007). Ricoeur considera que a memória é o repositório das experiências pessoais, a história é a interpretação coletiva dessas memórias e o esquecimento desempenha um papel na seleção e preservação das memórias. Outro assunto que mereceu a atenção de Ricoeur foi a fiabilidade da memória face à história. Segundo o autor, esta é uma questão de elevada pertinência, na medida em que a característica de ser fiel ao passado, define o estatuto verídico da memória, que será confrontado com o da história, posteriormente.

Ricoeur (2007: 41) argumenta que “a memória é do passado”, o que a torna distinta da recordação. Neste sentido, Ricoeur separa os termos *mneme* e *anamnesis*. Para o autor, o primeiro termo refere-se à evocação simples, enquanto o segundo diz respeito ao esforço de recordação (Ricoeur, 2007). Para os gregos, as duas expressões designavam a memória, mas a *mneme* significava a “vinda à mente” e a *anamnesis*, o processo da memória como objeto de uma procura habitualmente designada por recordação ou lembrança (Ricoeur, 2007). Nesse sentido, o ato de recordar tanto podia representar “ter uma memória” como “procurar uma memória”. O que é facto é que se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o carácter passado daquilo de que declaramos lembrar-nos (Ricoeur, 2007).

No que concerne à história, Michel de Certeau considera dois tipos de história, que se baseiam em duas formas de encarar o real. A primeira debruça-se sobre o que é pensável, refere-se à sistematização do conhecimento histórico pelos historiadores e é o tipo de história que torna o passado acessível e inteligível (Certeau, 1982). Já o segundo tipo de história identificado pelo autor diz respeito à procura pelo vivido, isto é, às experiências e práticas reais dos indivíduos, recuperadas nas vivências e memórias que têm do passado (Certeau, 1982). O autor defende que a história, enquanto operação, implica a relação com um lugar, uma disciplina e um texto literário (Certeau, 1982). A operação histórica, para Certeau, caracteriza-se por ter um efeito duplo, uma vez que, por um lado, historiciza o atual, no sentido em que torna presente uma situação anteriormente vivida; e, por outro, a representação do passado mantém o valor do que foi experienciado (Certeau, 1982).

O trabalho dos historiadores é atribuir significado aos acontecimentos do passado, o que implica uma leitura subjetiva que é influenciada pela experiência pessoal de cada um. Assim, os historiadores procuram testemunhos que comprovem a investigação histórica que desenvolvem (Cigognetti & Sorlin, 2010). Os testemunhos são privilegiados, na medida em que a “privatização da vida pública” tem ganhado destaque, o que levou a que uma situação que tem implicações numa só pessoa seja tão relevante como um acontecimento que envolve um vasto número de pessoas (Cigognetti & Sorlin, 2010: 30).

Halbwachs foi um filósofo e sociólogo francês que se dedicou ao estudo dos vários tipos de memória, em particular da individual e da coletiva. Antes de se partir para a explicação destes dois tipos de memória, importa ressaltar que, para o autor, não é possível dissociá-los – a memória individual é influenciada pela coletiva e a coletiva é composta por memórias individuais de um grupo social (Halbwachs, 1990). Para o autor, constitui-se como memória individual o conjunto de lembranças pessoais de um indivíduo, que resultam das experiências vividas ao longo da vida. Esta memória é inteiramente do indivíduo que a tem e está suscetível a mudanças ao longo do tempo, uma vez que é influenciada pelas emoções e pela experiência pessoal (Halbwachs, 1990). Já a memória coletiva diz respeito ao conjunto de lembranças partilhadas por um grupo de indivíduos e contribui para o sentimento de pertença, para a coesão social, bem como para a identidade cultural e coletiva (Halbwachs, 1990). No entanto, a memória coletiva tem como base um grupo limitado no espaço e no tempo (Halbwachs, 1990), pelo que existem inúmeras memórias coletivas (Halbwachs, 1990), consoante o grupo em que o indivíduo esteja inserido. Além disso, a memória coletiva caracteriza-se por reter do passado os acontecimentos que ainda estão vivos ou que vivem na consciência do grupo que a mantém (Halbwachs, 1990). O autor apresenta ainda uma distinção entre a memória coletiva e a memória histórica – o tipo de memória construída através de documentos, arquivos e testemunhos, que representam o passado de uma forma esquemática e resumida (Halbwachs, 1990). É importante ressaltar que as esquematizações que a memória histórica permite sobre o passado são construções para que melhor se possa compreender e aceder ao conhecimento histórico, pelo que estão sujeitas a reinterpretações e revisões de acordo com as necessidades da sociedade (Halbwachs, 1990). Comparada com a memória coletiva, que é construída e preservada por grupos sociais, tendo por isso uma vertente plural e subjetiva, a memória histórica é mais objetiva e visa preservar o passado de uma forma única e universal (Halbwachs, 1990). O autor discorre ainda acerca das

lembranças simuladas que consistem em conhecer o passado e assumir essas recordações através de relatos e testemunhos de outras pessoas. Para que tal aconteça, é preciso que as memórias do indivíduo não sejam esclarecidas sobre todos os aspetos e que as lembranças dos grupos estejam relacionadas com os acontecimentos que constituem o passado do indivíduo (Halbwachs, 1990).

No período contemporâneo, a reconstrução do passado vivido depende cada vez menos de um grupo específico e os meios de comunicação passam a assumir um papel informativo (Corchete, 2010), na medida em que para além de mediar a transmissão do presente, influenciam a construção do passado com o qual a sociedade se pode identificar:

sendo os meios de comunicação vitrines de divulgação de informações sobre o passado e veículos de socialização típicos das sociedades atuais, eles desempenham um papel cada vez mais importante na consolidação ou destruição de memórias coletivas, especialmente quando as memórias geracionais diminuem ao longo do tempo. (Sampedro & Baer, 2003: 94 as cited in Cigogneti, 2010: 122)

Hoskins (2009: 27) apresenta um novo tipo de memória a que atribuiu o nome de “nova memória” e que diz respeito à memória coletiva mediada pela televisão que, para o autor, para além de ser o suporte eletrónico da memória, tornou-se no meio da sua produção. Justamente pela possibilidade de os media, e em concreto de a televisão, mediar a memória, Hoskins (2009) argumenta que mais do que recordar, a memória deve-se a saber procurar. O autor apresenta duas fases de mediatização da memória (Hoskins, 2009). Na primeira fase, dominada pelos meios de comunicação tradicionais, constata-se uma proliferação dos arquivos (Hoskins, 2009). Já na segunda, em que se verificou a difusão de novas tecnologias dos media, para além da proliferação dos arquivos, Hoskins (2009) considera a democratização do acesso. O autor explora ainda as implicações da mediatização para a identidade cultural e para a memória coletiva, argumentando que a transformação tende a levar à perda de coesão nas narrativas históricas partilhadas, ao mesmo tempo que a memória se torna mais fragmentada e individualizada (Hoskins, 2009).

1.2.A história na cultura audiovisual massificada

A televisão alargou o conhecimento às audiências de massa (Bell & Gray, 2007), ao tornar-se popular. Esta popularização da televisão deveu-se ao aumento do número de espetadores, mas também ao grau de aceitação na sociedade e à abrangência sociodemográfica do perfil dos espetadores (Laffond et al., 2009). Devido ao papel influente da televisão nas formas de compreensão do passado, o estudo da história na televisão é indissociável da própria história da televisão e da evolução da produção, gestão e controlo da televisão enquanto meio de comunicação (Laffond et al., 2009).

Umberto Eco (1984) no ensaio “Apontamentos sobre a televisão” discute a história e o desenvolvimento da televisão, um meio que no seu surgimento era entendido como uma extensão da rádio e cujo foco incidia em programas informativos e educativos. A evolução da televisão trouxe progressivamente uma vertente de entretenimento, o que a tornou central no quotidiano dos indivíduos (Eco, 1984). Estas alterações, associadas ao avanço tecnológico e à cultura de massa do século XX, levam Eco (1984) a posicionar-se criticamente face à evolução da televisão. No entender do autor, as transformações da televisão levaram à disseminação de uma cultura de massa padronizada através deste meio e a uma superficialidade dos conteúdos transmitidos, que se regem pelas receitas e pela necessidade de atrair em massa as audiências (Eco, 1984).

Também Elihu Katz (2009) reflete acerca da evolução da televisão, nomeadamente no que diz respeito à discussão sobre o fim deste meio de comunicação. É indiscutível que as mudanças tecnológicas alteraram o modelo de *broadcasting* tradicional, central na vida doméstica e em que os programas eram transmitidos a todos simultaneamente, dando a origem a um ambiente mediático de múltiplos canais, fragmentado e diversificado e em que a televisão compete com outras tecnologias pela atenção do espetador (Katz, 2009). Para além disso, a função social da televisão enquanto agente de reunião da família numa experiência partilhada e determinante no desenvolvimento da opinião pública tem diminuído com a fragmentação do consumo mediático (Katz, 2009). Assim, o que o autor defende não se trata do fim da televisão, mas antes da sua transformação profunda (Katz, 2009). A televisão deverá continuar a adaptar-se e a reinventar-se para que possa coexistir com os novos media e permanecer relevante na vida dos espetadores, já que este ainda é um meio

que desempenha um papel importante para as audiências e na receção de conteúdos como acontece com os grandes eventos desportivos (Katz, 2009).

Huyssen (1995) verificou uma obsessão da sociedade com a memória, que se relaciona com a crise da ideologia do progresso e da modernização. A memória foi materializada ao ponto de se tornar dilatada, multiplicada, descentralizada e democratizada (Nora, 1989). Se no período clássico, as famílias de renome, a Igreja e o Estado eram os principais produtores dos arquivos de conhecimento e memória, na sociedade atual a democratização da memória levou a que todos os indivíduos sentissem que as suas memórias devessem ser registadas – “The less extraordinary the testimony, the more aptly it seems to illustrate the average mentality.” (Nora, 1989: 14). Surge assim uma cultura que é simultaneamente amnésica e capitalista, na qual se tornou relevante a construção de museus e memoriais que evoquem a recordação de acontecimentos passados (Huyssen, 1995). Os museus passaram a ser entendidos como um sítio elitista de conservação do passado que se tornou num meio de comunicação de massa à medida que a sociedade privilegiou o espetáculo, o entretenimento e o popular (Huyssen, 1995). Para autores como Jeudy e Baudrillard esta conceção dos museus não faz sentido, na medida em que entendem que os museus são apenas mais uma máquina de simulação, que em nada se distingue da televisão (Huyssen, 1995). Os autores defendem que os museus não cumprem a finalidade de preservar o passado, mas antes distorcem-no e descontextualizam-no (Huyssen, 1995).

Huyssen apresenta a *Kulturgesellschaft*, uma sociedade em que a função de agente socializador é cada vez mais desempenhada pela atividade cultural, sendo que a nação, a família, a profissão e o Estado perderam a importância que outrora haviam tido (Huyssen, 1995: 32). Nesta sociedade, os meios de comunicação social, em especial a televisão, contribuíram para que os indivíduos sentissem o desejo de ter experiências de acontecimentos, de autenticidade e identidade; desejos esses que a televisão não consegue satisfazer, mas o museu sim (Huyssen, 1995).

O cinema e a televisão são vistos por parte de comunidade académica como basilares da cultura. Edwards (2018) defende que estes meios audiovisuais são alicerces do esquecimento e não da memória, na medida em que os conteúdos que a televisão, em particular, veicula contribuem para a extinção da memória, o que se traduz na eliminação da história. Por outras palavras, a história na televisão implica o recurso a técnicas de

simplificação e esquematização, o que retira a complexidade dos acontecimentos transmitidos (Laffond et al., 2009). Por contraponto, Edgerton (2000) defende que a televisão é um meio através do qual a história é veiculada e apreendida e é uma fonte primária na forma como o público atribui sentido ao passado (Dahl, 2017; Lopes & Orozco Gómez, 2013). Assim, a televisão tem-se revelado numa importante testemunha e num importante instrumento de divulgação do discurso histórico (Laffond et al., 2009). Este discurso histórico, para além da vertente didática que tem associada como auxiliar do ensino da história, permite que o realizador ou argumentista da produção assuma o papel de “historiador” e que, conforme a equipa, os pontos de vista sejam originais e perspectivas diferentes sejam abordadas na narrativa (Laffond et al., 2009: 188).

De um modo geral, a reconstrução do passado engloba três aspetos, a saber, em primeiro lugar, a escolha de certos eventos históricos em detrimento de outros; depois, a credibilidade da entidade que expõe a narrativa; e, por fim, a seleção do que integra, ou não, a memória social (Lopes & Orozco Gómez, 2013). A reconstrução do passado permite aos indivíduos terem memórias explícitas de uma época em que nunca viveram e que essas memórias sejam reais, uma vez que as vivenciaram através de memórias mediáticas emprestadas, que não sendo totalmente suas, combinam as de muitas vozes (Dahl, 2017).

1.2.1. Usos da história nas lógicas de produção audiovisual: do texto documental à ficção televisiva

Os media retratam e reproduzem as lembranças que integram simultaneamente um arquivo pessoal e coletivo com o propósito de as eternizar (Lopes & Orozco Gómez, 2013). Para que melhor se possa compreender o papel dos media neste contexto, considerar-se-ão as perspetivas de diferentes autores sobre os géneros documentais e ficcionais, nomeadamente no cinema e na televisão.

A utilização da história para a produção de programas históricos aumentou consideravelmente nos anos 90 (Bell & Gray, 2007). Segundo Ellis, (2003) a televisão assume com a história uma relação de três ângulos ao fazer, criar e ter a sua própria história.

Pela importância que a televisão assume na representação simbólica, o ato de contar a história em histórias deve ser documentado, fundamentado e honesto (Burnay & Ferin Cunha, 2013). Assim, considera-se que a televisão é um agente da memória, uma vez que recupera, através de narrativas, “a lembrança dos acontecimentos” (Lopes & Orozco Gómez, 2013: 77). Maurice Halbwachs (1990) desenvolveu a teoria de que pode existir memória de acontecimentos que os indivíduos não vivenciaram. A este tipo de memória Halbwachs (1990) dá o nome de “memória emprestada”. Leeuw (2010) afirma que muito embora esta teoria tenha sido desenvolvida antes da criação do cinema e da televisão, pode ser aplicada à era mediática. A televisão atua como “nova memória”, torna-se um mediador da memória e permite aos espectadores “vivenciar” momentos da história ao fabricar essas narrativas (Leeuw, 2010: 141). Para além da televisão, objetos, imagens e memórias formam um tipo de memória a que Marita Sturken (1997) denomina “memória cultural”. Para a autora, este tipo de memória não é estático na medida em que está em constante negociação e reconstrução ao influenciar e ser influenciada por fatores políticos, sociais e culturais (Sturken, 1997). Sturken (1997) apresenta o exemplo dos veteranos da II Guerra Mundial, para os quais os filmes sobre este período histórico também fazem parte das suas memórias individuais acerca desta época, pelo que no entender da autora não é possível distinguir claramente a sua memória individual, da memória cultural e ainda da história, uma vez que os limites entre cada uma são extremamente ténues.

Pensar sobre a historiografia, tanto no texto como na televisão, deve ser um exercício de organizar e narrar uma história, e não um ato de análise à verdade dos acontecimentos retratados (Bell & Gray, 2007). Ainda assim, a crítica mais recorrente aos programas televisivos históricos diz respeito à capacidade de um formato audiovisual popular manter a exatidão dos acontecimentos (Bishop, 2018). Por outro lado, de acordo com Egan (2004), existem narrativas de tal forma autênticas que nem são apropriadas para as audiências televisivas. Além desta crítica, também a profundidade com que os eventos da história são abordados é apontada (Bishop, 2018). Espera-se que um produto audiovisual histórico ofereça aos espectadores várias perspetivas sobre um acontecimento, permitindo que seja o público a interpretar a narrativa, e não uma versão que se limite a informar de forma estática a verdade (Bishop, 2018). Neste sentido, os produtos audiovisuais não ditam à partida o que os espectadores devem pensar sobre o passado, mas antes um conjunto de perspetivas possíveis sobre um acontecimento histórico (Edwards, 2018). É frequente que a história no

texto documental seja contraposta com a história na televisão, uma vez que a última recorre a uma vertente de “humanização” ou “ficcionalização” (Bishop, 2018: 281), contudo:

both history and its televisual counterpart are, ‘more about telling stories inspired by contemporary perspectives than recapturing and conveying any kind of objective truth about the past’. The discussions that surround integrity, accuracy, and ‘factual’ basis within television history, only serve to illuminate the fragility of the narrative that formal history can offer (Bishop, 2018: 281, 282)

A este respeito, importa considerar a perspetiva de Cigognetti e Sorlin relativamente à importância das fontes na representação da história na televisão. Os autores alertam para o facto de os realizadores de televisão não serem tão independentes quanto os escritores de conteúdos históricos, uma vez que para além de cumprirem ordens da produção, têm de reger as suas escolhas com base na necessidade de entreter a audiência e estão limitados pelos orçamentos dos projetos (Cigognetti & Sorlin, 2010). Os autores consideram que as imagens podem ser manipuladas para dar o enquadramento que se quiser de um determinado objeto, pelo que entendem que os filmes são processamentos da realidade e não uma “captura do mundo exterior” (Cigognetti & Sorlin, 2010: 31). Neste sentido, os autores avançam três paradoxos dos documentos audiovisuais. O primeiro diz justamente respeito à questão da confiabilidade das imagens apresentadas, uma vez que “são factuais, exatos, mas não são confiáveis porque apreendem uma fração limitada dos acontecimentos” (Cigognetti & Sorlin, 2010: 31). O segundo paradoxo que os autores avançam sobre os documentos audiovisuais é o facto de não permitirem a inventividade, no sentido em que as imagens são rígidas e mais complexas de reformular para apoiar uma interpretação, do que os documentos escritos (Cigognetti & Sorlin, 2010). O terceiro paradoxo prende-se com o facto de os documentos audiovisuais serem capturados num momento concreto, mas raramente transmitirem o que realmente se passou no cerne do acontecimento (Cigognetti & Sorlin, 2010). Deste modo, os autores alertam para a importância da verificação das fontes, bem como para a necessidade de as confrontar e comparar para maximizar a precisão das narrativas documentadas (Cigognetti & Sorlin, 2010).

Relativamente ao género audiovisual de documentário, Nichols (1991) define-o como uma das formas de representar o mundo dito real através da exibição de histórias, eventos e condições do mundo. Para Bishop (2018), a programação histórica factual pode ser dividida em três categorias, que são *traditional history documentary*, *docu-lite* e *reality history*.

John Corner (2010) é outro autor que categoriza e apresenta quatro modos aos quais o cinema e a televisão podem recorrer na representação de conteúdos de interesse histórico. O primeiro modo é o de comentário. O autor descreve este modo como tendo por base o discurso narrativo, que pode ser combinado com imagens, de modo a fomentar o envolvimento. Para Corner (2010), a vantagem deste modo é a possibilidade de apresentar imagens de arquivo e de, através da narração, fundamentar a história apresentada. O segundo modo proposto pelo autor implica um apresentador, o que confere personalização ao programa (Corner, 2010). É comum que a apresentação seja feita no ambiente histórico que se pretende representar (Corner, 2010). Outro modo apresentado pelo autor é o de testemunho e de entrevistas. O recurso a este modo implica discursos orais de indivíduos que viveram o período histórico em destaque no programa (Corner, 2010), o que proporciona ao espetador uma experiência não só de escuta, como de observação. O último modo que Corner apresenta é o da reconstituição, que tem sido recorrentemente utilizado para representações populares, uma vez que elimina a questão apontada ao documentário histórico de se constituir mais de ausências do que de presenças. A principal crítica apontada a este modo de representação do passado é a medição da veracidade das reconstituições, no sentido de se perceber se há evidências históricas que confirmem o que foi reconstituído, ou se por outro lado se trata de um exercício de criatividade (Corner, 2010).

Corchete (2010) entende que a retórica documental tem duas estratégias principais que são a narração e a dramatização da história, que lhe conferem credibilidade. A primeira estratégia consta da integração de uma voz que comenta a narrativa de forma autoritária e que é legitimada por testemunhas que vivenciaram os acontecimentos narrados; a segunda diz respeito à adoção de uma estrutura dramática que retém o interesse da audiência, que se traduz na customização da história (Corchete, 2010).

Treacey (2016) apresenta as subcategorias que Burgoyne identificou de filmes históricos: filme de guerra, o biográfico, épico, tópico e meta histórico (ibidem: 210). Burgoyne considerou a seguinte definição de filmes históricos:

all ‘dramatic feature films’ that had as their main plot impetus ‘actual historical events, or in which an imagined plot unfolds in such a way that actual historical events are central and intrinsic to the story’ (Treacey, 2016: 212)

Burgoyne contesta esta definição por não incluir qualquer tipo de elementos ficcionais, desde personagens a eventos, nem o modo como os filmes históricos podem remodelar o passado e, através das produções, provocar o debate sobre assuntos contemporâneos (Treacey, 2016: 212).

Pensando agora nos usos da história na ficção televisiva, diga-se que Lopes & Orozco Gómez (2013) entendem que esta pode ser considerada simultaneamente um complexo lugar de memória, arquivo e identidade, pelo que a ficção televisiva assume destaque nos estudos sobre ancoragem de memória social e veículos de identidade. São características da ficção em geral - pelo que a televisiva não seria exceção - que o narrador cumpra o papel de intérprete da sociedade, a narrativa se constitua como produto social e, assim, a sociedade assuma a função de produtora dos discursos narrativos (Barrio, 2009).

Leeuw ocupou-se em investigar o modo como a ficção televisiva histórica holandesa medeia o processo contínuo de construção de memória coletiva. A autora defende que as produções televisivas históricas são um incentivo à lembrança e à preservação da memória de acontecimentos do passado (Leeuw, 2010). A ficção televisiva, quando recria a história, tem o potencial de ampliar o arquivo da memória coletiva, ao revelar uma pluralidade de histórias e de perspectivas sobre um assunto (Leeuw, 2010). Para Barrio, a ficção conjuga características de outros formatos como o cinema e o teatro e, as suas histórias, que podem ser baseadas em personagens reais, são fictícias e retratadas em programas como as novelas, as séries, os filmes, ou as minisséries (Barrio, 2009). Como produtos da ficção televisiva, Burnay (2014) apresenta o filme/série televisiva, em que há uma base histórica que é ficcionalizada e cujo objetivo pode ou não ser corroborar memórias; e o produto audiovisual em que o cenário histórico é real, mas as personagens são fictícias. Neste segundo caso, há liberdade de criação atendendo à ideia de que a ficção vai servir o propósito de um contexto histórico (Burnay, 2014).

1.2.2. A remediação na cultura audiovisual massificada

Para Bolter e Grusin (2000), a remediação refere-se ao modo como os novos media surgem e incorporam características de media já existentes, pelo que, na sociedade atual, nenhum *medium* pode ser perspectivado de forma singular. Segundo os autores, este é um processo que se rege pelo imediatismo e pela hipermediação (Bolter & Grusin, 2000). O imediatismo diz respeito à sensação de estar diretamente envolvido com o conteúdo dos media, sem a sensação de que este esteja a ser mediado por tecnologia. No fundo, trata-se da busca pela experiência real e imediata (Bolter & Grusin, 2000). Em contrapartida, o conceito de hipermediação refere-se à acentuação da noção de que uma experiência está a ser mediada através de meios tecnológicos. Esta abordagem pode parecer contraditória à do imediatismo, contudo trata-se de duas estratégias distintas de conferir envolvimento e imersão à experiência que a audiência tem (Bolter & Grusin 2000). O hipermediatismo, que se caracteriza pela vontade de transpor os limites da representação e de atingir o real (Bolter & Grusin, 2000), evidencia a multiplicidade de camadas que os media digitais proporcionam na experiência mediada.

Os autores avançam três concepções de remediação. Na primeira, a remediação é vista como a mediação da mediação, no sentido em que para além de os novos media remediarem os meios anteriores, medeiam a própria mediação, moldam o modo como as formas de media são experienciadas (Bolter & Grusin, 2000). Outra é a visão da remediação como a inseparabilidade de mediação e realidade. Nesta, para além da incorporação de características dos antigos media, os novos media reconfiguram a perceção da audiência sobre a realidade, refazendo a sua compreensão sobre a própria realidade (Bolter & Grusin, 2000). Por último, a remediação como reforma que é o processo de revisão das formas dos media existentes, procedendo ao aprimoramento de características e práticas existentes (Bolter & Grusin, 2000). Neste contexto, a introdução de um novo medium justifica-se por vir reparar uma lacuna de um medium já existente e, assim, corrigir e reformar as falhas dos que o antecedem (Bolter & Grusin, 2000).

A remediação é uma característica inerente aos novos media digitais e a televisão, para sobreviver, necessita de se sujeitar a esse processo (Bolter & Grusin, 2000). A televisão começou por remediar o cinema através de géneros como o drama, a comédia, o faroeste e o mistério (Bolter & Grusin, 2000). Os autores apresentam alguns estilos de remediação que

se constata na televisão. O primeiro é o imediatismo cinematográfico, na medida em que é comum que a televisão faça a remediação do cinema, tentando aproximar-se à estética cinematográfica. Esta remediação pretende criar uma experiência mais imersiva e envolvente para o espetador (Bolter & Grusin, 2000). A hipermediação televisiva é outro estilo; neste recorre-se à apresentação de múltiplas camadas informativas visuais e sonoras que complementam o conteúdo principal a comunicar (Bolter & Grusin, 2000). A remediação por parte da Internet e dos videojogos é outro dos estilos apresentado, uma vez que estes remediaram a televisão, que passou a incorporar elementos interativos inspirados nestes novos media. Por fim, a fragmentação narrativa que se traduz na divisão de programas, na adoção de segmentos não lineares e na multiplicidade de enredos (Bolter & Grusin, 2000).

1.2.3. O contexto português

Tanto o cinema como a televisão, nomeadamente a de serviço público, assumem um papel determinante na transmissão de perspetivas acerca do presente e do passado, de modo factual, através de documentários, por exemplo, mas também ficcionais, com recurso a séries (Burnay et al., 2014^a). Os anos 70 assumem-se fulcrais na evolução do panorama televisivo português, época em que é transmitida a primeira telenovela brasileira *Gabriela*, que criou empatia e despertou o interesse e o fascínio do público pelo formato (Burnay et al., 2014^a; Cunha, 2004; Sobral, 2013). Tanto a telenovela *Gabriela*, como o concurso televisivo *A visita da Cornélia* contribuíram para aumentar a importância da televisão em Portugal, bem como para a emergência de uma sociedade centrada no consumo mediático e, em particular televisivo, que perdura até à atualidade (Cunha, 2004; Sobral, 2013). É nos anos 80 que, para além das emissões a cores, surgem as primeiras telenovelas portuguesas, que vieram reforçar o interesse dos portugueses pelo formato (Sobral, 2013). Nos anos 90, o papel que a televisão assumia na sociedade portuguesa alterou-se, na medida em que, com o aparecimento dos canais privados, o monopólio do mercado televisivo pelo Estado termina (Sobral, 2013). No que respeita à produção de conteúdos televisivos de ficção, esta foi desde sempre relevante nas grelhas de programação dos canais portugueses (Burnay, 2014). O crescimento da telenovela em Portugal, a par com o surgimento dos canais de televisão privados,

transformou o panorama televisivo: o horário nobre foi alargado, as receitas por via do investimento publicitário aumentaram e o número de produções nacionais também cresceu (Burnay, 2014).

Desde que a RTP iniciou as suas emissões regulares, a ficção integrou a grelha de programação (Burnay, 2014). Na última década, as séries portuguesas sobre os acontecimentos mais relevantes da história de Portugal dominaram a televisão portuguesa (Dahl, 2017). Quanto à estação de serviço público, para além de apostar em comédias, séries e telenovelas, a RTP destaca-se por transmitir minisséries, sobretudo as de época (Sobral, 2013). Relativamente aos canais privados portugueses, estes geralmente privilegiam histórias emocionantes, ou a exploração da vida privada de personalidades como Salazar (Burnay & Ferin Cunha, 2013; Rueda Laffond et al., 2013). De forma geral, o panorama televisivo português é bastante marcado pela aposta no entretenimento, com destaque para a ficção, *talkshows* e telenovelas, bem como pela preferência por produções nacionais, muito embora os formatos importados integrem a oferta programática (Sobral, 2013). De entre as produções televisivas de ficção histórica, o género que predomina é o dramático (Burnay, 2014). É de mencionar que as telenovelas são produtos televisivos que conseguem maior atenção por parte das audiências, porém, os conteúdos históricos, mesmo quando são ficcionais, nem sempre conseguem bons resultados de audiência (Burnay, 2014).

Eduardo Cintra Torres e Catarina Duff Burnay dedicaram-se ao levantamento e análise das produções audiovisuais históricas ficcionais em Portugal. Segundo os autores, no que respeita ao cinema mudo, analisado entre 1909 e 1931, os filmes com teor histórico correspondem a 17% da produção para cinema mudo ficcional (Torres & Burnay, 2014). Quanto ao período histórico a que se referem, a maioria retrata o século XIX. Os produtos audiovisuais analisados, de modo geral, representam a vida social urbana ou rural e distanciaram-se da representação da vida política (Torres & Burnay, 2014).

Quanto à produção para cinema sonoro de filmes de ficção histórica, foram identificados 24 no período entre 1931 e 1957 (Torres & Burnay, 2014). Doze destes filmes resultaram de adaptações de obras literárias de autores portugueses, enquanto a outra metade constava de argumentos originais (Torres & Burnay, 2014). A representação do século XIX foi feita em doze dos filmes, o que segundo os autores se justifica pela proximidade temporal e pela facilidade com que o público se identifica com as obras literárias (Rueda Laffond et

al., 2013; Torres & Burnay, 2014). Quanto às temáticas abordadas, a vida social foi a que predominou (Torres & Burnay, 2014). É de mencionar que este retrato da vida social procurou não abordar os assuntos da esfera política (Torres & Burnay, 2014), característica que perdurou durante o Estado Novo (Baptista, 2009).

Relativamente ao teleteatro, este foi um género com grande popularidade até à década de 80 (Torres & Burnay, 2014). No entanto, com o aparecimento das telenovelas em 1977, o teleteatro foi perdendo a importância para as audiências (Torres & Burnay, 2014) e, consequentemente, para os decisores de programação. Das 103 peças de teleteatro produzidas entre os anos de 1958 e 1974, 38 são de autoria portuguesa, tendo 17 destas um conteúdo histórico. O século XVI é o que tem maior presença, o que, segundo os autores, se deve às adaptações das obras literárias de Gil Vicente e Almeida Garrett.

Concretamente sobre a ficção televisiva, este é um género que sempre se destacou nas grelhas de programação dos canais de televisão (Torres & Burnay, 2014). Entre 1990 e 2013, foram identificados 58 produtos de ficção histórica, sendo que a maioria respeita a argumentos originais inspirados em épocas e factos históricos, e 17 são adaptações de obras literárias (Torres & Burnay, 2014). O século XX foi o mais representado, nomeadamente as décadas de 60 e 70; o princípio do século e a década de 20; e as décadas de 40 e 50. Estes períodos temporais correspondem aos principais momentos de mudança no que respeita à política, economia e sociedade em Portugal identificados por Torres e Burnay, que são o fim da ditadura e as suas consequências para a sociedade; a Primeira República, em que predominava um ambiente governamental instável; e o período dominado pelo Estado Novo (Torres & Burnay, 2014). Também por isso, as temáticas que se destacam nos produtos de ficção histórica são as duas grandes Guerras, a guerra colonial, bem como os movimentos de oposição ao Estado Novo e luta dos apoiantes da monarquia e da República.

Em Portugal foram destacadas as produções de ficção histórica que recordam acontecimentos chave da história político-social nacional (Lopes & Orozco Gómez, 2013). Entre o “drama de época” e o “drama histórico”, o segundo tem maior probabilidade de contribuir para uma “memória social” histórica junto da audiência, na medida em que se aproxima de forma mais acentuada de um evento específico do passado. Em contrapartida, o “drama de época” destaca-se pela inovação, na medida em que cria personagens fortes e se baseia numa “trama cativante” (Torres & Burnay, 2014: 39). Os autores argumentam que

o cinema foi utilizado para reforçar a identidade nacional portuguesa, na medida em que se verificaram mais “dramas históricos” do que “dramas de época” (Torres & Burnay, 2014: 34).

Pela proximidade geográfica, mas também pelas semelhanças político-sociais, Portugal e Espanha foram comparados no que respeita à produção de ficção histórica. O panorama global dos países assemelha-se no sentido em que ambos recorreram a programas de ficção para retratar grandes acontecimentos do país que geraram empatia e emoção (Rueda Laffond et al., 2013). Para além disso, os dois países também recorreram a produções adaptadas de formatos estrangeiros como é o caso da série *The Wonder Years* que serviu de inspiração para a versão espanhola de *Cuéntame cómo pasó*, que por sua vez foi posteriormente adaptada em Portugal para “Conta-me Como Foi” (Rueda Laffond et al., 2013; Dahl, 2017). A versão espanhola, que fez sucesso no canal público TVE, foi a primeira série televisiva a tratar o período de transformação política em Espanha, do franquismo à democracia (Rueda Laffond et al., 2013; Lopes, 2014). A série abrange diversos públicos uma vez que permite recordar a história pessoal dos que vivenciaram a época transmitida e, em simultâneo, ensina às gerações mais recentes um período histórico do seu país (Barrio, 2009).

Para Dahl (2017), a análise das duas versões da série permite compreender o poder que os media têm em reprimir a expressão das identidades nacionais de cada país, supostamente únicas, que neste caso se entrecruzam. Na série espanhola é possível acompanhar o dia-a-dia dos Alcántara, uma família de classe média. Os membros da família criaram junto do público grande afinidade, o que justificou a adaptação da versão espanhola à portuguesa (Lopes, 2014; Rueda Laffond et al., 2013). Assim, “Conta-me Como Foi” acompanha a vida da família Lopes, também de classe média, desde o período de ditadura Salazarista até ao ano de 1987. Tanto a versão espanhola como a portuguesa fazem uso da história enquanto testemunho e motor do desenrolar da narrativa, o que também se justifica pela ausência de referências aos chefes de Estado espanhol, Francisco Franco, e português, António Salazar, sendo uma família anónima que, através do seu quotidiano, revela a situação político-social do país (Lopes, 2014; Rueda Laffond et al., 2013). É de mencionar que a versão portuguesa não revela de forma tão evidente as opiniões que a população portuguesa tinha sobre o chefe de Estado (Dahl, 2017). Nas duas versões, o narrador é uma

criança de oito anos, o Carlos, o membro mais novo das famílias Alcántara e Lopes, contudo a narração dos acontecimentos acontece com a personagem em adulto, e não nos anos 60 (Lopes, 2014; Rueda Laffond et al., 2013). A credibilidade da narração é conseguida uma vez que a personagem de Carlos terá vivido aquelas situações que conta aos espetadores, pelo que a dramatização é de factos reais e não de interpretações de infância (Rueda Laffond et al., 2013). Considerando a abordagem de Halbwachs, Rustamova (2019) entende que este é um dos tipos de memória utilizado para representar os acontecimentos históricos na série – a memória individual –, trata-se das lembranças de Carlos. Ainda assim, é importante sublinhar que a narração é baseada nas lembranças de Carlos numa vertente familiar, mas também inclui uma dimensão coletiva do retrato do país, pois tal como defende Halbwachs não é possível dissociar memória individual e memória coletiva (Halbwachs, 1990; Rustamova, 2019). O outro tipo de memória que a autora considera é a histórica que é transmitida pelas imagens de arquivo documental que integram a série através de montagens (Rustamova, 2019).

A credibilidade da versão portuguesa, para além da narração, foi conseguida através da adaptação da narrativa à linguagem nacional e de época, das imagens de arquivo documental que legitimam os acontecimentos de cada episódio, do guarda-roupa, dos produtos utilizados pela família que atribuem verosimilhança ao enredo (Lopes, 2014; Rueda Laffond et al., 2013; Dahl, 2017). Relativamente à adaptação da linguagem nacional, está é considerada ao pormenor e um exemplo disso diz respeito ao gosto dos portugueses por um bom café – na versão espanhola é dito “*dos cafés*” e na versão portuguesa pode escutar-se “dois cafés bem tirados”, ao invés de apenas “dois cafés” (Dahl, 2017: 202). Dahl (2017) considera que esta é uma técnica a que se recorreu para que os espetadores assimilassem a experiência de visualização como única. Contudo, para a autora, não passa de uma cópia da versão espanhola (Dahl, 2017). Quanto às imagens de arquivo, estas são por vezes manipuladas e os atores da série surgem nelas. Dahl (2017) argumenta que é esta ligação entre a história da ficção e as imagens de arquivo históricas que confere tamanha credibilidade à série. A linguagem fílmica, que recorre ao tratamento de cor, remetendo para o passado, confere veracidade à narrativa e aproxima o público do documental (Lopes, 2014).

Em suma, se por um lado as duas versões da série resultam como veículos da história sociopolítica de Espanha e Portugal, contada através do quotidiano de uma família; por outro, deve reconhecer-se que o surgimento destas séries se dá na condição de memórias mediáticas, construídas a partir de um modelo internacional e atendendo a estratégias para o sucesso do produto audiovisual (Dahl, 2017).

2. A receção histórica e a receção da história representada no audiovisual

A receção mediática tem ao longo do século XX sido foco de vários estudos no âmbito das Ciências da Comunicação. Resulta desse manancial de estudos a constatação da complexidade dos processos de receção, decorrente dos múltiplos fatores e variáveis que a definem. Quando se aborda a representação da história no audiovisual, o fenómeno da receção ganha uma dimensão adicional. A televisão e o cinema não só reconstituem os eventos históricos, como também moldam a perceção do público sobre esses eventos. Algumas das problemáticas avançadas pelos teóricos deste ramo da comunicação dizem respeito à fidelidade histórica, à dramatização e, de forma mais abrangente, ao modo como as narrativas históricas contribuem para a construção do conhecimento histórico e para as leituras da audiência a respeito dos eventos narrados.

Assim, para que se possa explorar estas temáticas, na primeira parte deste capítulo procurar-se-á descrever o percurso evolutivo desde os estudos dos efeitos dos media às abordagens à receção. A segunda parte diz respeito à receção da história no audiovisual, em concreto no cinema e na televisão, e para expor esta temática com maior rigor, começar-se-á pelo caso concreto da ficção televisiva para, posteriormente, se abordar o contexto português de receção destes conteúdos.

2.1. Dos estudos de receção à receção histórica dos media

A preocupação com os efeitos dos media é comum a vários teóricos das Ciências da Comunicação. Na década de 20, nos Estados Unidos, a emergência dos media e de uma sociedade de consumo, bem como de Estados totalitários que faziam uso da propaganda, levou à conceptualização da teoria hipodérmica. A base desta teoria é a psicologia behaviorista (Wolf, 1999), na medida em que Lasswell considerava que a propaganda através dos meios de comunicação tinha efeitos imediatos e incontrolláveis na audiência (Mattelart & Mattelart, 1997). Contudo, depois de apontadas limitações a esta teoria, tais como as características individuais dos recetores e as suas experiências vividas, Lasswell avança um modelo comunicacional – “who says what in which channel to whom with what effects?” – que combina emissor (quem), mensagem (diz o quê), meio (através de que meio), recetor (a quem) e efeitos (com que efeitos) (Mattelart & Mattelart, 1997; Rogers, 1986).

A Segunda Guerra Mundial levou ao crescimento dos estudos no âmbito do poder dos media na sociedade, uma tendência denominada de Pesquisa Administrativa Americana (Mattelart & Mattelart, 1997). Paul Lazarsfeld é considerado um dos fundadores desta corrente teórica (Rogers, 1986) ao apresentar um estudo cuja abordagem se distancia da relação entre propaganda de massa e manipulação da audiência e se foca no processo de mediação de influência entre dinâmicas sociais e processos de comunicação (Wolf, 1999). Desta teorização surge a hipótese de que o fluxo comunicacional tem duas etapas, uma primeira em que os líderes de opinião atuam ao receber e interpretar a informação produzida pelos media e uma segunda, em que os membros de uma comunidade recebem essa informação interpretada e, assim, formam as suas opiniões em função tanto dos media, quanto dos líderes de opinião (Katz, 1957). Esta hipótese teórica é relevante pela importância que os líderes de opinião assumem na influência que têm sobre o público e sobre as suas interpretações de mensagens mediáticas.

A par com a investigação norte-americana, na Europa também surgiram correntes de pensamento tais como a Escola de Frankfurt, de que Adorno e Horkheimer (1947) faziam parte. Os autores apresentam o conceito de “indústria cultural” como a cultura que surge de forma espontânea a partir das massas (Adorno & Horkheimer, 1947). Os frankfurtianos defendem que os indivíduos deixam de agir autonomamente, que a audiência é manipulada e que a atividade mental dos sujeitos é impedida, na medida em que os media atuam como agentes da barbárie cultural, resultando em veículos propagadores da ideologia das classes dominantes (Adorno & Horkheimer, 1947).

O ângulo de abordagem altera-se quando o foco deixa de ser o uso que os media fazem dos indivíduos, passando a ter mais relevância o uso que a sociedade faz dos media (Katz et al., 1974). É neste contexto que a pesquisa no âmbito dos usos e gratificações ganha destaque, uma vez que, em primeiro lugar, considera o papel ativo das audiências na utilização dos meios de comunicação de massa com um determinado propósito (Katz et al., 1974). Para os teóricos deste modelo comunicacional, é ao destinatário das mensagens mediáticas que compete a decisão de relacionar a satisfação das necessidades com o meio escolhido para o efeito (Katz et al., 1974). Entre outras considerações, importa ainda reter que existe um leque variado de alternativas aos media na satisfação de necessidades, pelo que as dos meios de comunicação são apenas um segmento (Katz et al., 1974). Ao escolher

assistir a um canal televisivo, o recetor está a atuar autonomamente sobre a decisão (Rodrigues, 2009). Importa ainda salientar que a necessidade mais satisfeita pelos meios de comunicação de massa insere-se nas sociopolíticas, tanto a nível cognitivo – de informação – como a nível de integração na sociedade, pela partilha de valores (Rodrigues, 2009). Herta Herzog (1941) foi pioneira no estudo dos usos e gratificações ao investigar o modo como a audiência feminina na década de 40 usava os média, em particular as radionovelas, para satisfazer as suas necessidades (Liebes, 2003). Herzog apresentou uma perspetiva inovadora ao expor evidências de que as ouvintes de radionovelas integravam as histórias nas suas vidas, ao invés de serem meras consumidoras destes conteúdos (Liebes, 2003). A autora apresenta três tipos de gratificação principais (Herzog, 1941). Em primeiro lugar, a escuta das histórias proporciona às ouvintes libertação emocional, quer por lhes permitir chorar, como por lhes permitir sentir uma experiência que as suas vidas não possibilitam, como ainda pela hipótese de compensarem os problemas pessoais ao esgotarem a sua agressividade. O segundo tipo de gratificação deve-se à sensação de uma vida nova, na medida em que há ouvintes que se sentem elas próprias personagens da história e tomam a história como um substituto da sua realidade, tornando-a uma experiência vivida (Herzog, 1941). O terceiro tipo de gratificação sentida pelas ouvintes, nomeadamente por aquelas que não se sentem parte integrante da história, deve-se à possibilidade que identificam de as histórias servirem para melhorar as suas vidas em diversos âmbitos – seja por preencherem o dia-a-dia, por oferecerem pistas de soluções que podiam aplicar para resolver as suas próprias preocupações, ou por darem sentido às suas próprias vidas (Herzog, 1941).

Em Inglaterra, nos anos 50 e 60, surge a corrente teórica dos estudos culturais cujas preocupações são a articulação entre as relações dos sistemas mediáticos e as demais instituições sociais, bem como os reflexos dessas relações no funcionamento e nos confrontos dos media (Wolf, 1999). Para Stuart Hall, o principal paradigma que distingue os estudos culturais da teoria crítica, que entende que a sociedade é dominada e submetida por completo ao poder do capitalismo e dos media, é a ideia de que existe conflito e disputa da hegemonia por classes, numa sociedade que não é harmoniosa, em que há dominação enquanto processo e disputa, mas não como algo imutável (Hall, 1980). É no âmbito dos estudos culturais que Stuart Hall avança uma proposta sobre a receção que se foca no modo como o recetor recebe uma mensagem e lhe dá significado, por entender que as mensagens mediáticas contêm diversos sentidos e permitem interpretações variadas, consoante o recetor

(McQuail, 2003). A formulação da hipótese de receção por Hall deriva da convicção que o autor tem de que as mensagens, no seu trajeto entre emissor e recetor, sofrem transformações (McQuail, 2003). Stuart Hall teve ainda por base o contributo da semiologia, no sentido em que os semióticos entendem a mensagem como sendo composta por sinais denotativos ou conotativos, consoante o codificador (McQuail, 2003).

Para Stuart Hall, a linguagem atua como um sistema de representação (Hall, 1997) e são os participantes de uma cultura que atribuem significado às pessoas, aos objetos e aos eventos. O autor defende que o significado das coisas depende do modo como estas são representadas. O significado é algo em constante atualização, na medida em que é trocado em cada interação pessoal e social. Para além de ser produzido na expressão dos indivíduos, no consumo e nas apropriações culturais, o significado é também produzido a partir de vários media, em particular dos media de massa (Hall, 1997).

A representação é uma parte essencial do processo através do qual o significado é produzido e trocado entre membros de uma cultura. Hall apresenta três teorias a partir das quais a representação é abordada, são elas a refletiva, a intencional e a construtivista. Na refletiva o autor questiona “a linguagem simplesmente reflete um significado que já existe no mundo dos objetos, pessoas e eventos?”. Já na intencional a questão é “a linguagem expressa apenas o que o orador, escritor ou pintor quer dizer, o seu significado pessoalmente pretendido?”. A construtivista pretende ver respondida a seguinte questão: “o significado é construído na e através da linguagem?”. O autor foca-se na construtivista e reconhece que nem as coisas por si só, nem os utilizadores da linguagem podem fixar o significado na linguagem. Ao invés disso, através de sistemas de representação (conceitos e signos), constrói-se o significado das coisas (Hall, 1997). Assim, o autor entende a representação como o processo de produção de significado de conceitos na mente, através da linguagem. Hall considera que é a ligação entre os conceitos e a linguagem que permite distinguir o mundo “real” dos objetos, pessoas e acontecimentos, do mundo composto por imaginários de objetos, pessoas e acontecimentos fictícios (Hall, 1997: 17).

Hall (2003) avança três posições hipotéticas a partir das quais a descodificação de um discurso televisivo pode ser construída, atendendo ao modelo proposto pelo autor de “encoding/decoding”. Uma primeira posição é a hegemónica-dominante, que ocorre quando o telespetador descodifica a mensagem de acordo com o sentido referencial com que a

mensagem foi codificada (Hall, 2003). Neste caso verifica-se um cenário ideal, em que há uma “comunicação perfeitamente transparente” (Hall, 2003: 399, 400). Um segundo caso dá-se quando se verifica um código negociado, ou seja, quando descodificar contém tanto elementos de adaptação como de oposição (Hall, 2003). Quando se constata um código de oposição, o recetor interpreta a mensagem de forma distinta à que o conteúdo foi comunicado (Hall, 2003).

Pertti Alasuutari propõe três gerações de estudos de receção e etnografias de audiências. A primeira geração remonta ao trabalho de Hall, tratando-se de um modelo que aproxima a comunicação de massa de um processo através do qual as mensagens são enviadas e posteriormente recebidas com certos efeitos (Alasuutari, 1999). Contudo, estes efeitos distanciam-se de uma abordagem comportamental de estímulo-resposta, uma vez que dependem da interpretação que os recetores fazem das mensagens dos media (Alasuutari, 1999).

A segunda geração proposta por Alasuutari (1999) refere-se ao modelo da etnografia da audiência, que surge com as mudanças no paradigma da receção. Em primeiro lugar, assistiu-se à diminuição do interesse pela receção de programas televisivos sobre assuntos públicos e ao aumento do interesse por programas de ficção. Verificou-se também o interesse crescente nas funções da Televisão, ou seja, sobre as suas utilizações sociais. Este facto pode fazer crer tratar-se de uma atualização do modelo dos usos e gratificações, no entanto este interesse nas utilizações sociais do meio tem como foco o modo como a “televisão reflete e reproduz relações de poder na vida familiar” (Alasuutari, 1999: 5). David Morley é um dos autores cujos estudos se inserem nesta segunda geração. Em conjunto com Charlotte Brunsdon (1999), Morley desenvolveu uma investigação que se focava no programa televisivo “Nationwide” e consistia numa análise textual ao mesmo. Posteriormente, Morley aprofundou a pesquisa anteriormente desenvolvida sobre este programa de televisão, acrescentando-lhe uma vertente etnográfica, ao estudar o modo como “Nationwide” era recebido e percebido por diferentes audiências (Morley, 1999). O autor desafiou a visão tradicional que considerava que os media tinham um efeito imediato e uniforme sobre os espetadores, ao atribuir o foco ao recetor e às suas características, demonstrando que as interpretações dos conteúdos mediáticos não são homogéneas e que não dependem apenas

da mensagem, tal como sugeria Hall, mas que variam de acordo com contextos sociais e culturais dos recetores (Morley, 1999).

No âmbito dos estudos etnográficos das audiências, é também de destacar o contributo de Ann Gray (1992) cuja investigação se centrou no impacto do gravador de videocassete nas práticas de consumo e na dinâmica familiar. A autora procurou saber de que modo é que a utilização desta tecnologia, que permitia gravar programas televisivos para ver *a posteriori*, estava dependente de questões de género (Gray, 1992). Efetivamente, as dinâmicas de género estavam relacionadas com a utilização desta tecnologia de lazer, na medida em que a sua utilização não era neutra e reforçava a dependência feminina da figura masculina, para além de outros fatores sociais e culturais que também tinham influência no uso deste aparelho (Gray, 1992).

A terceira geração, que Alasuutari (1999) entende que deve ser interpretada como uma tendência emergente, centra-se na questão de quais são os interesses culturais à volta do uso dos media e das mensagens dos media. O trabalho de Marie Gillespie (1989) merece destaque neste âmbito por considerar que os media audiovisuais são uma poderosa ferramenta na negociação das identidades culturais – o estudo desta autora incide em comunidades sul-asiáticas que vivem no Oeste de Londres e no modo como estas utilizam os media para manter e adaptar as suas tradições culturais. Na sua investigação, Gillespie (1989) problematiza o conceito de terreno etnográfico questionando a conceção tradicional de um espaço geograficamente delimitado, adicionando-lhe uma vertente simbólica e mediática, que vai além do espaço físico. Além disso, Gillespie (1989) problematiza o conceito de audiência, que considera estar ativamente envolvida na interpretação e reinterpretação dos conteúdos mediáticos e fazer uso dos conteúdos para fins de construção de identidade e coesão social. Couldry (2004) alerta para que o facto de se continuar a utilizar o conceito de “audiências” possa disfarçar as transformações em vigor na terceira geração, uma vez que para o autor este termo implica uma visão passiva dos consumidores dos media, enquanto a realidade contemporânea revela um papel ativo e até interativo das pessoas na cultura dos media, tal como evidencia Gillespie (1989).

É nesse sentido que Couldry (2004) encara os media enquanto práticas sociais e culturais ao invés de textos ou produtos económicos e estabelece uma crítica ao paradigma tradicional que considera os media enquanto veículos de mensagens e significados, ao

argumentar que, se assim for, a compreensão das interações mediáticas no quotidiano dos indivíduos torna-se limitada. Bird, cuja investigação também se centra na interação entre as audiências e os meios de comunicação, acrescenta a seguinte questão: “como é que os media estão incorporados no quotidiano das práticas culturais e comunicativas?” (Bird, 2009: 90). Na perspetiva da autora, é fulcral tanto uma análise textual como etnográfica para que se possa compreender de facto a cultura e o papel dos media nesta (Bird, 2009). Bird (2009) considera que a audiência é ativa, no sentido em que não se limita a consumir determinados conteúdos mediáticos, mas articula a sua vida entre os media e utiliza-os para construir as suas visões do mundo. Ora, partindo desta noção ativa de audiência, Bird (2009) sugere uma abordagem que combine análise dos textos e etnografia para uma compreensão verosímil do contexto das práticas mediadas.

No contexto Latino-Americano, Martín-Barbero (1997) introduz o conceito de mediações que vem negar o controlo hegemónico dos media e das indústrias culturais sobre o popular. Para o autor, o desenvolvimento dos conteúdos deve-se mais às formas de apropriação destes, ao invés de se focar nas novas tecnologias. Martín-Barbero (1997) defende que é nas interações entre os processos de produção, as indústrias culturais e os processos que as audiências constroem e reconstroem, atendendo aos seus interesses, as suas identidades singulares e coletivas.

O autor retoma a ideia de Edgar Morin de que o cinema até à década de 50 do século XX se constituía como o meio que edificou a cultura de massa. O cinema funcionava como mediador da sociedade e dos hábitos e rotinas das audiências, o que resultava numa experiência de autoconhecimento – “as pessoas vão ao cinema para se verem” (Martín-Barbero, 1997: 231). A função do cinema era então a representação simbólica de uma nação (Martín-Barbero, 1997).

Orozco Gómez dedicou parte do seu trabalho à reflexão dos conceitos que Martín-Barbero introduziu no estudo da história dos media e avançou a ideia de que os sujeitos que são audiência e as múltiplas mediações existentes nos processos de assistir a programas de televisão os tornam “televidentes” (Orozco Gómez, 2001). O autor defende que existem vários tipos de mediações. Um primeiro, ao qual chama micro-mediações, traduz-se na individualidade de cada sujeito, isto é, nas características próprias de cada indivíduo. Um segundo tipo é a “*televidencia*” de primeira ordem, ou seja, o ato de, em frente ao ecrã, a

audiência assistir ao programa. Existem as de segunda ordem, que se categorizam em subsequentes tais como secundárias e terciárias, que vão além do ato de assistir televisão e que podem referir-se a um contacto direto ou indireto, que pode ser audiovisual ou simbólico (Orozco Gómez, 2001). Ainda, as macro-mediações que se definem como as identidades que se reconstroem a partir do audiovisual (Orozco Gómez, 2001).

Orozco (2012) define as audiências como seres comunicantes que são mediados por tecnologia nas interações sociais e, para além disso, por representações da realidade de cariz audiovisual. O autor considera o poder que a televisão tem na mediação, uma vez que se assume central na contemporaneidade. Na sua investigação, Orozco procurou compreender a receção televisiva enquanto processo que engloba tanto a televisão como a cultura nas mediações entre a audiência e a televisão. A televisão é comumente descrita como um meio de informação e entretenimento que espelha a realidade e que permite uma visão sobre o mundo, contudo a televisão constitui-se como um meio de comunicação com características que a tornam uma instituição social (Orozco Gómez, 2012). A televisão dispõe de características tecnológicas específicas como a verosimilhança no discurso que apela à emotividade da audiência, tornando o seu discurso credível e convidativo, tanto através de argumentos racionais, como pelo apelo às emoções. O discurso televisivo é composto por múltiplas características, tais como movimentos de câmara, ângulos de filmagem e efeitos sonoros, que atuam como constituintes de significado.

Orozco (1991) apresenta a visão de Fiske (1987) que defende que o real não existe por si só enquanto forma cultural de perceção da realidade, mas define-se como o que é percebido de uma determinada forma e, no caso da televisão, deriva também do que é transmitido através de uma certa perspetiva. Assim, percebe-se a importância que a forma como se vê televisão tem na negociação entre os significados transmitidos e os que a audiência recebe. Fica assim claro que o encontro entre audiência e televisão não se dá no vazio e que a audiência não vê televisão com a mente em branco, mas com construções previamente criadas (Orozco, 1991).

O autor defende que as audiências são segmentadas pelo tipo de negociação que estabelecem com o conteúdo televisivo e pela capacidade que têm de criar significados próprios a partir do contacto com o conteúdo (Orozco Gómez, 1991). Além disso, Orozco (1991) entende que um fator que influencia este processo de negociação e futura produção

de significados é o condicionamento das mediações. As audiências televisivas são mediadas de múltiplas maneiras, que, por sua vez, provêm de várias fontes. Algumas dessas mediações são inerentes ao próprio sujeito televisivo que tem características e condicionantes genéticos e socioculturais; outras devem-se ao discurso televisivo; à situação em que o encontro e a negociação da audiência e da televisão se estabelece; e ainda a fatores institucionais e estruturais do ambiente em que a audiência interage.

Orozco (1991) apresenta a mediação cognitiva que é composta por esquemas mentais e repertórios. Os esquemas mentais dizem respeito à estrutura mental que os indivíduos têm e que atua no processo de aprendizagem. O esquema mental funciona como categoria antecipatória que estimula o sujeito a procurar uma certa informação. Funciona também como guia na seleção ou rejeição dessa informação. Ainda, serve de avaliação da informação selecionada e auxilia no armazenamento dessa na memória. Por último, dá a possibilidade ao indivíduo de recuperar uma informação da memória e conectá-la com novas que possam ser associadas.

Já o repertório é definido por Orozco (1991) como sendo composto por significados, códigos e atua como marco de referência para interpretar os significados, uma vez que, tal como mencionado anteriormente, a realidade não tem significado por si mesma, o que torna fulcral que o sujeito consciente que percebe a realidade lhe atribua o seu próprio significado, dando-lhe sentido. O repertório forma-se nas interações sociais dos sujeitos com outros agentes. Tal como os esquemas mentais, os repertórios não são estáticos, alteram-se e modificam-se com o tempo quando se dão novas interações e aprendizagens. A principal diferença entre os constituintes da mediação cognitiva é que os repertórios fazem referência mais aos conteúdos que conhecem do que à estrutura cognitiva que permite conhecer. Fuenzalida (1986) defende assim que os indivíduos que têm maior capital cultural, com mais repertórios, são aqueles que estão mais preparados para ser recetores críticos dos conteúdos televisivos (Orozco Gómez, 1991: 118).

Para além das mediações cognitivas, Orozco introduz as mediações institucionais que dizem respeito ao facto de o sujeito que é audiência nunca ser só isso enquanto agente social, mas também membro de uma família, ter grupos de amigos, religião, entre outras relações em que troca e produz significados, dando sentido à sua interação. A mediação institucional

assume-se assim como o esforço de dar significado aos guiões do sujeito audiência, atendendo à intenção particular de cada instituição (Orozco Gómez, 1991).

2.2. A receção da história no cinema e na televisão

A crescente popularização da televisão na Europa nos anos 60, como meio de comunicação central, deu poder às narrativas históricas, ao passarem a dispor de um novo e poderoso meio de mediação (Bondebjerg, 2020). No contexto europeu, as coproduções e a distribuição de narrativas televisivas de cariz histórico além-fronteiras contribuíram para um sentimento de herança partilhada (Bondebjerg, 2020). As narrativas históricas constituem-se para os espetadores como referência na construção da memória e, em simultâneo, podem espoletar o debate sobre acontecimentos do passado histórico (Bondebjerg, 2020). Torna-se comum que as narrativas visuais tenham uma grande influência positiva na memória dos espetadores, uma vez que contêm imagens, narrativas e geram identificação emocional (Bondebjerg, 2020). É justamente devido a estas características que os mais jovens assumem que grande parte do conhecimento histórico que têm é adquirido através da televisão e do cinema (Burnay et al., 2014). A televisão é considerada um espaço de revisitação que, ao proporcionar a evocação da memória, permite à audiência regressar ao passado e até construir novas memórias (Junior, 2019).

No contexto europeu, encontram-se exemplos de produtos cinematográficos que retratam a realidade histórica de uma nação (Capucho, 2014) e Eley (2001) explora o modo como o cinema britânico contribuiu para moldar a memória coletiva da Segunda Guerra Mundial, um acontecimento histórico amplamente retratado em obras cinematográficas. O autor argumenta que o cinema é um poderoso instrumento de criação de história e que, muito embora as histórias possam não primar pela verdade, está patente uma abordagem mais intimista e quotidiana, que permite aos espetadores uma reflexão sobre os acontecimentos retratados, incitando a discussão sobre estes (Eley, 2001). Outro exemplo que retrata a relevância do cinema na construção de memórias e aquisição de conhecimentos é o que avança Valdigem Pereira (2013) na exposição do caso de mulheres de origem sul-asiática no Moçambique colonial que conheceram os costumes e identidade indianos através do cinema. Capucho (2014) identifica uma alteração no paradigma cinematográfico quando os produtos fílmicos abordam um aspeto histórico através da ficção com a finalidade de dar a conhecer ao público a realidade de um tempo passado. Gudehus destaca, ao analisar a

recepção de “Hotel Ruanda” - um filme que retrata o genocídio de 1994 -, que esta obra contribuiu para que a população em geral acesse a informação sobre este evento histórico, contribuindo para a formação da memória e refere que, no seu entender, o contexto e a personalidade do público são características dominantes no modo como os espetadores entendem um acontecimento histórico, ao invés da própria narração do evento e das imagens que o filme reproduz (Gudehus et al., 2010).

2.2.1. O caso da ficção televisiva

A mente humana consegue formular narrativas, uma capacidade que se verifica tanto em situações da vida quotidiana, como no que diz respeito à visualização de géneros documentais e ficcionais (Bondebjerg, 2020). A ficção assume um papel de destaque uma vez que é associada à ideia de escape e à triangulação fantasia-imaginação-realidade (Bondebjerg, 2020). As narrativas históricas, ao explorarem acontecimentos passados com recurso a uma abordagem ficcional conjugada com a estrutura da narrativa, permitem aos recetores a aproximação ao passado através de técnicas de identificação cognitiva e emocional (Bondebjerg, 2020). É certo que os géneros documentais, ao combinarem a dimensão factual com a reconstituição de certos eventos, permitem que a audiência testemunhe historicamente os acontecimentos, no entanto, o recurso aos géneros ficcionais gera empatia pelas personagens que interpretam personalidades históricas, por exemplo, e permitem uma certa vivência própria dos eventos representados (Bondebjerg, 2020). No entanto, e tal como alerta Capucho (2014), é necessário considerar que os espetadores ao serem expostos a um produto audiovisual ficcional sobre uma realidade histórica estão sujeitos às diferentes reconstruções sobre a época que são contaminadas por interpretações.

A telenovela revela-se “um veículo privilegiado do imaginário nacional” (Lopes, 2003: 20) e, em simultâneo, geradora de debate sobre os temas que introduz na sociedade. Por isso, Lopes considera que “a novela é tão vista como contada” (Lopes, 2009) porque para além do hábito de verem os episódios, agora os espetadores constroem os significados sobre o produto audiovisual também com base nos diálogos entre pares, artigos em revistas, programas televisivos em que a novela é comentada e ainda, mais recentemente, através dos *websites*, *blogs* e publicações nas redes sociais *online*. Assim, para a autora, a telenovela vai além da função de lazer e escape, uma vez que ocupa um importante papel no quotidiano dos espetadores (Lopes, 2009).

2.2.2. O contexto português

Em Portugal, as emissões regulares de televisão tiveram início em 1957 (Monteiro & Policarpo, 2011). Contudo, devido ao preço dos televisores, à resistência de Salazar a este novo meio e à curta duração das emissões (cerca de duas horas diárias), a integração da televisão na vida dos portugueses foi gradual (Carvalho, Portovedo & Tomás, 2014). Para além de ter acentuado as desigualdades sociogeográficas, por ser no meio urbano e nos lares de quem tinha poder de compra para investir numa televisão que as primeiras emissões foram recebidas, o surgimento da televisão evidenciou as relações de poder e de género (Valdigem & Carvalho, 2014). Nos lares em que havia televisão, era comum à época que a sala fosse o local em que se colocava o aparelho televisivo e onde as famílias se reuniam para assistir em conjunto aos programas (Monteiro & Policarpo, 2011). No entanto, as mulheres, tanto pelas funções domésticas de que estavam incumbidas como pela dominação da figura masculina, raramente faziam parte desse hábito de reunião familiar para assistir televisão (Valdigem & Carvalho, 2014). As famílias menos favorecidas, cujo poder de compra não permitia a aquisição de uma televisão, faziam uso dos cafés como local comunitário para ver televisão (Monteiro & Policarpo, 2011), ou juntavam-se em casa de vizinhos (Carvalho & Tomás, 2014). Porém, este era um hábito mais frequente nos indivíduos do género masculino (Valdigem & Carvalho, 2014), cuja função, prevista inclusive no Código Civil de 1966 era a “de chefe de família” (Portovedo & Tomás, 2014: 254). Às mulheres competia o papel de “dona de casa” (Portovedo & Tomás, 2014: 254), pelo que deviam dedicar-se ao lar, ao marido e aos filhos, sem que os momentos de lazer fossem uma prioridade. Devido a estas relações de poder doméstico, o consumo de televisão foi inicialmente masculinizado (Valdigem & Carvalho, 2014).

A massificação da televisão ocorre nos anos 70 com a vulgarização dos aparelhos televisivos e, já nesta década, a função principal identificada pelos espetadores é a de meio de entretenimento (Monteiro & Policarpo, 2011). A partir do 25 de abril de 1974, a televisão assume-se como meio emissor privilegiado, primeiro de mensagens políticas e, posteriormente, devido à saturação do público por temáticas políticas, de conteúdos de entretenimento (Monteiro & Policarpo, 2011). A transmissão de *Gabriela*, no ano de 1977, é determinante na relação entre o público e a televisão (Monteiro & Policarpo, 2011), na medida em que instaurou em Portugal um período em que a audiência se centrou nos

conteúdos televisivos massificados (Cunha, 2004) e em que se registaram mudanças nos estilos de vida da população portuguesa, que passaram a conhecer novas formas comportamentais e de consumo através das telenovelas brasileiras (Cunha, 2010). Foi também pela transmissão de *Gabriela* em Portugal que o interesse no género telenovela, até então dominado pelo público feminino, se tornou masculinizado (Cunha, 2010).

Nos anos 80, assistiu-se à produção da primeira telenovela portuguesa que, tal como as que se sucederam, resultava da adoção dos padrões praticados pela Globo nas novelas brasileiras (Cunha, 2010). No entanto, estas produções portuguesas, quando comparadas às telenovelas brasileiras, eram identificadas pelos espetadores como sendo menos rigorosas bem como menos capazes de retratar as realidades sociais (Cunha, 2010).

Na sua investigação, Burnay (2005) concluiu que o público assiste a telenovelas com o intuito de conhecer novos locais e outras vivências com semelhanças à sua. Assistem, portanto, numa lógica de lazer, com uma função de escape ao quotidiano, no entanto, nunca descoram a procura de ensinamentos que sejam possíveis de aplicar ao seu dia a dia (Burnay, 2005). Valdigem Pereira (2005^a, 2005^b) investigou a receção em Portugal da telenovela brasileira “O Clone” junto de muçulmanos sunitas e de não-muçulmanos, comparando as suas perceções. Destaca-se deste estudo a impossibilidade de dissociar a telenovela e a ficção, no geral, dos géneros informativos, uma vez que, para além de os participantes terem conferido funções tanto informativas como documentais à telenovela em análise, esta assume um papel central particular na tematização da clonagem (Valdigem Pereira, 2005^a, 2005^b). O facto de esta pesquisa ter combinado as duas realidades etnoculturais representadas na telenovela permite compreender a relevância para os estudos de receção do contexto sociocultural, tanto nas leituras do produto ficcional, como no interesse pelos temas retratados (Valdigem Pereira, 2005^a)

Ao analisar a telenovela “Terra Mãe” – uma produção da RTP1 que retrata a chegada de imigrantes a Portugal ao mesmo tempo que oferece um olhar sobre o período histórico da Expo 98 em Lisboa -, Burnay caracteriza-a como um produto que, ao conjugar a dimensão histórica com a narrativa central, reflete as possibilidades de as telenovelas serem encaradas como “um produto de fluxo capaz de fornecer informação sobre o passado aos telespetadores, mas, também, servir de montra do hoje para o futuro” (Burnay, 2020: 121).

A ficção audiovisual em Portugal tem dado provas tanto de que os temas históricos são distorcidos quando trabalhados, o que revela as limitações dos meios enquanto agentes de memória; como mostra que as abordagens das temáticas históricas são relevantes, o que faz destacar as possibilidades do uso dos meios de comunicação enquanto contributos importantes para a construção de memórias (Burnay, 2020).

3. Metodologia

A presente investigação tem como foco o papel da ficção televisiva na mediação histórica, mais concretamente o contributo da série da RTP1 “Conta-me Como Foi” para a reconstrução da memória histórica dos espetadores. A escolha desta temática de investigação deveu-se à lacuna identificada nos estudos de receção sobre o contributo dos conteúdos televisivos ficcionais de história, bem como ao interesse pela problemática.

A série “Conta-me Como Foi” da RTP1 constitui-se como uma adaptação da série espanhola “Cuéntame cómo pasó”. A versão portuguesa é composta por 8 temporadas, sendo que 5 foram emitidas entre 2007 e 2011, e correspondiam à representação do período ditatorial em Portugal, e as últimas três temporadas, emitidas entre 2019 e 2023, representam o período pós 25 de abril. Considerando o carácter volátil da memória e a fiabilidade dos estudos de receção, optou-se por centrar esta investigação na representação do período pós 25 de abril e, por isso, considerar as temporadas mais recentes da série “Conta-me Como Foi” (a 6, a 7 e a 8).

Para orientar e traduzir com maior rigor as intenções desta investigação (Bryman, 2012), definiram-se duas questões de investigação:

De que modo é que o período histórico pós 25 de abril foi representado nas temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi” da RTP 1?

Como é que a série “Conta-me Como Foi” da RTP 1 tem contribuído para a reconstrução da memória histórica sobre o período pós 25 de abril?

Uma vez que as hipóteses numa investigação orientam a pesquisa e são motores de desenvolvimento do conhecimento (Marconi & Lakatos, 2017), apresentam-se de seguida as que se consideraram nesta investigação:

- i) A série “Conta-me Como Foi” da RTP1 tem contribuído para a construção da memória histórica dos espetadores com experiência vivida e não vivida do passado representado na série;*

- ii) Alguns formatos de ficção televisiva constituem-se como uma fonte de mediação histórica para os seus espetadores, quer tenham vivido ou não o período representado;*
- iii) A ficção televisiva de teor histórico constitui um meio de remediação da história nacional.*

De modo a conseguir dar resposta às questões de investigação, bem como testar a aplicabilidade das hipóteses sugeridas, adotou-se o método misto, que se caracteriza por combinar técnicas quantitativas e qualitativas na mesma investigação (Bryman, 2012). A adoção deste tipo de metodologia tem sido cada vez mais comum nas Ciências Sociais, uma vez que atenua as fraquezas de cada técnica, permitindo que os pontos fortes sobressaíam (Bryman, 2012).

3.1. Dados quantitativos

Com o intuito de dar resposta à primeira questão de investigação, recorreu-se à técnica quantitativa de análise de conteúdo, que se define como uma pesquisa sistemática e replicável de símbolos da comunicação, possibilitando a inferência sobre o significado desses símbolos, numa lógica tanto de produção como de consumo (Riffe, 2005).

O corpus de análise constituiu-se pelos 52 episódios das temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”, que foram transmitidos na RTP 1 entre 7 de dezembro de 2019 e 16 de setembro de 2023. O acesso aos episódios foi possível através da plataforma *online* RTP Play, tendo cada um deles uma duração aproximada de 50 minutos.

Para analisar os episódios das temporadas em estudo, em primeiro lugar, foi necessário visioná-los para identificar os eventos histórico-sociais abordados em cada um. Após a visualização, constatou-se que cada episódio tratava no máximo três eventos histórico-sociais, pelo que se optou pela identificação dos três principais acontecimentos representados. Posteriormente, para categorizar os temas retratados fez-se uso das dimensões comumente associadas às notícias (Cruz, 2014) adaptando-as às necessidades dos assuntos dos episódios de “Conta-me Como Foi”.

A grelha de análise que se aplicou aos episódios da série “Conta-me Como Foi”, com as categorias de análise e os respetivos códigos está disponível para consulta no Apêndice A. Os primeiros passos foram identificar a **temporada** e o **episódio** em análise, o **mês** e o **ano** representados em cada episódio, bem como a natureza nacional ou internacional do **principal evento histórico-social representado** no episódio. Seguiram-se três conjuntos de categorias a aplicar a cada um dos três eventos histórico-sociais identificados e cada episódio, que incluíram a **identificação do evento histórico-social representado**, o **contexto da representação da história** e o **contexto físico da interação entre personagens**. Na primeira categoria, o objetivo foi identificar a temática do evento histórico-social que estava a ser representado de acordo com as categorias estabelecidas por Cruz (2014), que, tal como mencionado, foram adaptadas neste estudo. No contexto da representação da história, procurou-se identificar de que modo estava o evento histórico-social em análise a ser representado – através de imagens de arquivo, na interação entre os personagens ou através de conteúdos mediáticos. O contexto físico da interação entre personagens visava apurar o local em que o evento histórico-social estava a ser abordado. É de referir que os códigos associados a esta categoria foram registados e adicionados no decorrer do visionamento e análise dos episódios. Constatou-se na primeira visualização dos episódios que os media estavam presentes na representação da história. Assim, em primeiro lugar, procurou-se identificar o **meio de comunicação utilizado na representação da história**. Uma vez reconhecido o meio utilizado, importou saber o **papel** que assumiu **na representação da história**: de fonte histórica primária, quando foi através dos media que um evento histórico-social foi representado; de contextualização da história, quando o recurso aos media foi feito para comprovar a veracidade dos factos e aprofundar um evento histórico-social; ou de ambiente na interação, quando os media estavam presentes, mas não eram uma fonte privilegiada para veicular a informação. Procurou-se ainda identificar os **programas de televisão** que contribuíram para a representação da época. Adicionou-se também o **share de audiência** de cada episódio, consultado através da GfK.

Para analisar quantitativamente os dados, recorreu-se à versão 29 do programa de análise estatística SPSS.

3.2.Dados qualitativos

Já para dar resposta à segunda questão de investigação, utilizou-se a técnica qualitativa de entrevista semiestruturada. Recorreu-se a esta técnica uma vez que as entrevistas são consideradas uma forma eficiente, fiável e flexível de recolher opiniões (Wethington & McDarby, 2016; Berger, 2016) e permitem obter informação em profundidade sobre um assunto, comparativamente à técnica de grupo de foco (Yin, 2016). Além disso, as entrevistas semiestruturadas caracterizam-se por combinar perguntas previamente delineadas, que podem ser adaptadas no momento da entrevista, ajustando-as ao discurso do entrevistado (Wethington & McDarby, 2016).

O universo desta pesquisa é composto por todos os indivíduos que assistiram às temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”, o que a torna exaustiva e inalcançável (Gil, 2008). Assim, considerou-se uma amostra do tipo não probabilístico, que se passará a descrever (Gil, 2008). A amostragem adotada foi intencional com recurso ao método bola de neve e contemplou 10 entrevistados, 5 dos quais viveram os anos que as temporadas em análise representam e 5 que não os viveram. Assim, os entrevistados foram deliberadamente selecionados com base no critério da idade e na condição de terem assistido à série. Procurou-se constituir tanto quanto possível uma amostra representativa do ponto de vista do género e diversificada quanto ao ano de nascimento, ocupação profissional, grau académico e naturalidade. Contudo, por se tratar de uma abordagem qualitativa, privilegiou-se a profundidade e a riqueza dos dados recolhidos, ao invés de uma amostra estatisticamente representativa do universo.

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados que viram a série e viveram o período representado

Nome fictício	Ano de nascimento	Ocupação profissional	Grau Académico
Mário	1980	Fotógrafo	Ensino Secundário
Pedro	1958	Hoteleiro	Ensino Secundário
Mafalda	1975	Professora	Doutoramento
Carla	1970	Enfermeira	Licenciatura
Vasco	1967	Bancário	Licenciatura

Tabela 2 - Perfil dos entrevistados que viram a série e não viveram o período representado

Nome fictício	Ano de nascimento	Ocupação profissional	Grau Académico
Mariana	2001	Assistente Social	Licenciatura
Paulo	1997	Produtor de televisão	Mestrado
Rita	2000	Analista em Marketing	Licenciatura
Andreia	2001	Técnica de controlo de qualidade	Ensino Secundário
Afonso	1999	Trabalhador fabril	Ensino Secundário

Uma vez que se pretendia analisar comparativamente as perceções tanto dos espetadores da série que viveram o período retratado nas temporadas em análise – os anos de 1984 a 1987 -, como dos que não viveram, optou-se pela realização de dois guiões de entrevistas. Estes guiões foram organizados por blocos de questões temáticos, que contemplam também o visionamento de três excertos, um de cada temporada em análise, para que se possa compreender a perceção dos entrevistados relativamente a cenas concretas da série.

O guião das entrevistas a realizar aos espetadores da série que viveram o período representado (Apêndice B) contempla uma primeira secção sobre os **hábitos de consumo** televisivo de um modo geral e, em particular, as preferências dos indivíduos no que respeita aos conteúdos televisivos históricos. Segue-se um conjunto de questões sobre as **memórias** tanto do período pós 25 de abril, como em concreto dos anos 1984 a 1987 representados na série. Posteriormente, procurou-se conhecer as **práticas de receção e os hábitos de consumo** dos entrevistados relativamente às temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”, para que fosse possível depois compreender as opiniões e perceções que têm sobre o período pós 25 de abril na **série**.

Quanto ao guião a aplicar nas entrevistas aos indivíduos que não viveram o período representado das temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”, mas que viram os episódios (Apêndice C), começou-se por compreender os **hábitos de consumo** televisivo,

as preferências no que diz respeito aos conteúdos televisivos sobre história e as motivações sobre o conhecimento histórico. De seguida, procurou-se saber as opiniões sobre o período pós 25 de abril, bem como identificar as fontes que contribuíram para a **construção dessas ideias**. Posteriormente, as questões foram direcionadas para as **práticas de receção e os hábitos de consumo da série**, bem como as motivações de visualização, para depois apurar a opinião e a percepção sobre o modo como **a série** representa o período pós 25 de abril.

Tal como mencionado, o momento final das entrevistas consistia no visionamento de três excertos da série “Conta-me Como Foi”, um de cada temporada em análise. A escolha destes excertos deveu-se à amplitude e pertinência de temas retratados em cada um.

Da temporada 6, selecionaram-se, [no episódio 8](#), os minutos 15:35 até 17:09 e 27:40 a 28:40, que representam uma situação familiar na sala da família Lopes em que as temáticas abordadas são a tecnologia, nomeadamente o aparelho eletrónico “ZX Spectrum” e a relevância das telenovelas brasileiras, em particular de “O Bem-Amado”.

Na temporada 7, optou-se por momentos que se referiam à série “Duarte e Companhia”, à mediação entre “Conta-me Como Foi” e “Duarte e Companhia” e à entrada de Portugal na CEE. Estas cenas são representadas [no episódio 17](#) da sétima temporada através de interação entre personagens no café do bairro, nos minutos iniciais até ao 01:33, bem como entre o minuto 12:00 e o 13:53.

Por último, a entrevista terminava com o visionamento do excerto [do episódio 8](#) da temporada 8 (42:24 – 43:00), em que a família Lopes estava reunida na sala para assistir no televisor à entrevista do Toni ao Maradona, uma combinação de imagens de arquivo com imagens montadas.

Após a realização de todas as entrevistas semiestruturadas, procedeu-se à transcrição de cada uma com a preocupação de manter os detalhes da conversa para uma análise posteriormente mais rigorosa (Bryman, 2012). Os Apêndices D a M correspondem à transcrição das entrevistas. A análise temática aos resultados das entrevistas, a mais utilizada para tratar dados qualitativos (Bryman, 2012), considerou as seguintes categorias: **consumo de história; memória/ construção de ideias; receção e consumo da série; a série; excerto 1; excerto 2; excerto 3**. Depois de uma análise cuidada a cada um dos conjuntos de

entrevistas, procedeu-se a uma análise comparativa por grupos de entrevistados que adotou as mesmas categorias.

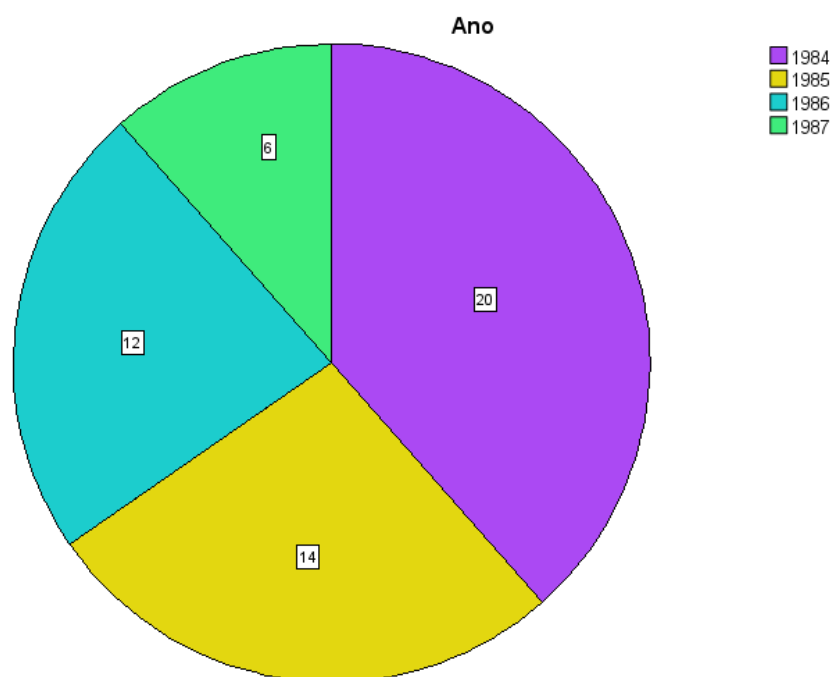
4. Resultados

4.1. Resultados da análise de conteúdo

A análise de conteúdo foi a técnica elegida para dar resposta à seguinte pergunta de investigação: *De que modo é que o período histórico pós 25 de abril foi representado nas temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi” da RTP 1?*

Do período pós 25 de abril, são retratados exclusivamente os anos de 1984, 1985, 1986 e 1987, nas temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”. Sobre o ano de 1984 são 20 os episódios. Quanto ao de 1985 verificou-se que é representado em 14 dos episódios. Segue-se o ano de 1986 representado em 12 episódios e o ano de 1987, em 6.

Gráfico 1 - Anos representados nas temporadas 6, 7 e 8 da série "Conta-me Como Foi"



No que respeita à média do share de audiência dos 52 episódios analisados, esta foi de 8,5% (Apêndice N).

Quando analisada a utilização dos media na representação da história (N=52), concluiu-se que em 35 dos episódios tal aconteceu e, em contrapartida, em 17 dos episódios

não se recorreu à utilização dos media. A Televisão foi o meio privilegiado para representar a história (24), seguido da Imprensa (9) e da Rádio (2).

Posteriormente, procurou-se compreender o papel dos media quando se verificou que estavam presentes nos episódios (N=35). Concluiu-se que o principal papel desempenhado foi de “contextualização da história” (15), seguindo-se o de “fonte histórica primária” (10), bem como de “ambiente na interação” (10). Ao observar concretamente a Televisão, tendo em conta que foi o meio privilegiado para representar a história, é possível identificar que o papel que mais desempenhou foi de “contextualização da história” (10), seguindo-se o de “ambiente na interação” (8) e o de “fonte histórica primária” (6). É interessante mencionar que a Rádio, sempre que utilizada, foi enquanto “fonte histórica primária”, o que é coincidente com o facto de este meio de comunicação ser acessível e muito popular na época, o que está em consonância com a própria representação da história (Carvalheiro, 2014)

Tabela 3 - Tabulação cruzada "Media utilizados" e "Papel dos media"

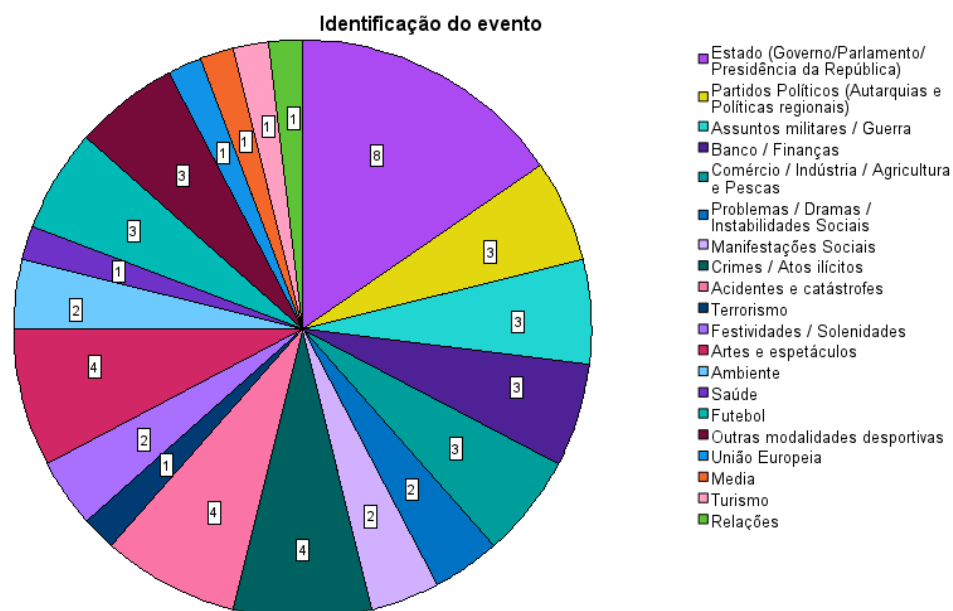
		Papel dos media			Total
		Fonte histórica primária	Contextualização da história	Ambiente na interação	
Media utilizados	Rádio	2	0	0	2
	Imprensa	2	5	2	9
	Televisão	6	10	8	24
Total		10	15	10	35

Verificou-se em 28 dos episódios a presença de um programa de televisão, quer com um papel de destaque, quer como pano de fundo e ambiente da interação entre personagens. O “Noticiário” foi o programa de televisão mais recorrente (11) na série “Conta-me Como Foi”, seguindo-se a “Telenovela” (4) e conteúdos publicitários (3). Programas como “O Tal Canal”, “Cozinha com o povo”, “Natal dos Hospitais”, o sorteio do “Totoloto”, a série “Duarte e Companhia”, ou o “Remate” foram exibidos uma vez ao longo dos episódios.

Nos 52 episódios das temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi” foram abordados eventos histórico-sociais da época. É de mencionar que predominaram os assuntos de história nacional (41), sendo 11 os episódios que trataram eventos histórico-sociais internacionais.

Quanto ao principal evento histórico-social representado (N=52), o assunto “Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República)” foi o mais abordado (8), seguido de “Crimes/ Atos ilícitos” (4), “Acidentes e catástrofes” (4) e “Artes e espetáculos” (4).

Gráfico 2 - Identificação do primeiro evento histórico-social mencionado



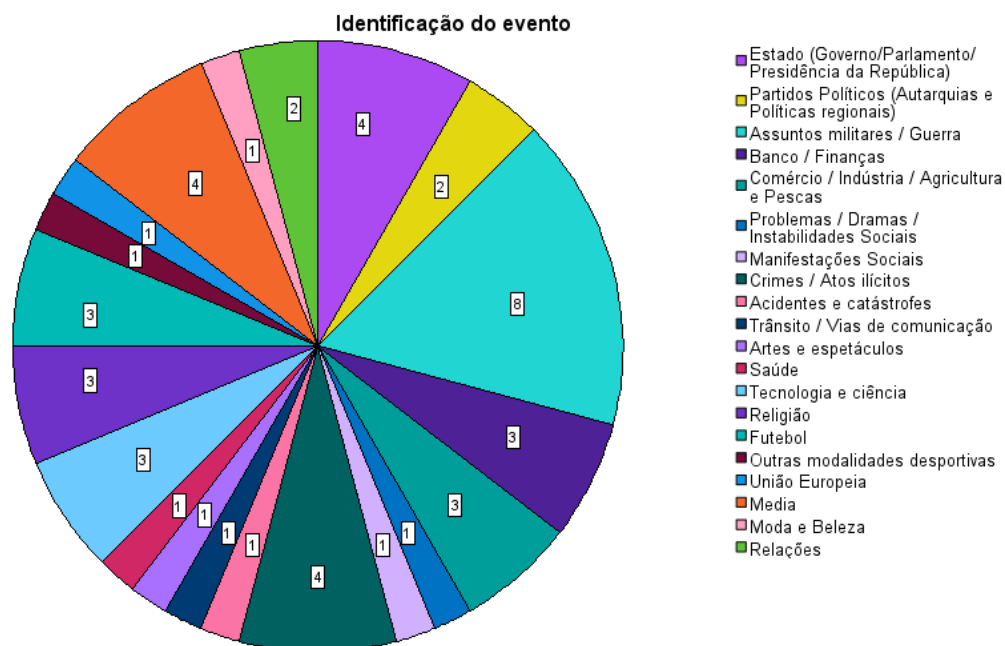
Quando se verificou que o evento abordado foi “Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República)” (8), a representação foi feita maioritariamente a partir de “imagens de arquivo” (5). Quando observadas as representações da história através de “imagens de arquivo” (30), para além das já mencionadas 8 de “Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República)”, predominaram os eventos histórico-sociais de “Assuntos militares/ Guerra” (3), “Banco /Finanças” (3), “Crimes/ Atos ilícitos” (3) e “Acidentes e catástrofes” (3). Já quanto ao contexto da “interação entre personagens” (17), concluiu-se que estas foram maioritariamente de “Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República)” (2) e de “Comércio/Indústria/ Agricultura e Pescas” (2). Os “conteúdos mediáticos” (5) foram utilizados para representar uma vez cada um dos seguintes assuntos: “Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República)”, “Manifestações sociais”, “Terrorismo”, “Artes e espetáculos” e “União Europeia”.

Relativamente ao contexto da representação da história, dos 17 casos em que se verificou o de “interação entre personagens”, o café do bairro foi o local privilegiado para tais conversas (6). Os eventos histórico-sociais abordados no café integram-se nos assuntos

de “Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República)”, “Partidos Políticos (Autarquias e Políticas regionais)”, “Problemas/ Dramas/ Instabilidades Sociais”, “Crimes/ Atos ilícitos”, “Acidentes e Catástrofes” e “Futebol”.

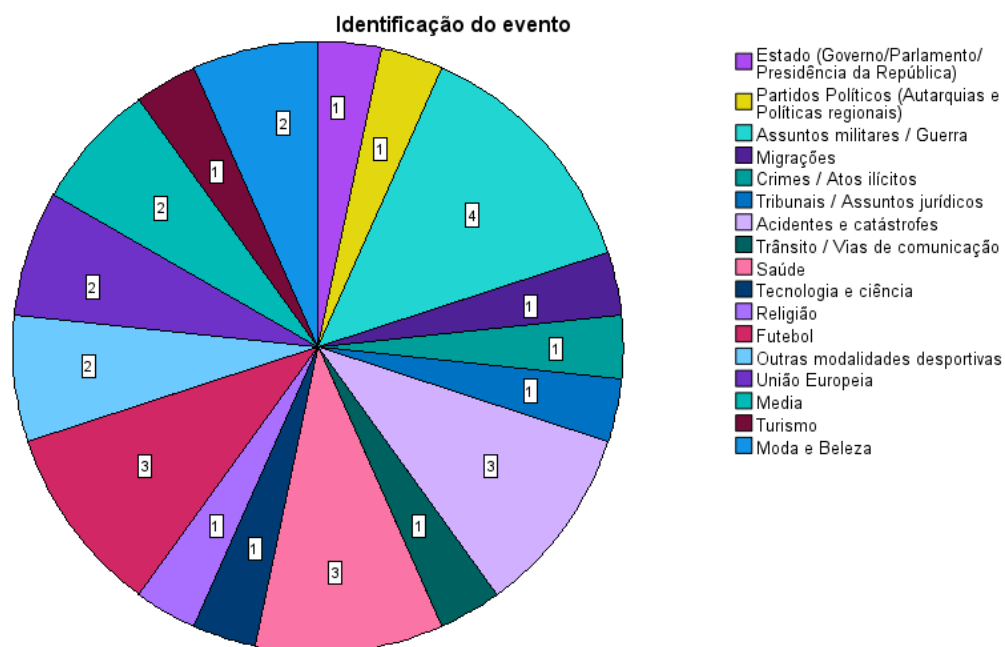
O segundo evento histórico-social mais representado nos episódios (N=48) foi “Assuntos militares / Guerra” (8), seguido de “Crimes / Atos ilícitos”, “Media” e “Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República)”, cada um deles tratado em 4 episódios. Desta vez, o contexto da representação mais vezes verificado foi o de “interação entre personagens” (35), mantendo-se o café do bairro o local privilegiado para tais interações (10). Os assuntos mais abordados no café foram “Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República)” (2), “Assuntos militares / Guerra” (2) e “Futebol” (2). Tanto o “jornal” (5) como a “sala” da família Lopes (5) foram outros dos locais onde mais vezes ocorreu interação e conversas sobre eventos histórico-sociais. No que respeita ao contexto de representação da história de “imagens de arquivo” (8), deu-se primazia aos “Assuntos militares/ Guerra” (2) e ao “Comércio/ Indústria / Agricultura e Pescas” (2). Quanto aos “conteúdos mediáticos” (5), estes foram mais vezes utilizados para representar eventos histórico-sociais de inovações nos media (TV a cores) e programas de televisão.

Gráfico 3 - Identificação do segundo evento histórico-social mencionado



Relativamente ao terceiro evento histórico-social representado (N=30), voltou a predominar “Assuntos militares /Guerra” (4), seguindo-se “Acidentes e catástrofes” (3), “Saúde” (3) e “Futebol” (3). O contexto da representação da história que mais se verificou foi a “interação entre personagens” (24). Relativamente aos eventos histórico-sociais de que os personagens mais vezes falaram entre si, destacam-se os que integram “Assuntos militares / Guerra” (3), conversados sobretudo no “jornal” (2). Têm ainda relevância as interações entre personagens sobre “Saúde” (3), que ocorreram tanto na “loja” (1), como em “Casa do Carlos” (1) e na “Agência de viagens” (1).

Gráfico 4 - Identificação do terceiro evento histórico-social mencionado



4.2.Resultados da análise temática das entrevistas

Através de uma análise temática comparativa, pretende-se dar resposta à seguinte questão de investigação: *Como é que a série “Conta-me Como Foi” da RTP 1 tem contribuído para a reconstrução da memória histórica sobre o período pós 25 de abril?*

Para tal, em primeiro lugar apresentam-se e discutem-se os dados das entrevistas aos espetadores que viveram o período representado na série; de seguida tratam-se os dados das entrevistas aos espetadores que assistiram à série, mas que não viveram o período

representado; e, posteriormente, elabora-se a comparação dos dados das secções anteriormente aqui mencionadas.

4.2.1. Resultados das entrevistas aos espetadores da série que viveram os anos representados

4.2.1.1. Consumo de história

De um modo geral, os entrevistados que viveram os anos de 1984 a 1987 interessam-se por conteúdos televisivos sobre história e, para a maioria, as escolhas que fazem desses conteúdos não dependem do ângulo de abordagem ser nacional ou internacional. Contudo, algo que é tido em conta nas suas escolhas de consumo é o género audiovisual através do qual a história é representada. Neste sentido, privilegiam os documentários. Quando questionados sobre o papel educativo da televisão, três dos entrevistados atribuem esta utilidade a este meio e dois não a consideram. Relativamente ao contributo da televisão para a sua compreensão do mundo todos o reconhecem à exceção de Mafalda que, contudo, lhe confere uma utilidade informativa, a par com a rádio.

4.2.1.2. As memórias de um tempo vivido: o período pós 25 de abril

Sobre o período pós 25 de abril, os entrevistados destacam acontecimentos nacionais como a entrada de Portugal na CEE, o 1º de Maio de 1974, eleições livres e a problemática dos retornados. Carla não identifica nenhum acontecimento específico deste período. Concretamente sobre os anos de 1984 a 1987, dois dos entrevistados (Mafalda e Vasco) identificam acontecimentos internacionais – acidente nuclear de Chernobyl, queda do Muro de Berlim e Guerra Fria. A entrada de Portugal na CEE foi destacada por Mário, pelo desenvolvimento vivido na Brandoa, a zona em que cresceu, e por Pedro, que confessou ter tido uma posição de oposição inicial, embora reconheça a importância deste evento histórico-social. Já para Carla, pelo facto de ter nascido em 1970, os anos de 1984 a 1987 representam as memórias da sua adolescência.

4.2.1.3.A receção e o consumo da série

A respeito do consumo da série, os entrevistados revelaram ter assistido às temporadas 6, 7 e 8 no momento em que foram transmitidas pela RTP1, através do televisor. Ainda assim, por considerarem esta série atrativa, pormenorizada e representativa das suas vivências, Mário, Pedro, Carla e Vasco dizem ter revisto repetições das temporadas recentemente na RTP 1, RTP Memória e RTP Play.

À exceção de Pedro, todos os outros entrevistados viram a série acompanhados em contexto doméstico e familiar. Vasco chega até a fazer um paralelismo entre a sua família e a família Lopes a este nível: “O que acontecia aqui em casa era mais ou menos o que acontecia no genérico da série: eles no sofá a ver televisão! Por isso é um bocado a representação que a família Lopes fazia, de se juntarem todos para ver televisão e nós aqui fazíamos também para ver a série!”. Todos os entrevistados que assistiram à série acompanhados comentavam-na, por encontrarem semelhanças com as suas memórias de infância e juventude e, por outro lado, pelo facto de as diferenças para a atualidade sobressaírem nos episódios, por exemplo nos hábitos sociais e nas decorações das casas.

Relativamente às motivações que levaram os participantes deste estudo a verem as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”, Mário destaca a qualidade da série e a gratificação de se identificar com a história ficcionada; Pedro também refere a qualidade da série na recriação da época representada; Mafalda menciona a identificação com o período retratado na série; Carla e Vasco destacam tanto a identificação com a história narrada como a vontade de continuar a acompanhar a série por terem visto as temporadas anteriores.

Quando questionados sobre a consulta de outras fontes a fim de verificarem um certo dado histórico-social representado na série, os entrevistados não o fizeram, ou pelo menos não se recordam de o ter feito. Vasco apenas aponta que poderá ter consultado alguma fonte, mas com a finalidade de saber mais sobre o percurso profissional de um ator, ou os seus dados biográficos.

4.2.1.4.A série

Todos os entrevistados foram unânimes em considerar a família Lopes como credível, usando expressões como “típica”, “tradicionalmente portuguesa”, “nuclear da época” e um “estereótipo” para a caracterizar. Embora os participantes deste estudo apontem que não revêm todos os aspetos das suas vivências e memórias nesta família, consideram natural que houvesse diferentes realidades na época e que os Lopes representassem uma perspetiva circunscrita a uma realidade específica.

Sobre a representação do período pós 25 de abril na série “Conta-me Como Foi”, os entrevistados consideraram-na credível de forma unânime. Ainda assim, é de salientar o contraste nas perceções sobre a representação das dificuldades sentidas na época. Por um lado, Vasco considera que as temporadas retratam “bastante bem as dificuldades que vivemos nessa altura”; por outro, Mário afirma que “podiam ter dado mais a entender as dificuldades que existiram”.

Questionados sobre o que gostariam de ter visto na série, que não tenha sido abordado, Mário destaca o tema da Revolução de 1974 e Mafalda refere que, pela dimensão do problema, o tema do flagelo da droga merecia maior ênfase. Por contraponto, Carla partilha um acontecimento tratado na série que a incomodou pela proximidade ao tema – o atentado das FP25 em que morreu um bebé em São Manços:

A determinada altura, há uma parte em que o Toni, que é jornalista, está na redação a falar de um acontecimento que se deu no pós 25 de abril, que teve a ver com os atentados das FP 25... E eles falam de um caso em particular, comentam na redação... E eu conheço a pessoa a quem isso aconteceu! Foi uma situação que aconteceu aqui perto de nós, ali em São Manços. E eu conheço a mãe daquele bebé que morreu no atentado, ela já trabalhou comigo. E, na altura, eu imaginei o impacto que poderia ter alguém estar a ver a série descontraidamente e ver a história da sua vida ali a ser comentada... Foi uma coisa assim que nunca mais me esqueci, porque eu quando ouvi aquilo fiquei realmente com receio que ela visse, que fosse confrontada com essa situação. Porque é a história da sua vida e é tão particular e tão isolada que eu comentei inclusivamente com um familiar da minha colega para ter atenção, pelo menos. Provavelmente, ela até nem iria ver, não sei... Não sei se era pessoa para isso, mas pelo menos que houvesse ali um alerta, porque senão a pessoa sabe que se falou... Porque senão a pessoa um dia está sentada no sofá a ver ocasionalmente televisão e vê a sua história, que não é uma história nada fácil, comentada tantos anos depois... 40 anos depois!

No que respeita ao contributo da série para o conhecimento de acontecimentos históricos da época, bem como para o repensar dos anos de 1984 a 1987, os entrevistados destacaram que a série lhes permitiu recordar e reviver mais do que repensar a história.

4.2.1.5.Excerto 1

Quando confrontados com o “Spectrum” – ou “ZX Spectrum”, um dos primeiros computadores pessoais de sucesso nos anos 80 –, dois dos entrevistados afirmaram que tiveram esta tecnologia. Mário recorda o incentivo e participação do pai em acompanharem o avanço tecnológico, não obstante a sua família não ser abastada. Vasco, por seu turno, comenta que o seu pai não participava em jogos e relembra as dificuldades sentidas em fazer funcionar aquela tecnologia, uma vez que era lenta e apresentava erros sucessivos.

Sobre a identificação com a resistência inicial à tecnologia representada neste episódio da série, à exceção de Mafalda nenhum dos participantes se revê nessa situação. Mafalda, para além da resistência que recorda da sua família à tecnologia, partilha um momento em que ela própria assume ter resistido: “Eu tinha vergonha de usar o telemóvel na rua! Porque não era muita gente que tinha e, portanto, muitas vezes eu deixava-o em casa ou ele estava muito bem guardado na minha mala e aí dele que tocasse em frente a pessoas que eu sabia que não tinham, por exemplo, na Faculdade.”

Por contraponto àquela época, a introdução de novas tecnologias na atualidade só não é assumida por Pedro. Os restantes entrevistados consideram que a resistência se diluiu e que a evolução é abissal.

No que se refere às telenovelas brasileiras, Mafalda destaca a importância que estas tiveram para a representação de uma outra realidade, mais aberta, a que os portugueses não estavam habituados. A relevância destes produtos ficcionais era tal que, como refere Pedro: “Portugal parou quando foi o último episódio da *Gabriela*, foi mais importante do que o campeonato do mundo da bola!” e Vasco recorda a principal preocupação da sua mãe nas férias – saber onde poderia assistir à telenovela. Atualmente, nenhum dos participantes assiste a telenovelas, sejam elas brasileiras ou portuguesas.

4.2.1.6.Excerto 2

A série “Duarte e Companhia”, ao contrário da relevância que assumiu na série “Conta-me Como Foi”, não teve grande importância no núcleo familiar dos entrevistados, exceto para Mário que recorda as brincadeiras em que recriavam as cenas e de em casa se parar o que estivessem a fazer para assistir.

Quando confrontados com a situação em que um ator da série “Duarte e Companhia” integra o elenco de “Conta-me Como Foi”, a opinião dos entrevistados foi positiva. Consideraram “interessante”, “divertido” e um “brinde”. Além disso, tanto Carla como Vasco assumiram que todos os espetadores conseguiriam identificar que se tratava do ator Rui Mendes nas duas situações.

Sobre a identificação com o controlo dos conteúdos televisivos representado neste episódio da série, a generalidade dos entrevistados revela tê-la sentido e, mesmo que esse controlo não fosse efetivamente declarado, ele existia no respeito por aquilo a que os pais desejavam assistir, nomeadamente a figura paterna.

A entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE) é considerada por todos como de extrema importância, sendo sinónimo de “progresso”, usando a expressão de Mário. Já Pedro, embora reconheça as vantagens da adesão de Portugal à CEE, não esquece que certos aspetos mais tradicionais se perderam e que hoje são irrecuperáveis.

Para as participantes deste estudo, o carro Citroen 2 cavalos não assume grande relevância. Já para os participantes do género masculino, pensar sobre este carro significa lembrarem-se da série “Duarte e Companhia” (Mário); de um anúncio publicitário da época “Gasolina mal precisa, oficina nem falar” (Vasco) e de ter tido um (Pedro).

Os entrevistados não consideram que a cena de assédio deste episódio remeta exclusivamente para aquela época, na medida em que tais comportamentos são temporalmente transversais. No entanto, Mário partilha um episódio da sua infância que é de destacar:

O meu pai, há uns anos, no metro, empurrou um homem e quase lhe bateu e eu não percebi porquê. Na altura “venderam-me” uma história, que eu descobri que não era verdade. Disseram-me que o homem estava a mexer na bolsa da minha mãe, que a queria

roubar... Mas o que eu soube uns anos depois foi que o homem estava a roçar-se, literalmente, na minha mãe... Havia muitas situações dessas de assédio... E ainda hoje há. Felizmente agora é punido por lei.

4.2.1.7.Excerto 3

Com mais ou com menos frequência, todos os entrevistados revelam que reuniam e continuam a reunir a família para ver determinados programas televisivos.

Todos os participantes confessam que a junção de imagens de arquivo e de imagens montadas lhes transmite “maior credibilidade” (Mafalda), “aproxima” (Carla) e “transporta” (Pedro) para a época, ainda que Mário considere esta cena “forçada”. Vasco, Carla e Mafalda recordam a presença de situações como esta ao longo da série, que admitem que enriquecem a história, ao permitir reviver melhor a época.

4.2.2. Resultados das entrevistas aos espetadores da série que não viveram os anos representados

4.2.2.1.Consumo de história

Dos entrevistados que viram a série e que não viveram o período retratado nos episódios das temporadas 6, 7 e 8 de “Conta-me Como Foi”, apenas Andreia não revelou muito interesse por conteúdos televisivos sobre história do período em questão. Na escolha destes conteúdos, três dos entrevistados assumiram a sua preferência pelos que abordam a história nacional (Mariana, Andreia e Afonso). Paulo, por outro lado, prefere conteúdos televisivos sobre história internacional e Rita manifestou um interesse idêntico tanto pelos que tratam a história nacional, como internacional. Relativamente ao género televisivo na representação da história, a preferência dos entrevistados é por documentários (Paulo, Andreia e Afonso), contudo Afonso reconhece que a ficção consegue cativar os espetadores de uma forma mais atrativa. Rita, uma das entrevistadas que prefere séries na representação da história, considera que este género facilita a compreensão dos acontecimentos históricos, justamente pela vertente ficcionada que lhe está associada.

No que respeita à consideração do papel educativo da televisão, à exceção de Rita, todos os participantes deste estudo o reconhecem. Mariana, pelo hábito que tem de ver o programa televisivo “Joker”, considera que a televisão assume este papel educativo. Já Paulo reconhece o papel educativo da televisão principalmente no género informativo. Para Andreia é justamente a escolha do tipo de programas que determina o papel educativo da televisão. Quando questionados sobre a contribuição da televisão para a sua compreensão do mundo, todos os entrevistados consideraram que este meio tem ajudado na construção das suas ideias, embora Andreia destaque a Internet neste processo.

Todos os entrevistados revelaram interesse pelo período da história pós 25 de abril. Ainda assim, Paulo confessou interessar-se mais pela Revolução em si e, em contrapartida, Afonso destacou os 5/6 anos seguintes ao 25 de abril de 1974 como tendo mais relevância. Na opinião de Andreia, este é um período da história de que os jovens se estão a esquecer. Tanto Mariana como Rita manifestaram um grande interesse pelas mudanças que a Revolução provocou em Portugal. Quanto à relevância que o conhecimento sobre o passado histórico assume para os entrevistados esta é “enorme” (Afonso), tanto para saberem mais sobre o passado (Rita), como para perceberem o presente (Mariana), e ainda para evitar que no futuro os mesmos erros sejam cometidos (Andreia e Afonso).

4.2.2.2. A construção de ideias sobre um tempo em parte não vivido: o período pós 25 de abril

Os entrevistados consideraram que Portugal pós 25 de abril é um país “mais livre” (Mariana), sinónimo de “democracia” e “liberdade” (Paulo), e “feito de muita evolução” (Afonso). Rita destacou que a liberdade vivida em Portugal, por vezes excessiva, tem levado a atitudes “extremistas, descabidas e sem fundamento”. Sobre a evolução referida por Afonso, o entrevistado salientou pela negativa a perda de um “patriotismo saudável”.

Do período pós 25 de abril em Portugal, os participantes deste estudo destacaram a liberdade de escolha (Andreia), os direitos das mulheres, direitos sociais e direitos trabalhistas (Mariana), a mudança para o euro (Afonso) e o atenuar das disparidades entre o litoral e o interior do país (Paulo). Apenas Rita não sublinhou nenhum acontecimento.

À exceção de Andreia, todos os entrevistados identificaram o contributo da escola para a construção das ideias que têm sobre este período. Também foram destacadas como fontes de informação as conversas com familiares (Mariana, Rita, Andreia e Afonso), documentários e séries (Mariana e Afonso) e o Youtube (Paulo e Afonso). A Televisão foi considerada unanimemente uma fonte de informação.

Questionados concretamente sobre o papel da série “Conta-me Como Foi” na construção dessas ideias, os entrevistados destacaram o contributo da série para retratar uma época e as histórias familiares que lhes são contadas sobre um período que não viveram. A este respeito, Afonso chega a comentar que “desde crianças (...) ouvimos histórias de como foi a vida antes e depois do 25 de abril (...) para mim eu estar a ver isso em imagens, acompanhar essa família, vai além das histórias que me contavam”. Mariana refere ainda a credibilidade que atribui à série “desde a parte da história, até à parte da roupa, dos figurinos”.

4.2.2.3. A receção e o consumo da série

No que respeita ao consumo da série, todos os entrevistados, à exceção de Afonso, assistiram às temporadas 6, 7 e 8 quando foram transmitidas pela RTP1, através do televisor. Afonso partilhou que viu a temporada 8 no momento da emissão televisiva, porém só então se apercebeu que duas temporadas tinham sido transmitidas. Assim, optou por continuar a acompanhar a temporada 8 através da RTP1 e, em simultâneo, assistir às temporadas 6 e 7 através da RTP Play, no telemóvel. Também por isso todos os outros entrevistados mencionaram terem visto os episódios destas temporadas acompanhados, enquanto Afonso revelou ter assistido às temporadas 6 e 7 sozinho, estando acompanhado no visionamento da temporada 8.

No momento em que assistiam aos episódios das temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”, os entrevistados comentavam o que viam, nomeadamente com os pais, sobretudo os hábitos e costumes, as roupas e detalhes da série. Rita revelou que costumava confirmar com os pais que o que estava a ser transmitido nos episódios tinha realmente acontecido daquela maneira.

Relativamente às motivações que levaram os entrevistados a acompanhar as temporadas sobre o período pós 25 de abril da série “Conta-me Como Foi”, Andreia afirmou que mais do que pelo seu interesse particular, queria fazer companhia à sua mãe que gostava da série; Afonso, Rita e Paulo destacaram o facto de terem acompanhado as temporadas anteriores e, como tal, terem interesse em assistir às mais recentes; também Mariana revelou ter visto as temporadas anteriores e, por isso, destaca que uma das suas motivações foi o ângulo através do qual a série aborda a evolução do país. A outra motivação identificada por Mariana foi acompanhar uma história que mantém os atores, em que também é possível ver a sua evolução.

Por confiarem no que estava a ser representado na série “Conta-me Como Foi”, os entrevistados revelaram não ter sentido necessidade de consultar outras fontes para verificar a veracidade dos factos. Rita apenas confessou que confirmava alguns pormenores com os pais, com quem assistia à série.

4.2.2.4.A série

Sobre a família Lopes, Rita e Afonso consideraram-na “disfuncional”. Rita afirmou-o uma vez que a união familiar sentida nas primeiras temporadas não se verifica nas temporadas 6, 7 e 8. Por seu turno, Afonso referiu-o por considerar o personagem do pai ainda “refém” do período de ditadura, mesmo nas temporadas que retratam o pós 25 de abril e, em contrapartida, os personagens dos filhos, mesmo antes da revolução, “já eram muito à frente desse tempo”. Ainda assim, a família Lopes foi entendida como “engraçada” (Mariana e Paulo), que caracteriza e retrata bem uma família da época (Mariana, Paulo e Andreia). Paulo destacou a diferença de atitude dos elementos da família Lopes entre as temporadas iniciais, mais sisudos, e as mais recentes, mais descontraídos, o que para si espelha “a própria evolução do tempo”.

Todos os entrevistados conferiram credibilidade à série “Conta-me Como Foi” na representação do período pós 25 de abril. Ainda assim, Mariana confessou ter sentido falta de ver representada a Revolução:

Na minha opinião tinha sido essencial numa série que retrata o pré e o pós 25 de abril ver também a revolução no ano de 74 (...) não sei se vai haver mais temporadas sobre

este período pós 25 de abril, mas partindo do pressuposto que não, eu acho que deviam ter feito temporadas com mais amplitude temporal, ou seja: uma sobre os anos 70, outra sobre os anos 80, outra sobre os 90...

O interesse por ver a Revolução representada na série também é partilhado por Andreia. Paulo, mesmo considerando a série “fidedigna”, não deixou de salientar que se trata de uma representação da realidade da capital portuguesa. Para Rita, algo que destacou conferir-lhe credibilidade foram os vários momentos em que na série são abordados factos reais sobre política. Afonso, embora tenha achado a série credível, revelou que no seu entender as dificuldades sentidas na época eram maiores do que as representadas na série, considerando que deveria haver uma maior opressão do que a que foi transmitida. Para além disso, Afonso destaca um momento do último episódio da série “Conta-me Como Foi” de representação do período pós 25 de abril que é o lançamento do livro do personagem Carlos: “ele conta histórias do antes do 25 de abril que só são possíveis de serem contadas porque já estávamos no período do pós”, relata.

Para além da Revolução de 1974, mencionada por duas entrevistadas, Afonso foi outro dos participantes que identificou um acontecimento histórico que sentiu falta de ver representado na série: as primeiras eleições livres.

Todos os participantes destacaram que a série lhes permitiu conhecer melhor alguns acontecimentos históricos. A justificação mencionada em quatro das entrevistas (Paulo, Rita, Andreia e Afonso) foi que a série representou em imagens a história que lhes foi transmitida ao longo da vida. Concretamente sobre o contributo da série na idealização dos anos de 1984 a 1987, os entrevistados foram unânimes em considerar que o “Conta-me Como Foi” desempenha um papel essencial, seja porque é um período da história menos estudado na escola (Paulo), como devido à representação que fazem das vivências (Rita), roupas (Afonso) e casas (Andreia) da época.

4.2.2.5.Excerto 1

No que diz respeito à tecnologia “Spectrum”, nenhum dos entrevistados a conhecia antes de ter visto “Conta-me Como Foi”.

Sobre a resistência inicial à tecnologia vivida neste episódio da série, os participantes deste estudo consideraram-na “normal” (Afonso, Andreia, Paulo), “natural” (Rita) e atual

(Mariana, Paulo, Rita, Andreia e Afonso). Contudo, os entrevistados referiram que na atualidade a resistência é mais suavizada, por quererem experimentar o que há de novo (Mariana) e por ser uma questão de hábito (Andreia). Tanto Paulo como Afonso refletiram sobre a introdução de inteligência artificial:

Nós às vezes temos reticências porque sabemos que estamos a lidar com uma coisa que é do género “onde é que ela vai buscar a informação”... Portanto, causa impressão, mas nós usamo-la (Paulo)

Eu acho que houve e há muita gente que continua a resistir, a achar estranho e a duvidar (Afonso)

Relativamente à relevância que as telenovelas brasileiras assumiam em Portugal, todos os entrevistados referiram que era natural, uma vez que não existiam telenovelas portuguesas e que a oferta era pouco variada. A propósito das vantagens das telenovelas brasileiras, foram destacadas a “quebra de tabus” (Paulo), a inovação (Rita) e a possibilidade de conhecer uma realidade diferente falada em português que se revelou importante na mudança de pensamento em Portugal (Afonso).

Atualmente, os entrevistados não identificaram como um hábito assistir a telenovelas tanto brasileiras como portuguesas, mas Mariana e Paulo mencionaram ter assistido a alguns episódios da segunda versão da telenovela brasileira *Gabriela*.

4.2.2.6.Excerto 2

No que concerne à série “Duarte e Companhia”, nenhum dos entrevistados viu além da presença em “Conta-me Como Foi”.

Ainda assim, uma vez que no excerto visionado um dos atores de “Conta-me Como Foi” faz também parte da cena que retrata a série “Duarte e Companhia”, os entrevistados consideraram esta integração positiva. Destacaram que é um momento “engraçado”, “interessante” e que dá “credibilidade à série” mesmo que “não tenha propriamente relevância para a história”.

Quando questionados sobre o controlo que existia dos conteúdos televisivos assistidos em casa, são de destacar duas opiniões partilhadas. Uma diz respeito à imposição da figura paterna, identificada por Mariana e por Rita, que destaca que “só o homem (...) trazia

dinheiro para casa, logo era o homem de família que tomava as decisões e que tinha o poder de escolher”. A outra consideração deve-se ao facto de o conteúdo televisivo a que o pai queria assistir ser o noticiário em período de eleições. Nesse sentido, como “ou viam na hora, ou não conseguiam ver” (Mariana), e por serem as eleições, era “normal que o pai quisesse saber o que se estava a passar nas urnas” (Afonso). Andreia considerou que essa ainda é a realidade que se mantém na maioria das “casas portuguesas (...) quando é hora das notícias”. Atualmente, os entrevistados não consideraram que esse controlo perdurasse nas suas realidades familiares.

Sobre a entrada de Portugal na CEE, todos os entrevistados mencionaram as mudanças benéficas que os apoios exteriores permitiram ao país. Porém, se a maioria considerou que continua a ser positivo para Portugal pertencer à União Europeia, Andreia referiu que “já foi mais benéfico”.

Relativamente ao carro Citroen 2 cavalos, apenas Mariana lhe atribuiu relevância ao considerar que é “um carro que remete muito para o passado”. Afonso destacou o carro Renault 4L e pensa que a evolução do que os carros representam para quem os possui é curiosa.

A cena de assédio a que se assiste no café foi entendida pelos participantes deste estudo como representativa do papel da mulher na sociedade da época, mas também na atual por considerarem ser um problema que perdura.

4.2.2.7.Excerto 3

O ato de juntar a família para assistir a conteúdos televisivos foi identificado como um hábito diário por Mariana e semanal por Paulo. Rita e Andreia revelaram que é algo que fazem com menor regularidade do que na infância e Afonso confessou não considerar que atualmente exista um programa televisivo que o faça juntar-se com a família.

Os entrevistados não foram unânimes em considerar a junção de imagens de arquivo e de imagens montadas um fator transmissor de maior credibilidade. Afonso referiu que este tipo de cenas que conjuga imagens de arquivo com imagens montadas o distancia dos factos

e que é gerador de más informações. Já os restantes entrevistados entendem que a combinação de imagens de arquivo com imagens montadas, identificada por Rita como uma situação recorrente ao longo da série, é transmissora de maior credibilidade. Andreia referiu que “mesmo que as pessoas saibam que é uma criação, essa montagem dá credibilidade” e Mariana comentou que “pelo menos as palavras que ouvimos do Diego Maradona são verdadeiras, são reais. Portanto, eu acho que transmite uma maior credibilidade do que se estivesse um ator a fazer de (...) Maradona”.

4.2.3. Análise temática comparativa

Uma vez analisadas as entrevistas dos dois grupos em estudo, importa agora comparar as suas ideias e preferências.

No que respeita ao **consumo de história**, a preferência dos entrevistados foi por documentários na representação da história, tendo predominado a opinião de que a abordagem (Nacional ou Internacional) não é o mais relevante na escolha dos conteúdos. Relativamente ao papel educativo da televisão, sete dos entrevistados reconheceram-no.

Quanto às **memórias** e à **construção de ideias** sobre o período pós 25 de abril, os entrevistados que o viveram salientaram acontecimentos nacionais de cariz maioritariamente histórico-político: a entrada de Portugal na CEE, o 1º de Maio de 1974, eleições e os retornados. Já os entrevistados que não viveram o período mencionado atribuíram destaque a mudanças predominantemente sociais: liberdade de escolha, direitos, mudança para o euro e o esbatimento das diferenças entre o litoral e o interior do país. As ideias que têm sobre o período pós 25 de abril advêm da escola, de conversas com familiares, de documentários e séries, bem como do Youtube. No contributo das séries integra-se “Conta-me Como Foi” pela credibilidade na representação da história e por permitir ver através de imagens a história retratada.

Relativamente à **recepção e ao consumo da série**, foi comum que os entrevistados assistissem aos episódios acompanhados, pelo que, de um modo geral, comentavam-nos. Importa referir que, por um lado, os comentários de quem viveu os anos representados na série eram tanto pelas semelhanças como pelas diferenças que identificavam comparando

com as suas vivências e, por outro, os comentários do grupo que não viveu esses anos incidiam nas diferenças que constatavam. Sobre o que motivou os entrevistados a assistirem às temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”, se por um lado os participantes que viveram a época nomearam principalmente a identificação com a história, os que não a viveram salientaram a vontade de continuar a acompanhar a história que vinha a ser contada nas temporadas antecessoras. Pela credibilidade que conferiram à série, apenas uma das entrevistadas na globalidade dos participantes deste estudo revelou ter confirmado com os pais alguns dados histórico-sociais que os episódios representavam.

No que concerne à opinião dos entrevistados sobre a série, é de destacar que consideraram a família Lopes a representação de uma família típica da época. Todos os participantes deste estudo consideraram a série credível no modo como retratou o período pós 25 de abril em Portugal. Ainda assim, é de salientar que a percepção dos entrevistados sobre as dificuldades vividas na época diferiu – verificou-se tanto a opinião de que estavam bem representadas, como de que podiam estar mais vincadas, pelos entrevistados que viram a série e viveram o período em análise; bem como a ideia de que as dificuldades na época seriam maiores do que as que a série representou, por um dos entrevistados que viu a série e não viveu os anos retratados. Relativamente aos acontecimentos que os entrevistados gostavam de ter visto representados em “Conta-me Como Foi”, aquele que foi mais vezes mencionado foi o momento da Revolução de 1974 (em três entrevistas). Se por um lado quem viu a série e viveu o período considerou que a série lhes permitiu recordar a história, quem não viveu os anos entre 1984 e 1987 entendeu que o “Conta-me Como Foi” se tornou essencial para conhecer este período histórico.

Quando confrontados com o momento de visualização do **excerto 1**, os entrevistados que viveram o período representado não se identificaram com a resistência inicial à tecnologia, porém os que apenas viram a série consideraram-na normal e referiram que atualmente essa resistência já está atenuada, opinião partilhada por todos os participantes deste estudo. Relativamente à temática da relevância das telenovelas brasileiras, não deixa de ser curioso que a *Gabriela* seja mencionada por elementos dos dois grupos de entrevistados, já que foi uma telenovela que impactou não só os conteúdos televisivos, como também os estilos de vida da população (Cunha, 2004; Cunha, 2010). Ainda assim, uma

característica comum a todos os entrevistados é atualmente não acompanharem telenovelas nem brasileiras, nem portuguesas.

No momento da visualização do **excerto 2**, o explorar da situação em que um ator de “Duarte e Companhia” integra simultaneamente o elenco de “Conta-me Como Foi” foi encarado por todos de forma positiva. Os entrevistados que viveram os anos de 1984 a 1987 identificaram-se com o controlo dos conteúdos televisivos representado neste excerto e os que não os viveram entenderam-no como normal, tanto pelo facto de o pai ser o homem da família, como pelo conteúdo específico que queria ver – o resultado das eleições. A maioria encarou a participação de Portugal na CEE, atual União Europeia, como positiva e de elevada relevância, porém tanto um dos entrevistados que viveu os anos de 1984 a 1987 como um dos que não os viveu, identificaram como um aspeto negativo a perda da portugalidade associada à evolução. Se a lembrança do carro Citroen 2 cavalos aparenta estar associada a uma questão de género, atendendo às respostas dos entrevistados que viveram o período representado na série, sendo recordado apenas pelos homens, no segundo conjunto de entrevistas é uma mulher que atribui relevância a este carro. Sobre o assédio a que se pode assistir neste excerto da série “Conta-me Como Foi” é de mencionar que os entrevistados na sua globalidade não o identificam como uma questão limitada temporalmente, mas enquanto uma prática recorrente tanto na época como na contemporaneidade.

Na visualização do **excerto 3**, os entrevistados que viveram os anos de 1984 a 1987 revelaram que continua a ser um hábito reunirem a família para assistir a determinados conteúdos televisivos, e, em contrapartida, os entrevistados que não os viveram confessaram, na sua maioria, ser um hábito que têm vindo a descurar. No que respeita às considerações sobre a junção de imagens de arquivo e imagens montadas, embora não haja unanimidade, os entrevistados de um modo geral conferiram maior credibilidade à série pela existência desta conjugação. Para além de ser uma situação recorrente na série, os entrevistados acreditam que, mesmo que se saiba que é uma montagem, essa junção enriquece a história e permite revisita-la com maior rigor.

Conclusões

Na presente investigação procurou-se compreender o papel que a série “Conta-me Como Foi” desempenha na representação do período pós 25 de abril e na remediação da memória histórica nacional. Depois de apresentada a revisão teórica dos conceitos e do tratamento e análise dos dados empíricos, segue-se o momento de resposta às questões de investigação e de verificação das hipóteses enunciadas.

Considerando a questão de investigação “*De que modo é que o período histórico pós 25 de abril foi representado nas temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi” da RTP 1?*”, concluiu-se através da análise de conteúdo aos 52 episódios que todos eles contribuíram para a representação deste período, não obstante esta ter sido circunscrita a quatro anos (1984-1987), com maior destaque para o ano de 1984. Para retratar o período histórico pós 25 de abril, foi comum a utilização dos media, nomeadamente da televisão para contextualizar a história. Os media, para além de assumirem a função de contextualização da história, foram tão importantes enquanto fonte histórica primária como no papel de ambiente em interações. O programa televisivo que mais contribuiu para representar a época foi o noticiário, sendo ainda merecedores de destaque as telenovelas e conteúdos publicitários.

No âmbito desta questão de investigação, é de referir que a representação do período pós 25 de abril em “Conta-me Como Foi” resultou maioritariamente dos eventos histórico-sociais nacionais mencionados nos episódios, mas não se pode ignorar a presença dos eventos internacionais, igualmente relevantes para a compreensão deste período em Portugal. O primeiro evento histórico-social mais vezes mencionado para representar a época em análise integra-se no assunto “Estado (Governo/ Parlamento/ Presidência da República)”, sobretudo através de imagens de arquivo, um fator que Lopes (2014), Rueda Laffond et al. (2013) e Dahl (2017) entendem que atribui autenticidade ao enredo e confere credibilidade à série. Para além do contexto de representação da história de imagens de arquivo, também é de destacar as interações entre personagens, em particular as que ocorreram no café do bairro porque foi este o lugar escolhido para que os personagens comentassem as circunstâncias do período retratado. Quando nos episódios um segundo evento histórico-social foi abordado para a representação em questão, este estava inserido em “Assuntos militares/ Guerra”. Aqui, o contexto de representação da história com maior relevância foi a interação entre personagens de que se destacam as conversas sobre os

eventos da época em três locais: o café do bairro, o jornal e a sala dos Lopes. Foi também a categoria “Assuntos militares/ Guerra” que predominou quando foi referido um terceiro evento histórico-social, bem como o contexto de interação entre personagens na representação do período pós 25 de abril.

No que diz respeito à questão de investigação “*Como é que a série “Conta-me Como Foi” da RTP 1 tem contribuído para a reconstrução da memória histórica sobre o período pós 25 de abril?*”, considerou-se a análise temática das entrevistas semiestruturadas realizadas a 10 entrevistados que viram a série, 5 dos quais viveram o período representado e 5 que não o viveram. A série “Conta-me Como Foi” foi assumida pelos entrevistados que viveram os anos representados nas três últimas temporadas como tendo contribuído para revisitar a história. Tal contribuição é corroborada por Sturken (1997) que considera os conteúdos mediáticos na reconstrução da memória sobre um tempo vivido, assim como por Leeuw (2010) quando se refere à ampliação do arquivo da memória coletiva através da ficção televisiva. Os entrevistados que não viveram o período representado nas temporadas 6, 7 e 8 consideraram a série essencial para o conhecer. Neste sentido, é de mencionar o argumento de Leeuw (2010) sobre o poder da televisão na mediação da memória e na criação de memórias de acontecimentos que os indivíduos não viveram – a memória que Halbwachs (1990) intitula de emprestada e que Dahl (2017) considera como explícita e real mesmo que de uma época que não se viveu.

Recuperem-se, agora, as hipóteses em estudo:

- i) *A série “Conta-me Como Foi” da RTP1 tem contribuído para a construção da memória histórica dos espetadores com experiência vivida e não vivida do passado representado na série;*
- ii) *Alguns formatos de ficção televisiva constituem-se como uma fonte de mediação histórica para os seus espetadores, quer tenham vivido ou não o período representado;*
- iii) *A ficção televisiva de teor histórico constitui um meio de remediação da história nacional.*

A respeito da primeira hipótese, esta é verdadeira. Tanto os espetadores com experiência vivida como não vivida sobre o passado representado na série consideraram o papel de “Conta-me Como Foi” na construção das memórias sobre o período pós 25 de abril. É claro que outras fontes também contribuíram para este processo, pelo que não se pode

considerar esta série como detendo a exclusividade neste âmbito. Para os entrevistados com experiência vivida deste período, por maioria de razão, as suas memórias individuais também desempenharam um papel fulcral. Para a geração sem experiência vivida, os testemunhos de familiares, a escola e outras séries e documentários são fontes que contribuíram, a par com a série “Conta-me Como Foi”, para a memória deste período. Para além da credibilidade associada a esta série, que atua na preservação e transmissão da história que viveram, a representação em imagens das ideias sobre um período histórico que não viveram é especialmente enriquecedora na construção da memória histórica.

Relativamente à segunda hipótese, também é verdadeira. Tal como problematizado por Bondebjerg (2020), as narrativas históricas de carácter ficcional, ao utilizarem técnicas de identificação cognitiva e emocional, permitem aos espetadores a aproximação ao passado, mediando a história. No caso concreto da série “Conta-me Como Foi”, é de destacar a credibilidade conferida pelos entrevistados, devida à combinação de imagens de arquivo com imagens montadas, que contribui para enriquecer a narrativa e revisitar a história com maior rigor. É merecedor de destaque também o posicionamento dos entrevistados relativamente à família Lopes, que acreditam ser a representação de uma família típica da época, ainda que nem sempre a realidade dessa família coincida com as suas memórias individuais ou com as memórias emprestadas sobre a época. Posto isto, há efetivamente formatos de ficção televisiva que, pela impossibilidade de serem dissociados dos géneros informativos, se constituem como uma fonte de mediação histórica para os seus espetadores, tal como defendem Valdigem Pereira (2005) e Burnay (2020).

A terceira hipótese apresentada é também verdadeira. Em primeiro lugar, destaca-se o facto de a série “Conta-me Como Foi” ser um veículo da história sociopolítica nacional (Dahl, 2017), ou seja, um meio de representar a história, tornando-a acessível e atrativa aos espetadores. Também não se pode ignorar que a narrativa apresentada na série é resultado de memórias individuais e coletivas, pelo que se constitui como uma reinterpretação da história, dramatizada, parcial e remediada da história nacional. Outro fator que confirma a veracidade da hipótese avançada é a utilização dos media para a representação da história do período pós 25 de abril na série “Conta-me Como Foi”, identificada através da análise de conteúdo, e que se assume como um exemplo claro de remediação. É ainda de mencionar o diálogo e integração de produtos audiovisuais ficcionais e informativos em “Conta-me Como Foi”, de que são exemplo a série “Duarte e Companhia” e a entrevista a Diego Maradona.

Deste último exemplo já se discutiu o contributo inquestionável na mediação da história. Relativamente à série “Duarte e Companhia”, esta também contribuiu de forma positiva para a remediação da história nacional, adicionando credibilidade à narrativa.

A centralidade incontornável deste produto audiovisual na representação do período pós 25 de abril em Portugal e na reconstrução da memória histórica deste mesmo período, conduz inevitavelmente ao interesse de, em investigações futuras, ampliar o período em análise, considerando, por exemplo, uma comparação na receção dos períodos pré e pós 25 de abril representados nesta série. É ainda de destacar que esta investigação desperta igualmente o interesse de ampliar a amostra, nomeadamente a pessoas que já eram adultas no 25 de abril e a jovens que atualmente estão em idade escolar. Finalmente, seria igualmente interessante considerar a inclusão de dados qualitativos de entrevistas a produtores e realizadores da série na metodologia, que, quando combinados com os resultados deste estudo de receção, adicionariam uma perspetiva do ângulo da produção.

Referências bibliográficas

- Adorno, T., & Horkheimer. (1947). *Dialética do Esclarecimento—Fragmentos filosóficos*.
- Alasuutari, P. (Ed.). (1999). *Rethinking the media audience: The new agenda* (1. publ). SAGE.
- Baptista, T. (2009). Nacionalmente correcto: A invenção do cinema português. *Revista Estudos do Século XX*, 9, 305–323. https://doi.org/10.14195/1647-8622_9_17
- Barrio, M. (2009). La reciente historia de España en la ficción televisiva. *Mediaciones Sociales*, 4, 225–246.
- Bell, E., & Gray, A. (2007). History on television: Charisma, narrative and knowledge. *European Journal of Cultural Studies*, 10(1), 113–133. <https://doi.org/10.1177/1367549407072973>
- Bell, E., & Gray, A. (2010). History on Television in Europe: The Past Two Decades. Em *Televising History: Mediating the Past in Postwar Europe* (pp. 1–12). Palgrave Macmillan.
- Berger, A. A. (2016). *Media and communication research methods: An introduction to qualitative and quantitative approaches* (Fourth Edition). SAGE.
- Bird, E. (2009). Seeking the historical audience—Interdisciplinary lessons in the recovery of media practices. Em B. Zelizer, *Explorations in Communication and History* (pp. 90–106). Routledge, Taylor & Francis Group.
- Bishop, N. (2018). Presenting the past: New directions in television history. Em M. Dolski, S. Edwards, & F. Sayer (Eds.), *Histories on Screen: The past and present in Anglo-American cinema and television* (pp. 45–62). Bloomsbury Academic.
- Bolter, J. D., & Grusin, R. A. (1999). *Remediation: Understanding new media*. MIT Press.
- Bondebjerg, I. (2020). History as Mediated and Embodied Narratives. Em I. Bondebjerg, *Screening Twentieth Century Europe* (pp. 23–41). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-030-60496-7_2

- Bryman, A. (2012). *Social research methods* (4th ed). Oxford University Press.
- Burnay, C. (2020). Terra Mãe (1998): Uma estória feita de história(s). Pistas de leitura sobre o papel social da telenovela. *Língua-lugar : Literatura, história, Estudos Culturais*, 1, 106–123. <https://doi.org/10.34913/journals/lingua-lugar.2020.e210>
- Burnay, C. D. (2005). A telenovela e o público: Uma relação escondida. *Media & Jornalismo*, 6, 95–110.
- Burnay, C. D., Capucho, C., Torres, E. C., & Sardica, J. M. (Eds.). (2014). *A história na ficção televisiva portuguesa*. Universidade Católica Editora.
- Burnay, C. D., & Ferin Cunha, I. (2013). Portugal: Ficção e Audiências em Transição. Em M. I. V. de Lopes & G. Orozco Gómez (Eds.), *Obitel 2013: Memória social e ficção televisiva em Países ibero-americanos* (pp. 415–448). Editora Sulina.
- Calheiros, S. (2019, dezembro 7). Fomos aos bastidores de ‘Conta-me Como Foi’ – que agora se passa nos anos 80. *Visão*. <https://visao.pt/atualidade/cultura/2019-12-07-a-serie-counta-me-como-foi-esta-de-regresso-a-rtp1-para-reviver-os-anos-80/#&gid=0&pid=1>
- Capucho, C. (2014). Até Amanhã, Camaradas uma minissérie portuguesa sobre um romance de Álvaro Cunhal. Em C. D. Burnay (Ed.), *A história na Ficção Televisiva Portuguesa* (pp. 74–89). Universidade Católica Editora.
- Carvalho, J. R., Portovedo, S., & Tomás, D. (2014). O contexto hegemónico do Estado Novo. Em J. R. Carvalho (Ed.), *As caixas mudaram o mundo? - Usos Femininos dos media no Estado Novo* (pp. 103–128). MinervaCoimbra.
- Carvalho, J. R., & Tomás, D. (2014). O dia em que elas tomaram a taberna: As operárias da Covilhã e os usos dos media. Em J. R. Carvalho (Ed.), *As caixas mudaram o mundo? - Usos Femininos dos media no Estado Novo* (pp. 141–158). MinervaCoimbra.
- Certeau, M. de. (1982). *A escrita da história*. Editora Forense Universitária.
- Certeau, M. de. (1998). *A invenção do cotidiano* (3ª). Editora Vozes.

- Cigognetti, L., & Sorlin, P. (2010). History on Television: The Problem of Sources. Em E. Bell & A. Gray, *Televising History: Mediating the Past in Postwar Europe* (pp. 28–41). Palgrave Macmillan.
- Corchete, S. H. (2010). Mediated Collective Memory and the Political Process Towards Democracy in Spain: An Analysis of the Spanish TV Historical. Em E. Bell & A. Gray, *Televising History: Mediating the Past in Postwar Europe* (pp. 122–138). Palgrave Macmillan.
- Corner, J. (2010). ‘Once Upon a Time. . .’: Visual Design and Documentary Openings. Em E. Bell & A. Gray, *Televising History: Mediating the Past in Postwar Europe* (pp. 13–27). Palgrave Macmillan.
- Couldry, N. (2004). Theorising media as practice. *Social Semiotics*, 14(2), 115–132. <https://doi.org/10.1080/1035033042000238295>
- Cruz, C. (2014). *A decisão editorial em televisão: O caso do Telejornal da RTP*. Universidade Aberta.
- Cunha, I. F. (2003). Dos Efeitos à Recepção: Algumas pistas de leitura. *Media & Jornalismo*, 2, 143–151.
- Cunha, I. F. (2004a). A revolução da Gabriela: O ano de 1977 em Portugal. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. <https://www.bocc.ubi.pt/texts/cunha-isabel-ferin-revolucao-gabriela.pdf>
- Cunha, I. F. (2004b). Telenovelas e revolução: O ano 1997 em Portugal. *Lusotopie*, 11, 223–239.
- Cunha, I. F. (2010). Audiências e recepção das telenovelas brasileiras em Portugal. *Comunicação Mídia e Consumo*, 7(20), 91–118.
- Cunha, M. (2013). Do lado de cá do ecrã. Génese das teorias da recepção e do(s) público(s). *Interconexões - Revista de Ciências Sociais*, 1(1), 161–180.

Dahl, J. (2017). Portuguese Memories Made in Spain: How the Spanish Television Series Cuéntame cómo pasó Became Conta-me Como Foi. *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía*, 11.2, 195–214.

Eco, U. (1984). *Apocalípticos e integrados* (7a. ed). Lumen.

Edgerton, G. (2000a). Television as Historian: An Introduction. *Film & History: An Interdisciplinary Journal of Film and Television Studies*, 30(1), 7–12. <https://doi.org/10.1353/flm.2000.a400195>

Edgerton, G. (2000b). Television as Historian, Part 2: Reframing the Past from Inside the TV Environment. *Film & History: An Interdisciplinary Journal of Film and Television Studies*, 30(2), 5–6. <https://doi.org/10.1353/flm.2000.a400650>

Edwards, S. (2018). The moving image as memory: Past and present on screen. Em M. Dolski, S. Edwards, & F. Sayer (Eds.), *Histories on Screen: The past and present in Anglo-American cinema and television* (pp. 45–62). Bloomsbury Academic.

Egan, K. S. (2004). The Ethics of Entertainment Television: Applying Paul Ricoeur's Spiral of Mimesis for Authenticity as a Moral Standard. *Journal of Popular Film and Television*, 31(4), 158–166. <https://doi.org/10.1080/01956051.2004.10662049>

Eley, G. (2001). Finding the People's War: Film, British Collective Memory, and World War II. *The American Historical Review*, 106(3), 818–838. <https://doi.org/10.2307/2692326>

Ellis, J. (2003). Television and History [Review of Small Screens, Big Ideas: Television in the 1950s, by J. Thumim]. *History Workshop Journal*, 56, 278–285.

Gil, A. C. (2008). *Métodos E Técnicas De Pesquisa Social*. Atlas.

Gillespie, M. (1989). Technology and tradition: Audio-visual culture among South Asian families in West London. *Cultural Studies*, 3(2), 226–239. <https://doi.org/10.1080/09502388900490151>

Gray, A. (1992). *Video playtime: The gendering of a leisure technology*. Routledge.

Gudehus, C., Anderson, S., & Keller, D. (2010). Understanding Hotel Rwanda: A reception study. *Memory Studies*, 3(4), 344–363. <https://doi.org/10.1177/1750698010374923>

- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva* (2ª). Edições Vértice.
- Hall, S. (1973, setembro). *Encoding and decoding in the television discourse*. Council Of Europe Colloquy on «Training In The Critical Reading Of Televisual Language».
- Hall, S. (1980). Estudos Culturais: Dois paradigmas. *Media, Culture and Society*, 2, 123–150.
- Hall, S. (Ed.). (1997). *Representation: Cultural representations and signifying practices*. Sage in association with the Open University.
- Hall, S. (2003). *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Editora UFMG.
- Herzog, H. (1941). On Borrowed Experience. *Studies in Philosophy and Social Science*, IX(1), 65–95.
- Huyssen, A. (1995). *Twilight Memories: Marking time in a culture of amnesia*. Routledge, Taylor & Francis Group.
- Junior, M. (2019). Televisão e espaço de revisitação: A formação de uma memória teleafetiva. *Intexto*, 45, 204–226. <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201945.204-226>
- Katz, E. (1957). The Two-Step Flow of Communication: An Up-To Date Report on an Hypothesis. *The Public Opinion Quarterly*, 21(1), 61–78.
- Katz, E. (2009). The End of Television? *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 625(1), 6–18. <https://doi.org/10.1177/0002716209337796>
- Katz, E., Blumler, J., & Gurevitch, M. (1974). Uses and Gratifications Research. *The Public Opinion Quarterly*, 37(4), 509–523.
- Laffond, J. C., Ruiz, C., & García, R. (2009). La historia televisada: Una recapitulación sobre narrativas y estrategias historiográficas. *Comunicación y Sociedad*, 12, 177–202. <https://doi.org/10.32870/cys.v0i12.1645>
- Leeuw, S. de. (2010). Television Fiction: A Domain of Memory: Retelling the Past on Dutch Television. Em E. Bell & A. Gray, *Televising History: Mediating the Past in Postwar Europe* (pp. 139–151). Palgrave Macmillan.

- Liebes, T. (2003). Herzog's "On Borrowed Experience": Its Place in the Debate over the Active Audience. Em E. Katz, J. D. Peters, T. Liebes, & A. Orloff (Eds.), *Canonic texts in media research*. Polity Press in association with Blackwell Publishing Ltd.
- Lopes, M. I. V. de. (2009). Telenovela as a communicative resource. *Matrizes*, 3(1).
- Lopes, M. I. V. de, & Orozco Gómez, G. (2013). Tema do ano: Ficção televisiva e memória social. Em M. Lopes & G. Orozco Gómez (Eds.), *Obitel 2013: Memória social e ficção televisiva em Países ibero-americanos* (pp. 76–94). Editora Sulina.
- Lopes, M. I. V. D. (2003). Telenovela brasileira: Uma narrativa sobre a nação. *Comunicação & Educação*, 0(26), 17. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i26p17-34>
- Lopes, P. (2014). Conta-me como Foi: A (re)construção da memória histórica. Em C. D. Burnay, C. Capucho, E. C. Torres, & J. M. Sardica (Eds.), *A história na ficção televisiva portuguesa* (pp. 90–99). Universidade Católica Editora.
- Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos de metodologia científica*. Editora Atlas Ltda.
- Martín-Barbero, J. (1997). *Dos Meios as Mediacoas: Comunicacao, Cultura E Hegemonia*. Editora UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (2018). Dos meios às mediações: 3 introduções. *Matrizes*, 12(1), 9–31.
- Matos, S. (2015). história, memória e ficção: Que fronteiras? *história da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, 8(17), 414–426. <https://doi.org/10.15848/hh.v0i17.718>
- Mattelart, A., & Mattelart, M. (1997). *Historia de las teorías de la comunicación*. : Paidós.
- McQuail, D. (2003). *Teoria da comunicação de massas*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Monteiro, T., & Policarpo, V. (2011). Media e Entretenimento. Em *história da Vida Privada em Portugal—Os Nossos Dias* (Vol. 4). Temas e Debates.
- Moreira, J. P. (1980). Telenovelas: A propósito da cultura de massas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 4/5.

- Moreira, J. P. (1991). Telenovela: Um Desfile de Modelos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 33.
- Moreira, J. P. (1994). Serões nos Trópicos: Para uma abordagem etnográfica da telenovela. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 39.
- Morley, D., Brunson, C., Morley, D., & Brunson, C. (1999). *The Nationwide television studies*. Routledge.
- Nichols, B. (1991). *Representing reality: Issues and concepts in documentary*. Indiana University Press.
- Nora, P. (1989). Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. *Representations*, 26, 7–24. <https://doi.org/10.2307/2928520>
- Orozco Gómez, G. (1991). La mediación en juego. Televisión, cultura y audiencias. *Comunicación y Sociedad*, 10–11, 107–128.
- Orozco Gómez, G. (2001). Audiencias, televisión y educación: Una deconstrucción pedagógica de la «televidencia» y sus mediaciones. *Revista Iberoamericana de Educación*, 27, 155–175.
- Orozco Gómez, G. (2012). Televisión y producción de interacciones comunicativas. *Comunicación y Sociedad*, 18, 39–54.
- Portovedo, S., & Tomás, D. (2014). Duas marias: Género e classe na recepção de rádio e televisão em finais da ditadura. Em J. R. Carvalheiro (Ed.), *As caixas mudaram o mundo? - Usos Femininos dos media no Estado Novo* (pp. 245–269). MinervaCoimbra.
- Ricœur, P. (1990). *Soi-même comme un autre*. Seuil.
- Ricoeur, P. (2007). *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Editora Unicamp.
- Riffe, D., Lacy, S., & Fico, F. (2005). *Analyzing Media Messages* (2nd ed). Taylor & Francis.
- Rodrigues, R. (2009). Gratificação do uso televisivo. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*.

Rogers, E. M. (1986). *Communication technology: The new media in society*. Free Press ; Collier Macmillan.

Rueda Laffond, J. C., Ruiz, C. C., Burnay, C. D., Gómez, A. G., Pérez, S. D., & Santos Rogério. (2013). Parallel Stories, Differentiated Histories: Exploring Fiction and Memory in Spanish and Portuguese Television. *Journal of European Television History and Culture*, 3, 37–44. <https://doi.org/10.25969/mediarep/14068>

Rustamova, Z. (2019). Las voces de la memoria en la serie televisiva Cuéntame cómo pasó. Em C. Naberhaus (Ed.), *Mito e historia en la televisión y el cine español* (pp. 233–251). Albatros.

Silverstone, R. (2002). Complicity and Collusion in the Mediation of Everyday Life. *New Literary History*.

Silverstone, R. (Ed.). (2003). *Consuming technologies: Media and information in domestic spaces* (1. publ.in paperback, digital print. [d. Ausg.] 1994). Routledge.

Sobral, F. A. (2013). Televisão em Contexto Português: A estória de uma história. *Extensão em Foco*, 8. <https://doi.org/10.5380/ef.v0i8.34774>

Torres, E. C., & Burnay, C. D. (2014). Os Temas da Ficção Histórica Audiovisual em Portugal (1909-2013). Em C. D. Burnay, C. Capucho, E. C. Torres, & J. M. Sardica (Eds.), *A história na ficção televisiva portuguesa* (pp. 29–39). Universidade Católica Editora.

Treacey, M. E. M. (2016). Screened History in the digital age. Em M. E. M. Treacey, *Reframing the Past: History, film and television* (pp. 188–218). Routledge, Taylor & Francis Group.

Valdigem Pereira, C. (2005a). *A indústria cultural televisiva como fonte mediadora de processos de hibridação cultural: Estudo de recepção da telenovela brasileira O Clone*. Universidade Católica Portuguesa.

Valdigem Pereira, C. (2005b, setembro). Usos da Telenovela Brasileira “O Clone” em Portugal: Fragmentos da Construção da Identidade. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj.

Valdigem Pereira, C. (2013). Postcolonial Memories of Media reception and construction of collective belongings: The case of Portuguese Muslim Women of Indian and Mozambican origins. Em J. Carvalheiro, *Media, Gender and the Past: Qualitative approaches to broadcast audiences and memories* (pp. 179–222). Livros LabCom.

Valdigem Pereira, C., & Carvalheiro, J. R. (2014). Dando género à tecnologia e aos lugares: As mulheres de classe operária dos bairros históricos de Lisboa. Em J. R. Carvalheiro (Ed.), *As caixas mudaram o mundo? - Usos Femininos dos media no Estado Novo* (pp. 195–228). MinervaCoimbra.

Wethington, E., & McDarby, M. (2016). Interview Methods (Structured, Semistructured, Unstructured). Em S. K. Whitbourne (Ed.), *The Encyclopedia of Adulthood and Aging* (1ª). John Wiley & Sons.

Wolf, M. (1999). *Teorias da Comunicação* (8.ª ed.). Editorial Presença.

Yang, D., & Zhong, X. (2016). The Perception of Film Attractiveness and Its Effect on the Audience Satisfaction, Intention and Investment. *Journal of Service Science and Management*, 09(01), 21–27. <https://doi.org/10.4236/jssm.2016.91003>

Yin, R. K. (2016). *Qualitative research from start to finish* (Second edition). The Guilford Press.

Apêndices

Apêndice A: Grelha de análise de conteúdo

Categorias de análise	Códigos
Temporada	1. 6 2. 7 3. 8
Episódio	(nº do episódio)
Período temporal representado (mês)	1. Janeiro 2. Fevereiro 3. Março 4. Abril 5. Maio 6. Junho 7. Julho 8. Agosto 9. Setembro 10. Outubro 11. Novembro 12. Dezembro
Período temporal representado (ano)	1. 1984 2. 1985 3. 1986 4. 1987
Evento histórico-social principal representado	1. Nacional 2. Internacional
Identificação do evento histórico-social representado (1)	1. Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República) 2. Partidos Políticos (Autarquias e Políticas Regionais) 3. Assuntos militares / Guerra 4. Assuntos diplomáticos 5. Banco / Finanças 6. Comércio / Indústria / Agricultura e Pescas 7. Sindicatos / Associações profissionais / Greves / Protestos 8. Problemas / Dramas / Instabilidades Sociais 9. Migrações

	10. Manifestações Sociais 11. Crimes / Atos ilícitos 12. Tribunais / Assuntos jurídicos 13. Acidentes e catástrofes 14. Terrorismo 15. Trânsito / Vias de comunicação 16. Festividades / Solenidades 17. Artes e espetáculos 18. Ambiente 19. Educação 20. Saúde 21. Obras públicas 22. Tecnologia e ciência 23. Religião 24. Futebol 25. Outras modalidades desportivas 26. União Europeia 27. Meteorologia 28. Media 29. Turismo 30. Segurança 31. Moda e Beleza 32. Relações
Contexto da representação da história (1)	1. Imagens de arquivo 2. Interação entre personagens 3. Conteúdos mediáticos
Contexto físico da interação entre personagens	1. Quarto 2. Sala 3. Cozinha 4. Café do bairro 5. Parque de campismo 6. Carro 7. Loja 8. Jornal 9. Rádio 10. Cenário pontual 11. Casa Carlos 12. Quiosque 13. Agência de viagens 14. Não há 15. Casa do Toni

Identificação do evento histórico-social representado (2)	1. Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República) 2. Partidos Políticos (Autarquias e Políticas Regionais) 3. Assuntos militares / Guerra 4. Assuntos diplomáticos 5. Banco / Finanças 6. Comércio / Indústria / Agricultura e Pescas 7. Sindicatos / Associações profissionais / Greves / Protestos 8. Problemas / Dramas / Instabilidades Sociais 9. Migrações 10. Manifestações Sociais 11. Crimes / Atos ilícitos 12. Tribunais / Assuntos jurídicos 13. Acidentes e catástrofes 14. Terrorismo 15. Trânsito / Vias de comunicação 16. Festividades / Solenidades 17. Artes e espetáculos 18. Ambiente 19. Educação 20. Saúde 21. Obras públicas 22. Tecnologia e ciência 23. Religião 24. Futebol 25. Outras modalidades desportivas 26. União Europeia 27. Meteorologia 28. Media 29. Turismo 30. Segurança 31. Moda e Beleza 32. Relações
Contexto da representação da história (2)	1. Imagens de arquivo 2. Interação entre personagens 3. Conteúdos mediáticos

Contexto físico da interação entre personagens	1. Quarto 2. Sala 3. Cozinha 4. Café do bairro 5. Parque de campismo 6. Carro 7. Loja 8. Jornal 9. Rádio 10. Cenário pontual 11. Casa Carlos 12. Quiosque 13. Agência de viagens 14. Não há 15. Casa do Toni
Identificação do evento histórico-social representado (3)	1. Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República) 2. Partidos Políticos (Autarquias e Políticas Regionais) 3. Assuntos militares / Guerra 4. Assuntos diplomáticos 5. Banco / Finanças 6. Comércio / Indústria / Agricultura e Pescas 7. Sindicatos / Associações profissionais / Greves / Protestos 8. Problemas / Dramas / Instabilidades Sociais 9. Migrações 10. Manifestações Sociais 11. Crimes / Atos ilícitos 12. Tribunais / Assuntos jurídicos 13. Acidentes e catástrofes 14. Terrorismo 15. Trânsito / Vias de comunicação 16. Festividades / Solenidades 17. Artes e espetáculos 18. Ambiente 19. Educação 20. Saúde 21. Obras públicas

	22. Tecnologia e ciência 23. Religião 24. Futebol 25. Outras modalidades desportivas 26. União Europeia 27. Meteorologia 28. Media 29. Turismo 30. Segurança 31. Moda e Beleza 32. Relações
Contexto da representação da história (3)	5. Imagens de arquivo 6. Interação entre personagens 7. Conteúdos mediáticos
Contexto físico da interação entre personagens	1. Quarto 2. Sala 3. Cozinha 4. Café do bairro 5. Parque de campismo 6. Carro 7. Loja 8. Jornal 9. Rádio 10. Cenário pontual 11. Casa Carlos 12. Quiosque 13. Agência de viagens 14. Não há 15. Casa do Toni
Media utilizados na representação da história	1. Rádio 2. Imprensa 3. Televisão 4. Nenhum
Papel dos media na representação da história	8. Fonte histórica primária 9. Contextualização da história 10. Ambiente na interação
Programa de tv	1. O Tal Canal 2. Noticiário 3. Futebol 4. Telenovela 5. Programa de poesia 6. Cozinha com o povo

	7. Natal dos Hospitais 8. Discurso político 9. Totoloto 10. Duarte e Companhia 11. Publicidade 12. Remate 13. Eleições
Share de audiência	(valor)

Apêndice B: Guião de Entrevista para quem assistiu à série e viveu o período representado

Consumo história

1. Com que frequência consome conteúdos televisivos?
2. Em que momentos prefere ver televisão?
3. O que o motiva a ver televisão?
4. Atribui à televisão um papel educativo?
5. Acha que a televisão contribui para a sua compreensão do mundo? De que forma?
6. Com que frequência consome conteúdos televisivos sobre história?
7. Tem preferência por séries ficcionais ou por documentários na representação da história?
8. Desses conteúdos, tem mais interesse pelos que abordam a história nacional ou internacional? (justificação)
9. Qual é a sua principal fonte de conhecimento sobre história?

Memória

1. Quando pensa no período pós 25 de abril qual é o acontecimento histórico de que tem mais memória?
2. E em concreto entre os anos 84 e 87, há algum acontecimento histórico de que tenha memória?

Consumo série

1. Viu as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”? Há quanto tempo?
2. Viu os episódios na televisão ou através da “RTP Play”?
3. Quando via os episódios, costumava fazê-lo sozinho ou acompanhado? Se via acompanhado, qual a dinâmica – comentavam, não comentavam...
4. Em sua casa, quem decidia ver a série “Conta-me Como Foi”?
5. O que o motivou a ver as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?
6. Em que contexto do dia assistiu à série “Conta-me Como Foi”?
7. Identifica algum constrangimento que tenha sentido ao ver os episódios? Qual/quais? De que forma procurou contornar esses constrangimentos?
8. Gostou de ver a série “Conta-me Como Foi”? Considera que as pessoas com quem vive partilham da sua opinião?

9. Lembra-se de alguma vez consultar ou verificar noutra fonte algum dado histórico-social representado na série? A que fonte?

Série

1. Qual é a sua opinião sobre a série “Conta-me Como Foi”?
2. O que pensa sobre a família Lopes?
3. Revê a sua vivência dos anos 84-87 na família Lopes?
4. Como é que acha que o período pós 25 de abril foi representado na série “Conta-me Como Foi”?
5. Pareceu-lhe credível a representação feita na série do período pós 25 de abril?
6. Há algum acontecimento que se recorde de ter pensado que devia estar representado na série e tal não aconteceu?
7. Acha que a série lhe permitiu conhecer melhor alguns acontecimentos históricos?
8. Considera que a série o levou a repensar os anos 84 a 87? De que forma?

Visionamento de excertos da série

1º excerto – Temporada 6, episódio 8 (15:35-17:09; 27:40-28:40)

1. Recorda-se do “Spectrum”?
2. Na sua casa, também se notava uma resistência inicial à tecnologia?
3. Como vê atualmente a introdução de tecnologia comparando com o ano de 84?
4. Na sua casa, recorda-se de ver, ou um familiar seu ver, telenovelas brasileiras?
5. Qual a relevância que as telenovelas brasileiras tinham para a sua família?
6. Atualmente, interessa-se por telenovelas?
7. Tem algum comentário que queira fazer sobre este excerto da série “Conta-me Como Foi”?

2º excerto – Temporada 7, episódio 17 (até 01:33; 12:00-13:53)

1. Recorda-se da série “Duarte e Companhia”?
2. Qual foi o papel desta série no seu núcleo familiar?
3. Como vê o facto de um ator de “Duarte e Companhia” fazer parte do elenco de “Conta-me Como Foi” e essa situação ser explorada?
4. Revê-se na situação de controlo dos conteúdos televisivos assistidos em casa?
5. Como é que viu a entrada de Portugal na CEE?
6. O que representa para si o carro Citroen 2CV?

7. Como vê esta cena de assédio no café?
8. Tem algum comentário que queira fazer sobre este excerto da série “Conta-me Como Foi”?

3º excerto – Temporada 8, episódio 8 (42:24-43:00)

1. Na sua família, também existia o hábito de se reunirem para ver determinados conteúdos na televisão?
2. Desta cena, em que vemos a entrevista do Toni ao Maradona, considera que o facto de combinar imagens de arquivo com imagens montadas lhe transmite maior credibilidade, ou cria um maior distanciamento relativamente à veracidade dos factos representados?
3. Tem algum comentário que queira fazer sobre este excerto da série “Conta-me Como Foi”?

Apêndice C: Guião de Entrevista para quem assistiu à série e não viveu o período representado

Consumo história

1. Com que frequência consome conteúdos televisivos?
2. Em que momentos prefere ver televisão?
3. O que o motiva a ver televisão?
4. Atribui à televisão um papel educativo?
5. Acha que a televisão contribui para a sua compreensão do mundo? De que forma?
6. Com que frequência consome conteúdos televisivos sobre história?
7. Tem preferência por séries ficcionais ou por documentários na representação da história?
8. Desses conteúdos, tem mais interesse pelos que abordam a história nacional ou internacional? (justificação)
9. Qual é a sua principal fonte de conhecimento sobre história?
10. O período pós 25 de abril interessa-lhe particularmente? Porquê?
11. Conversa sobre esse período com familiares ou amigos? Como classifica as perspetivas que surgem no âmbito dessas conversas?
12. Qual é a relevância que tem para si o conhecimento sobre o passado histórico?

Memória

1. Como vê o Portugal pós 25 de abril?
2. Que eventos e situações destaca desse período?
3. Uma vez que se trata de um período que não viveu, como considera que foram construídas as ideias que tem sobre o pós 25 de abril?
4. Que fontes de informação contribuíram para a formação dessas ideias e perspetivas?
5. Considera que a televisão contribuiu para a formulação dessas ideias? De que forma?
6. E a série “Conta-me Como Foi”?

Consumo série

1. Viu as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”? Há quanto tempo?
2. Viu os episódios na televisão ou através da “RTP Play”?
3. Quando via os episódios, costumava fazê-lo sozinho ou acompanhado? Se via acompanhado, qual a dinâmica – comentavam, não comentavam...

4. Em sua casa, quem decidia ver a série “Conta-me Como Foi”?
5. O que o motivou a ver as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?
6. Em que contexto do dia assistiu à série “Conta-me Como Foi”?
7. Identifica algum constrangimento que tenha sentido ao ver os episódios? Qual/quais? De que forma procurou contornar esses constrangimentos?
8. Gostou de ver a série “Conta-me Como Foi”? Considera que as pessoas com quem vive partilham da sua opinião?
9. Lembra-se de alguma vez consultar ou verificar noutra fonte algum dado histórico-social representado na série? A que fonte?

Série

1. Qual é a sua opinião sobre a série “Conta-me Como Foi”?
2. O que pensa sobre a família Lopes?
3. Como é que acha que o período pós 25 de abril foi representado na série “Conta-me Como Foi”?
4. Pareceu-lhe credível a representação feita na série do período pós 25 de abril?
5. Lembra-se de algum acontecimento que gostasse de ter visto representado na série e que não esteja nos episódios?
6. Acha que a série lhe deu a conhecer melhor alguns acontecimentos históricos?
7. Considera que a série o levou a construir uma ideia dos anos 84-87? De que forma?

Visionamento de excertos da série

1º excerto – Temporada 6, episódio 8 (15:35-17:09; 27:40-28:40)

1. Conhecia o “Spectrum” antes de ver a série “Conta-me Como Foi”?
2. Como vê a resistência inicial à tecnologia representada na série?
3. Comparando com o que vimos, como encara atualmente a introdução de tecnologia?
4. O que pensa sobre a relevância que as telenovelas brasileiras assumiam?
5. Na sua casa vê, ou algum familiar seu vê, telenovelas brasileiras?
6. Tem algum comentário que queira fazer sobre este excerto da série “Conta-me Como Foi”?

2º excerto – Temporada 7, episódio 17 (até 01:33; 12:00-13:53)

1. Conhecia a série “Duarte e Companhia”?
2. Como vê o facto de um ator de “Duarte e Companhia” fazer parte do elenco de “Conta-me Como Foi” e essa situação ser explorada?

3. O que pensa sobre o controlo que existia dos conteúdos televisivos assistidos em casa?
4. Comparando com a sua vivência atual, acha que se mantém?
5. Como vê a participação de Portugal na antiga CEE, atual União Europeia?
6. O que representa para si o carro Citroen 2CV?
7. Como vê esta cena de assédio no café?
8. Tem algum comentário que queira fazer sobre este excerto da série “Conta-me Como Foi”?

3º excerto – Temporada 8, episódio 8 (42:24-43:00)

1. Tem por hábito juntar-se com a sua família para ver determinados conteúdos na televisão?
2. Desta cena, em que vemos a entrevista do Toni ao Maradona, considera que o facto de combinar imagens de arquivo com imagens montadas lhe transmite maior credibilidade, ou cria um maior distanciamento relativamente à veracidade dos factos representados?
3. Tem algum comentário que queira fazer sobre este excerto da série “Conta-me Como Foi”?

Apêndice D: Entrevista Mário

Com que frequência consome conteúdos televisivos?

Diariamente.

Em que momentos é que prefere ver televisão?

À noite, à noite... Depois de todos os meus deveres findados, depois de finalizar tudo aquilo que tenho que fazer, gosto de me sentar e de ver um pouco de televisão, sim.

O que é que o motiva a ver televisão?

O que é que me motiva? Olha, motiva-me acima de tudo, tentar ver informação, informar-me um pouco melhor do que normalmente faço durante o dia, que é passar muito tempo nas redes sociais. Não é? Não vejo televisão durante o dia, lá está, vejo à noite e à noite tento, sim, informar-me mais um pouco e com mais realidade sobre todos os factos do que aquilo que vejo normalmente na Internet durante o dia e é isso que eu procuro. Procuro boa informação acima de tudo.

Atribui à televisão um papel educativo?

Sim, atribuo. Bastante educativo, muito mais do que as redes sociais. Ainda que ache que é preciso procurar, saber procurar na televisão aquilo que será educativo, informativo e positivo. Hoje em dia temos 500 canais, portanto há que saber escolher também, fazer uma triagem.

Acha que a televisão contribuiu para a compreensão que tem do mundo?

Claro que sim! Ajudou-me muito, em todos os aspetos durante o período escolar, por exemplo. Seja em documentários, em coisas que me surgiam que não teria outro acesso se não fosse mesmo através da televisão, ou de bibliotecas. A procura por mais informação acho que sim, é por aí, a televisão ajuda-me a ser melhor e a construir-me.

Com que frequência é que consome conteúdos televisivos sobre história?

Não tanta como eu gostava, mas de quando em vez gosto de ver, sim. Aproximadamente de quinze em quinze dias, talvez, mas gosto de ver programas sobre ficção científica, história, é por aí.

Quando vê esses conteúdos, tem preferência por séries ficcionais ou por documentários?

Gosto mais de documentários, prefiro.

Tem mais interesse nos conteúdos que abordam a história nacional ou internacional?

As duas, mas escolho a nacional, gosto muito. Gosto muito da nossa história. Portugal é um país com bastante história e nós não sabemos tudo... Quando há conteúdos de história sobre portugueses ou portuguesas que fizeram história, que nos representaram, prefiro.

Qual é que é a sua principal fonte de conhecimento sobre história?

Sem dúvida que até há uns anos foram os livros. Sempre frequentei muitas bibliotecas até aos dezasseis/dezassete anos e, além do mais, a disciplina que eu mais gostava era história. Esforçava-me muito para ter as melhores notas e era muito através de enciclopédias que procurava saber mais. Agora, a televisão assume mais esse papel, mas a ajudar-me no crescimento foi através das bibliotecas, de enciclopédias e de livros. Os meus pais compravam muitos livros. Lembro-me assim da Enciclopédia Atlas e de outras enciclopédias que eu adorava ler.

Quando pensa no período pós 25 de abril, qual é que é o acontecimento histórico de que tem mais memória?

Eu, felizmente, nasci 5 anos depois do 25 de abril. Recordo-me de me contarem o que se passava antes do 25 de abril, mas eu, pós 25 de abril, aquilo de que mais memória tenho foi o desenvolvimento da zona onde eu cresci – a Brandoa. Isto foi a partir do ano de 1986. Ou seja, nos meus primeiros seis anos aquilo era mesmo quase um sítio onde ninguém queria passar, onde ninguém queria viver, um sítio péssimo. Em 86, depois de tudo o que passámos pós 25 de abril, quando Portugal entrou na CEE, toda a minha zona mudou e melhorou em todos os aspetos. Isto pode parecer parvo, mas começou-se a ver mais espaços verdes, mais zonas de lazer, uma melhor biblioteca, melhores escolas... Foi a partir daí que eu tive a noção que estávamos a entrar num “comboio da CEE”, que estávamos no caminho certo.

Em concreto, entre os anos 84 e 87, estava a referir a entrada de Portugal na CEE. É esse o acontecimento que destaca destes anos?

Exatamente! Sim, sim! Tudo o que adveio da entrada de Portugal na CEE. Os dinheiros que entraram, por exemplo. Até lá estávamos na cauda da Europa, muito para lá da cauda da Europa e, com esse dinheiro, eu recordo-me que fiquei feliz! Não percebia muito bem o que é que se estava a passar, mas fiquei feliz pelos meus pais, porque percebi que a vida estava a mudar a partir de ali. A partir daí, eu percebi que a minha mãe tinha um melhor acesso a hospitais, a centros de saúde... As coisas começaram-se a desenvolver, aos poucos, é certo, mas começaram-se a desenvolver e foi aí que se deu o “boom”.

Viu as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”, há quanto tempo?

Ainda há pouco tempo vi os episódios que passaram na RTP. Era a última temporada.

Viu os episódios na televisão, ou através da RTP Play?

Vi na televisão, tudo na televisão. No televisor, mesmo. Há poucos dias instalei a aplicação da NOS e pensei em voltar a ver novamente do início todos os episódios e é uma coisa que, se calhar, vou fazer. Ver do episódio um, outra vez, até... Por muito que vejamos aquilo uma vez, se voltarmos a ver vamos encontrar uma moldura, ou algo de novo que está ali na imagem e que se calhar não reparámos da primeira vez e ao voltar atrás podemos identificar-nos e ver aquele naperão em cima da televisão, típico dos anos 80! Eles são dados a esses pormenores e isso fascina-me por completo.

Quando vê os episódios, costuma fazê-lo sozinho ou acompanhado?

Olha, costumava ver com o meu irmão, com a minha família, com os meus sobrinhos. Entretanto juntávamo-nos aos sábados na casa da minha mãe e víamos todos juntos quando os episódios davam na televisão. Mas também os últimos vi sozinho.

Quando via acompanhado, costumavam comentar o que viam?

Claro, claro que sim! Identificávamo-nos com tanta coisa... É impressionante! A série está muito bem feita mesmo. Quem viveu nessa época então... melhores memórias guarda e olha para a série e está-se a ver, está-se a rever nas frases, no que o pai dizia aos filhos, no que os filhos diziam aos pais... Está mesmo muito bom.

Em sua casa, quem é que tomava a decisão de verem o “Conta-me Como Foi”?

Eu. Quando estava sozinho era eu e acompanhado também.

O que é que o motivou a ver esta série?

Acho que a qualidade da série. Se calhar se eu tivesse nascido nos finais dos anos 90, a série talvez já não me dissesse muito. Mas como nasci mesmo em 80, tudo aquilo me faz sentido - os discos, os programas que davam na televisão, o aparecimento do *Walkman*. Lá está, são coisas que para eles na série foram uma conquista e que para nós também o eram, mas ali está representado numa ficção, está na televisão e isso é espetacular.

Quer dizer que gostou mesmo de ver esta série?

Sim! Eu adorei, adorei... E espero que não pare, porque é uma série que tem pernas para andar. Quem viveu nos anos 80, 90, tem as suas memórias guardadas e quem está a viver os dias de hoje vai ter memórias deste tempo agora. As pessoas gostam de nostalgia, acho eu, pelo menos nós portugueses somos muito saudosistas, digo eu.

Quanto às pessoas que viram consigo, acha que partilham da sua opinião?

Gostam! Têm a mesma opinião completamente. O meu irmão é mais velho do que eu seis anos e é fascinado pela série! O meu irmão delira com isso!

Recorda-se de alguma vez consultar ou verificar algum dado histórico-social representado na série?

A veracidade dos factos? Não, não. Porque lá está aquilo que para mim estava tão real e tão bem feito, e está mesmo bem feito. Há que tirar o chapéu a quem produziu e realizou, porque está mesmo espetacular. Muito pouco, muito poucas falhas, muito poucas falhas. Está impecável, impecável. Os guionistas, a própria fotografia... Tudo bem que estamos a falar de uma série que é do Estado, é da RTP, não é uma produção individual com grandes meios, grandes patrocínios, mas mesmo com poucos meios, foi uma série que “rebentou”! A fotografia estava bonita para aquilo que podiam fazer, os cenários - aquela coisa de acreditar que era tudo feito em Lisboa, portanto coisas feitas em estúdio ficaram tão bem feitas como em exteriores, portanto, não perdeu.

Sobre a família Lopes, qual é a sua opinião?

Olha, acho uma família completamente típica. Talvez uma família que, lá está, naquela altura já era uma família diferente para a minha realidade. Porque a mãe trabalhava, a mãe era empreendedora, coisa que na minha zona, onde eu cresci, praticamente só os pais dos meus amigos é que trabalhavam. Anos 80, ok? As mães eram completas donas de casa porque tinham dois, três filhos... Completas donas de casa. Havia muito poucas mães que trabalhavam e isso aí foi uma das coisas que eu gostei - foi terem dado um papel à mãe tão importante nos dias de hoje, como teria sido naquela altura. Uma mãe trabalhadora, empreendedora, ativa, a cuidar dos filhos.

E sobre as outras personagens, o que acha das profissões que as personagens têm também?

Diferentes da minha realidade também! Um pai com uma agência de viagens e com um parque de campismo... São coisas estrondosas a meu ver. Acho que se eu visse aquela série quando era miúdo ia tudo fazer-me alguma confusão, mas nos dias de hoje reflito e penso que é normal que na altura existissem realidades diferentes daquela em que eu cresci. Aquilo que eu conhecia eram só os meus amigos, o meu pai trabalhava numa oficina, o meu primo tinha outra oficina e depois os pais dos meus amigos, não havia assim outras profissões diferentes. Eu nunca tive uma mãe de um amigo meu que tivesse uma loja, por exemplo... Era impossível! Quando muito o pai tinha um café, o pai tinha uma taberna. Uma mãe

empreendedora, a trabalhar imenso, a ser uma excelente dona de casa, uma boa mãe? Não, não havia.

Mas revê a sua vivência dos anos 84 a 87 na família Lopes?

Pronto, dir-te-ia que não, devido às profissões que eles têm. Na minha altura, um pai com uma agência de viagens não vivia ali onde eu morava... Não vivia na Brandoa... Um pai que tivesse uma agência de viagens já vivia noutras áreas, se é que me faço entender. A zona onde eu cresci era muito pobre, os pais não tinham assim profissões e nem as mães trabalhavam, as mães eram donas de casa. Era a ideia que eu tinha. Agora em tudo o resto revejo-me, sim! O facto de, por exemplo, eles terem a cargo a D^a Hermínia, a avó, é uma família normal, é uma coisa que acontecia e que ainda hoje acontece. Nas profissões dos filhos... É um sítio diferente daquele em que eu cresci, percebes? Eu ambicionava, quando muito, ter uma profissão semelhante à que os meus pais tinham. Eu considero-me, e ao meu grupo de amigos, daqueles que fugiram um bocadinho ao padrão definido previamente, os meus amigos têm todos profissões, também, mas quando me tornei fotógrafo... Vim para um mundo completamente diferente! Sair da Brandoa, sair daquele bairro e hoje em dia ter uma profissão diferente, a sensação de sair de lá foi libertadora. Podíamos ter morrido. Podíamos ter enveredado pelas drogas. Eu tenho amigos da minha idade que morreram pela droga, com droga, percebes? Não conseguiram sair disso... Tirando isso, é uma realidade diferente. Essa é a realidade de Benfica, as histórias contadas pelo Nuno Markl, batem certo: Benfica já tinha cinema, tinha uma praça, surge o Centro Comercial Fonte Nova... Eu ia muito a pé ao Fonte Nova, fazia Brandoa – Fonte Nova a pé porque queria ver o que havia para lá da Brandoa... Tinha lojas, por exemplo... Esse era um mundo completamente diferente para mim. Mas a realidade é essa. Sítios tão perto um do outro, Brandoa e Benfica, e em Benfica era tudo diferente... As pessoas estavam mais desenvoltas, tinham opiniões políticas... Os meus pais, por exemplo, eram muito pouco dados à política, percebes? Toda a informação chegava menos também ao sítio onde eu cresci. Era tudo mais reduzido. Tinha que sair da “ilha” para ver um mundo diferente.

Como é que acha que o período pós 25 de Abril foi representado na série “Conta-me Como Foi”?

Eu sinto que, em termos do relato do pós 25 de Abril na série, está bem feito, quer dizer... Eu gostava de ter visto a revolução representada! E tudo até ao ano de 1984... Acho que

podia estar ainda mais marcante, podiam ter dado mais a entender as dificuldades que existiram.

Acha credível a representação que é feita do período pós 25 de abril na série?

Completamente, completamente!

Há algum acontecimento que se recorde de pensar que gostava de ter visto representado na série e isso não aconteceu?

Que eu me recorde, não...

Acha que a série lhe permitiu conhecer melhor alguns acontecimentos históricos da época?

Sim, claramente, sem dúvida, sim! Conhecer os acontecimentos e também ver um pouco de outra perspetiva. Perceber também porque é que os meus pais eram como eram quando eu nasci, porque é que as pessoas com quem eu vivi e cresci eram assim, que vidas eram essas...

Acha que a série o levou a repensar os anos de 1984 a 1987?

Sim, sim! Levou-me a pensar que fui feliz, que tive imensa sorte. Sobretudo a questão do ano de 1986. Este foi, para mim, o ponto de viragem. É um facto, agora que sei que outras pessoas antes disso sofreram imenso e não tiveram as coisas boas que eu depois acabei por vir a ter.

1º excerto:

Recorda-se do “Spectrum”?

Completamente, eu tive um! Eu tive “Spectrum”, o meu pai comprou-me! O meu pai devia ter 30 e poucos anos quando eu nasci e o meu pai ia para casa do meu vizinho e a minha mãe dizia “lá está o teu pai na casa do teu vizinho a jogar computador”... Passado um ano do meu vizinho ter computador, comprou-nos um também, depois tive um computador de secretária, era o meu pai que nos incentivava a ter essas tecnologias, apesar de sermos pobres.

Na sua casa, não se notava esta resistência inicial à tecnologia?

Não havia não, nunca, muito pelo contrário até. Tivemos tudo, felizmente tive “Spectrum”, “Commodore amiga”, um dos primeiros IBM.

Como vê atualmente a introdução de tecnologia comparando com o ano de 84?

Não tem nada a ver... A coisa acabou por se inverter. Aquilo que inicialmente nos chegou e que era para nos divertirmos transformou-se quase numa obsessão, mas para toda a gente, para pais e para filhos. Os pais, quando querem estar sossegados, estão a ver uma série e

põem os filhos num outro canto com essa mesma tecnologia, a ver outra série ou a jogar... Enquanto aqui neste início, era assim: só havia uma televisão, querias ligar o computador, ligavas o computador, mas toda a gente ia brincar um pouco naquele momento. Hoje em dia já é uma coisa tão banal que as pessoas já nem conversam...

Na sua casa, recorda-se de ver, ou um familiar seu ver, telenovelas brasileiras?

Sim, sim. Lembro-me de várias novelas. Víamos tudo: a Tieta, o Roque Santeiro... Foram tudo novelas nos 80 que me marcaram imenso. Como eu vivia naquela “pequena ilha”, tudo isso me abria os horizontes, fazia com que eu gostasse de um dia poder viajar, conhecer aqueles países, conhecer aquelas pessoas. Nós parávamos para ver.

Atualmente, interessa-se por telenovelas?

Não, atualmente não... Por acaso, hoje em dia nem uma. Há 10 anos, estava casado, a minha ex-mulher via e eu via também. Não é que não gostasse, mas depois, entretanto, perdi um pouco o gosto... Vejo séries, mas telenovelas não.

Tem algum comentário que queira fazer sobre este excerto da série “Conta-me Como Foi”?

Estava a ver os pormenores... Aquele primeiro telefone a que a minha mãe chegou a pôr um cadeado para nós não telefonarmos... Todas essas coisas fazem-me recordar. Olhando depois para estas imagens e ver os pequenos pormenores: tudo o que se usava na altura, as roupas de ganga, os blusões de ganga, coletes, os relógios que por acaso hoje estão a voltar... Acho que nós somos muito saudosistas. O português é muito saudosista e acho que gosta de recuar! Este tipo de séries faz todo o sentido, seja de 80, 90, seja do ano 2000, ou 2010, porque as pessoas vão rever-se ali e vão rever-se todas numa sociedade. É do melhor, é muito giro.

2º excerto:

Recorda-se da série “Duarte e Companhia”?

Sim, adorava. Vi isto tudo.

Qual foi o papel desta série no seu núcleo familiar?

Recordo-me de na altura pararmos para ver e recordo-me das brincadeiras que fazíamos em que recriávamos a série “Duarte e Companhia”.

Como vê o facto de um ator de “Duarte e Companhia” fazer parte do elenco de “Conta-me Como Foi” e essa situação ser explorada?

Muito giro! São aqueles pequenos brindes que quem cria e faz uma série nos oferece! Podiam passar completamente ao lado, não é?

Revê-se na situação de controlo dos conteúdos televisivos assistidos em casa?

Na minha altura, não tanto. Nós tivemos uma só televisão até para aí 1989, depois aos meus 10 anos acho que já tínhamos duas. Mas eu lembro-me de jogar muitos jogos à tarde e de, mais ou menos ali por volta das seis da tarde, percebermos que estava na hora de parar, porque o meu pai estaria a chegar a casa. Não havia imposição de pararmos, mas nós respeitávamos isso. No momento em que houve outra televisão, aí íamos para o quarto e passávamos horas a jogar.

Como é que viu a entrada de Portugal na CEE?

Foi uma mudança gradual e muito positiva! Desenvolveu muito a zona em que eu cresci. Se nós não tivéssemos entrado na CEE naquela altura, eu não era a mesma pessoa... Não tinha tido acesso se calhar a uma melhor biblioteca, a uma melhor escola... Embora fosse mau, era melhor do que aquilo que tínhamos antes. Hoje eu vejo que foi positivo! Uma coisa é tu estares a estudar numa escola em que chove lá dentro e com ratos... A minha primeira escola era assim, no meu primeiro ano passavam-me ratos ao lado... Para mim, a mudança foi mesmo na altura certa porque me permitiu ter uma vida muito melhor. As estradas eram uma coisa terrível antes... Lembro-me de alcatroarem a minha rua e da alegria que isso nos deu. A partir de 86/87 começou a haver progresso na minha zona.

O que representa para si o carro Citroen 2CV?

Leva-me logo a lembrar-me do “Duarte e Companhia”! Quando vejo um “dois cavalos” na rua, é logo: “Duarte e Companhia”! Nunca tive nenhum, nunca conduzi nenhum e também não me recordo de na minha zona haver muitos.

Como vê esta cena de assédio no café?

É curioso porque ainda hoje comentei com os meus filhos uma coisa destas. Estava a contar-lhes que o meu pai, há uns anos, no metro, empurrou um homem e quase lhe bateu e eu não percebi porquê. Na altura “venderam-me” uma história, que eu descobri que não era verdade. Disseram-me que o homem estava a mexer na bolsa da minha mãe, que a queria roubar... Mas o que eu soube uns anos depois foi que o homem estava a roçar-se, literalmente, na minha mãe... Havia muitas situações dessas de assédio... E ainda hoje há. Felizmente agora é punido por lei.

3ª excerto:

Na sua família, também existia o hábito de se reunirem para ver determinados conteúdos na televisão?

Parávamos para ver os telejornais, os jogos sem fronteiras, novelas...

Desta cena, em que vemos a entrevista do Toni ao Maradona, considera que o facto de combinar imagens de arquivo com imagens montadas lhe transmite maior credibilidade, ou cria um maior distanciamento relativamente à veracidade dos factos representados?

Aqui esta cena em específico acho que está forçada... Está um bocado forçada. Levar o Toni logo a entrevistar o Maradona... Mas está curioso, está engraçado. De um modo geral, acho que dá mais credibilidade. Situa-nos completamente. Leva-nos à época.

Apêndice E: Entrevista Pedro

Com que frequência é que consome conteúdos televisivos?

Sou muito irregular nisso. A frequência altera-se conforme a altura do ano, ou os meus assuntos de interesse. Se houver uma coisa que me interessa, sou capaz de ver um conteúdo televisivo amiúde. Mas também posso estar sem ver televisão assim, dois meses... ou ver muito pouca mesmo... Embora vá vendo sempre qualquer coisa, porque não conseguimos fugir à televisão, não é? Está demasiado presente nas nossas vidas, tanto em casa como em todo o lado a que vamos. Então, às vezes, quando aparecem coisas de interesse, nomeadamente no âmbito noticioso, gosto de ficar a ver.

E em que momento é que prefere ver televisão?

É mais à noite! De dia geralmente não tenho tempo... Embora no verão, quando está calor, há alturas do dia em que não dá para fazer nada pelo calor que está e então às vezes essa é uma solução boa. A televisão é uma boa coisa sim, é uma boa solução.

O que é que o motiva a ver televisão?

Há uma parte cultural, há outra informativa – de alguém que quer saber o que é que se passa no mundo – e também há uma parte recreativa, também posso ver algumas coisas na televisão de um ponto de vista recreativo, de alguém que quer simplesmente passar um bom momento a ver uma coisa de que goste. Estou a falar, por exemplo, da volta à França, de cinema, por aí.

Atribui à televisão um papel educativo?

Sim! Também tem, sem dúvida.

Considera que a televisão contribui para a compreensão que tem do mundo?

Acho que sim, acho que sim.

De que forma é que acha que isso acontece?

Essa pergunta tem que se lhe diga... uma das coisas mais importantes, talvez seja a manipulação que é exercida sobre a televisão, para que as pessoas tenham uma determinada perceção do que é a vida, do que é o mundo político, económico, isso tudo... Portanto, a perceção através da televisão que é transmitida na Europa, não é exatamente a mesma da que é transmitida na China. No entanto, tanto num sítio como no outro é importante em termos da pergunta que fizeste.

No que respeita a conteúdos televisivos sobre história, com que frequência é que costuma consumir este tipo de conteúdos?

Bastante. É um dos assuntos que mais me interessa na verdade. Gosto muito de documentários e de cinema histórico, por exemplo. É uma das minhas preferências quando faço escolhas de entre os programas.

E entre as séries ficcionais e os documentários, como é que prefere ver a história representada na televisão?

O que eu prefiro ver na verdade é qualidade! Se for um programa qualquer de ficção, mas de alta qualidade, muita boa, fico a ver! Porque é que não hei de ver? Se gostar, vejo com gosto e com prazer. O mesmo para o documentário, tal e qual, porque também há coisas que não interessam nada. Privilegio a qualidade e o que me agrada também. Não posso ser presunçoso ao ponto de dizer que sou eu quem sabe o que tem ou não qualidade no mundo... Mas como sei o que gosto e o que não gosto, então a resposta correta será “o que gosto”.

Desses conteúdos históricos que vê, tem mais interesse pelos que abordam a história nacional ou internacional, de um modo geral?

É igual, no fundo é igual. Posso ter bastante interesse numa coisa sobre Portugal, como posso ter bastante interesse numa coisa sobre o Japão, ou a Namíbia, ou a Antártida. Não vejo distinção, embora seja português... Eu sou português, não é? Portanto, Portugal interessa-me, sem dúvida! Sem dúvida... Mas também sou cidadão do mundo, atenção.

Qual é a sua principal fonte sobre história?

A principal, se calhar, é a literatura. Acho que os livros têm um papel fundamental. E depois, vem o cinema, a televisão, ... Em relação à televisão, claro que tem tudo: cinema, teatro, informação... Tem tudo. A televisão, portanto, tem de ser também tida em linha de conta. Mas o cinema para mim foi sempre muito importante. Acho que isto também tem a ver com a idade que eu tenho. Quando eu era miúdo, a televisão só começava a partir das sete da tarde, vinte para as oito com o telejornal e outras “chatices”... Quase que não havia televisão. Havia um canal – a RTP. Portanto, a televisão nessa altura tinha um papel muito menos importante, embora houvesse uma coisa chamada “Noite de Teatro” e também havia a “Noite de Cinema”. Havia esse tipo de coisas, mas era muito diferente do que é hoje... Muito diferente... Quanto às redes sociais, não vejo que seja por aí que me “cultive”. Posso-me entreter, não é? Através do Facebook, e de outras plataformas, tu divertes-te, podes achar graça e assim, mas não é propriamente uma fonte cultural.

Agora, vou pedir-lhe que pense sobre o período da história pós 25 de abril. Quando pensa nesse período, qual é o acontecimento histórico de que tem mais memória?

No pós 25 de abril... É o 1º de maio! Foi logo a seguir, foi uma semana depois e é de facto um momento extraordinário em Portugal.

E em concreto entre os anos de 84 a 87, há algum acontecimento que destaque?

De 84 a 87... Em 84 já tinha sido a constituinte, já éramos uma democracia. Que acontecimento histórico é que acontece a partir de 84? Quer dizer, há a entrada na Comunidade Europeia, que foi muitíssimo importante, não é? Embora nós, de alguma forma, fôssemos contra nessa altura...

Quando menciona “nós”, está a referir-se a quem?

Nós: uma certa rapaziada, eu e os meus amigos, por assim dizer. Mas não éramos totalmente contra porque a situação estava muito difícil... Mas pronto, a destacar algum acontecimento, destaco a adesão de Portugal à Comunidade Europeia.

Agora, sobre as temporadas 6, 7 e 8 do “Conta-me Como Foi”, viu-as? Quando foram transmitidas, ou posteriormente?

Vi, vi, sim. Vi quando foram transmitidas. Quer dizer... agora também vi recentemente alguns numa coisa que é a RTP Memória.

E via no televisor, ou através do telemóvel, do tablet, do computador?

Não, não. Eu vi sempre na televisão.

Quando via os episódios, costumava fazê-lo sozinho ou acompanhado?

Sozinho, sozinho.

O que é que o motivou a ver esta série e, em concreto, estas temporadas?

O que me motivou... Foi a qualidade e o interesse da série! Até é uma coisa engraçada e que reflete bem, reflete não: conta bem uma história! Lembro-me muito bem daquele tempo e aquilo tem algum rigor histórico, vá, por assim dizer. E tem outra coisa: tem atores que eu reconheço, admiro e alguns que até conheço. E isso também me faz ficar a ver os episódios... Porque eu sou ligado ao teatro e tenho amigos na área e, portanto, conheço algumas pessoas e é natural que, quando uma dessas pessoas aparece na minha televisão, eu queira ver com mais interesse. Depois, noutros casos que não a série, mesmo que não me interesse muito, acabo por me interessar o suficiente para eu dar valor e pensar “deixa lá ver o que é que é isto”... E então fico a ver! Mas o “Conta-me Como Foi”... Essa série recria bastante bem para quem não viveu lá, para quem nasceu depois, o que era o Portugal dessa altura.

Em que contexto do dia é que costumava ver a série?

Não sei bem... De inverno, diria que pelo fim do dia e à noite.

Gostou de ver esta série?

Gostei! Achei graça a muitas coisas! Eu estive lá, sabes? Dava por mim a comentar “pois, é isto, isto era assim!”. Tive essa sensação.

Lembra-se de alguma vez consultar ou verificar noutra fonte algum dado histórico-social representado na série?

Não... Quer dizer, de alguma forma podia fazer isso com a minha cabeça e dizer “não... isto não foi assim...” ou “ah! Isto foi mesmo assim!”... Algo deste género. Não acho que fosse caso para tanto ir consultar outras fontes. Não vi nada “de caras” daquelas em que às vezes te apresentam uma coisa como se fosse verdade e depois ficas a pensar “não, isso não foi assim... não foi nessa altura... não foi, não...”. Como isso não me aconteceu, não fui consultar nada mais.

Agora, concretamente sobre a série, o que é que pensa sobre a Família Lopes?

Acho que é uma família normal... É um estereótipo. Eles tentam arranjar um estereótipo. E têm de o fazer, não é? É uma classe média que vem ali, tem ligações à província.... É uma família tipicamente portuguesa daquela altura, é um estereótipo. Era assim e foi assim, e retrata bem, é o que eu penso. Depois, têm lá os problemas deles... Quem não os tem? Quem não os teve? No fundo, penso que é um autêntico estereótipo.

E revê a sua vivência dos anos 84 a 87 nesta família?

Não exatamente... Porque não é a minha origem, estás a ver? Mas conheci gente que encaixa ali perfeitamente. Tive amigos que encaixam ali perfeitamente. Mas a minha mãe, por exemplo, nunca trabalhou como a Margarida... A minha mãe é uma burguesa. São realidades distintas, embora consiga encontrar semelhanças. Eu conheço aquilo. Eu conheço. Tive amigos, colegas e pessoas com quem trabalhei que eram aquilo, tal e qual. Aquilo faz uma reconstituição, não digo perfeita – porque não há perfeição nestas coisas -, mas quase perfeita, muito credível.

Como é que acha que o período pós 25 de Abril foi representado nesta série?

Eu acho que foi bem, credível. Eu achei essa série sempre confiável, para série portuguesa então...

Há algum acontecimento que se recorde de estar a ver e pensar que gostava de ver representado na série e isso não aconteceu?

Eu acho que eles tinham um certo afastamento... não é um completo afastamento, mas politicamente tinham um certo afastamento, uma tendência a afastarem-se das realidades políticas.

Gostava de ter visto uma convicção política representada na série?

Pois... Eu arrisco-me a dizer que até parecia que se notava um ponto de vista bairrista... Um ponto de vista assim um bocado bairrista, mas isso é natural que o fizessem. Aquilo não é nenhum tratado político também... É uma série de entretenimento. É uma coisa por temporadas, mas é quase uma telenovela, não é? Conheces a família, conheces aquela gente... Sabes o que é que as personagens querem fazer... Sabes que ela tem uma loja... Os filhos... Mais os avós... Os problemas deles... Dos filhos... As férias... Pronto... A política está lá, mas não é a coisa mais importante.

Considera que a série o levou a repensar os anos de 84 a 87?

Não, não considero...

1º excerto:

Recorda-se do “Spectrum”?

Perfeitamente. Não tive, mas tive amigos que tiveram e joguei. Foi o primeiro computador assim acessível que as pessoas podiam comprar para ter em casa, para fazer algumas coisas.

Na sua casa, também se notava uma resistência inicial à tecnologia?

Na minha casa, não houve, antes pelo contrário. Eu não tive o “ZX Spectrum”, mas tive o “386” e usava para o trabalho. Só para o computador fazer alguma coisa era uma carga de trabalhos... Era mesmo uma “chatice”. É pré Windows. O Windows é mesmo o computador que veio resolver isso e que veio mudar as coisas. Em casa dos meus pais já havia essa resistência, sim, houve muita resistência.

Como vê atualmente a introdução de tecnologia comparando com o ano de 84?

Na verdade, se calhar desde 90 ou assim que não aparece nada de novo nas tecnologias, não é? Acabam por ser tudo computadores aperfeiçoados, tecnologicamente mais evoluídos, mas não é mais do que evolução. Não vejo grandes diferenças porque, por exemplo, a inteligência artificial de que tanto se fala... A inteligência artificial tem a ver com os computadores e com a Internet, mas a revolução já foi nos anos 80. Só para termos uma ideia, o grande computador inglês que ajudou a resolver a II Guerra Mundial tinha 64 MB de memória...

Ora isso hoje em dia é uma foto normal... Esse tipo de tecnologia tem avançado muitíssimo, mas é a mesma coisa, são computadores. Portanto, não vejo que tenha mudado muito.

Na sua casa, recorda-se de ver, ou um familiar seu ver, telenovelas brasileiras?

O Bem Amado é uma novela da altura. Eu vi algumas. Desde logo a *Gabriela*, a original a preto e branco. Depois houve mais duas ou três que eu segui, uma delas chamada Casarão, que foi logo a seguir e que era muito gira. Também o Astro. A Escrava Isaura.

O que pensa sobre a relevância que as telenovelas brasileiras assumiam?

Portugal parou quando foi o último episódio da *Gabriela*, foi mais importante do que o campeonato do mundo da bola! Vi alguns episódios da segunda *Gabriela*, também. A *Gabriela* tem uma coisa que me prende logo que é ser do Jorge Amado. Aquilo tem um texto, uma trama interessante. É um romance do Jorge Amado, que é um autor de que eu gosto muito e que admiro.

Atualmente, interessa-se por telenovelas?

Não. Não quer dizer que não fique a ver um bocado, mas normalmente não fico...

2º excerto:

Conhecia a série “Duarte e Companhia”?

Sim, conhecia. Lembro-me de ver, mas sem ligar muito.

Qual foi o papel desta série no seu núcleo familiar?

Não foi assim uma série que tivesse muita importância para mim.

Como vê o facto de um ator de “Duarte e Companhia” fazer parte do elenco de “Contame Como Foi” e essa situação ser explorada?

É natural, acho normal. E acho bem, já que o mesmo ator fez uma série naquela época, é normal que ao retratarem essa época façam referência a isso.

Revê-se na situação de controlo dos conteúdos televisivos assistidos em casa?

Sim, um bocadinho. Eu vi isso acontecer... Não tanto na casa dos meus pais, mas depois ao longo da vida senti isso. Eu próprio também faço um pouco isso com o meu neto... Tento controlar um pouco o que ele vê. Aqui nesta situação, neste episódio, acho normal porque o pai queria ver o telejornal. Era uma coisa importante e na altura não se podia andar para trás, ou se via quando estava a dar, ou então já não se via. Acho que é uma coisa que tem prioridade.

Como é que viu a entrada de Portugal na CEE?

Foi, de facto, a solução. Sem isso estaríamos como a Albânia ou algo do género. A entrada na CEE tornou este país viável. Veio de lá muita ajuda. Mas também acho que se perderam coisas, algumas delas irrecuperáveis, como por exemplo o que tínhamos nas coisas mais tradicionais: nas pescas, na agricultura, no comércio... E a nível urbano, nas cidades, a ideia da pequena retrosaria... Agora é outra realidade com os supermercados, por exemplo... É preciso que se note que a diferença é abissal. Na altura, não havia créditos, por exemplo. A palavra de ordem era não haver dinheiro emprestado. Agora diz-se que os jovens não têm habitação... Pois não, provavelmente não... Mas nós quando conseguíamos uma habitação, que era com muita dificuldade, o que arranjávamos eram uns tijolos e umas tábuas para fazer umas prateleiras... Não há comparação, não há comparação entre o que Portugal é hoje, com o que Portugal era nessa altura. Esta coisa da globalização levou Portugal para outro caminho. Foi uma boa ideia, embora na altura nos parecesse que ia correr mal... Assim como o euro. Se nós virmos documentários, cinema documental do que era Portugal antes de 74, dá para perceber que as diferenças são abissais. Portanto, esta coisa da adesão à Comunidade Europeia foi a melhor solução. Agora, não quer dizer que seja a última, o futuro é maior do que o passado...

O que representa para si o carro Citroen 2CV?

Eu tive uma coisa dessas, não era propriamente o dois cavalos, mas tive a Dyane que era igual. E significou uma série de coisas... Foi um fator de liberdade, foi fantástico, adorei. É um carro muito divertido e muito jovem também. Tenho um amigo que ainda tem um.

Como vê esta cena de assédio no café?

Acho que é uma situação suave do que é o assédio agora e também do que era na época.

3º excerto:

Na sua família, também existia o hábito de se reunirem para ver determinados conteúdos na televisão?

Sim, era uma coisa que fazíamos e que ainda hoje faço em casa.

Desta cena, em que vemos a entrevista do Toni ao Maradona, considera que o facto de combinar imagens de arquivo com imagens montadas lhe transmite maior credibilidade, ou cria um maior distanciamento relativamente à veracidade dos factos representados?

Acho bem, acho normal. Desde que sejam observados os direitos de autor, acho bem. É uma coisa de época, por isso não vejo problema nenhum. É um aspeto muito presente no cinema de época também... É vermos os personagens a fazerem parte da história também. Aqui nesta cena é divertido de ver, aproxima-me do que estou a ver. Isto é ficção. Acho que é interessante, transporta-nos para aquela época.

Apêndice F: Entrevista Mafalda

Com que frequência consome conteúdos televisivos?

Não é diariamente, mas quando vejo um assunto que me interessa, fico a ver, ou quando alguém me avisa que vai haver algum filme ou alguma coisa: um documentário, ou assim. Talvez não todos os dias, mas todas as semanas vejo televisão.

E em que momentos é que prefere ver televisão?

Só tenho tempo à noite... Só à noite, depois de jantar.

O que é que a motiva a ver televisão?

Diria que é por distração... Filmes, filmes é uma coisa que eu gosto muito de ver.

Acha que a televisão tem um papel educativo?

Ora bem, acho que cada vez menos, mas também não sei se podemos dizer que alguma vez teve. Na verdade, não sei se alguma vez teve... Mas hoje talvez haja mais “lixo televisivo” do que havia. Havia menos oferta, havia menos canais, mas também me parece que havia mais preocupação com a educação das pessoas. Lembro-me, por exemplo, de passarem muitas peças de teatro quando eu era miúda. Agora, por exemplo, isso não se vê... É mais os *reality shows* e essas coisas que não existiam quando era criança.

Acha que a televisão contribui para a sua compreensão do mundo?

Acho que tem programas informativos... Os jornais, por maioria de razão... Mas para o meu conhecimento, não... Talvez para a minha informação. Para eu estar mais informada, mas isso também a rádio. Também oiço. Sou uma ouvinte também de rádio, no carro, etc. Também me informo aí.

Quanto a conteúdos televisivos sobre história, com que frequência é que consome estes conteúdos?

Consumo pouco e até talvez menos do que deveria... Mas aquilo que me interessa sobretudo é, por exemplo, a história do século XX, ou então a história antiga de Roma. São assim temas que me levam a assistir a programas de história. Do século XX, mais a questão da II Guerra Mundial, porque me interesso por isso, e o totalitarismo e tudo isso, e depois a história antiga, a história sobretudo dos Romanos.

Então, os conteúdos sobre história internacional interessam-lhe mais do que os de história nacional, quando comparados?

Sim, se bem que agora com o cinquentenário do 25 de abril, também houve essa oferta e eu vejo com todo o gosto.

E entre as séries ficcionais e os documentários, na representação da história, o que é que prefere?

Talvez ficção, porque eu gosto de bons filmes e acho que alguns são informativos e acabam por se confundir um pouco com os documentários. É o caso, por exemplo, do filme “A lista de Schindler” – é um filme, mas é ao mesmo tempo informativo. Mas eu gosto de ver uma história por detrás da história.

Qual é a fonte que considera ser a sua principal na aquisição de conhecimento sobre história?

Os livros... Sem dúvida os livros.

Quando pensa no período pós 25 de abril, em concreto, qual é o acontecimento histórico de que tem mais memória?

No pós 25 de abril, desde logo a seguir, até agora... Umas eleições que houve. Eu não sei precisar quando, mas eu era criança e lembro-me de nunca me ter apercebido, e eu acho que nunca existiu, essa liberdade de afixar cartazes na rua. E então era uma oposição entre a APU e a AD. Lembro-me dessas duas siglas. Talvez tenha sido isso de que mais me lembro - a quantidade de cartazes afixados nas paredes das casas e nos muros da cidade, em Lisboa, era muito grande. E eu achava aquilo uma novidade!

E em concreto entre os anos 84 e 87, há algum acontecimento histórico de que se recorde melhor?

Por exemplo o acidente Nuclear de Chernobyl, que eu creio que foi em 86. Foi um acidente muito trágico numa Central Nuclear e muita gente morreu e ficou com mazelas que se repercutiram até nos seus filhos, nas deficiências dos filhos, etc. Foi um desastre... Lembro-me de haver um sentimento de solidariedade com aquelas pessoas.

Há quanto tempo é que viu as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?

Na altura da pandemia, segundo creio.

Via os episódios através da televisão, ou da RTP Play?

Não, nunca da RTP Play, sempre na televisão, no televisor.

Quando via os episódios, costumava fazê-lo sozinha ou acompanhada?

Acompanhada.

Tendo em conta que via acompanhada, costumavam comentar aquilo que estavam a ver?

Claro, íamos comentando! Era eu e a minha filha.

Em sua casa, quem é que decidia ver a série?

As duas, éramos as duas entusiastas da série. Ela também queria ver. Houve uma altura, na altura da pandemia, talvez por estarmos assim mais isoladas, em que fazíamos questão de esperar pelo momento da série, ou então no dia seguinte púnhamos para trás e víamos. Tínhamos as duas interesse nisso.

O que é que a motivava a ver estas temporadas do “Conta-me Como Foi”?

Bom, para mim, grande parte da motivação vinha do facto de eu ter vivido aqueles anos. Como eu nasci em 1975, as primeiras temporadas eram mais uma curiosidade histórica, porque eu não vivi nos anos 60, não é? Depois, a questão dos anos 80, a partir dos anos 80, algumas coisas eram-me familiares, então eu ficava a ver por isso.

Recorda-se de alguma vez ter ido consultar ou verificar a outra fonte algum dado que tenha visto representado na série?

Não me recordo... Não, não me recordo.

Qual é a sua opinião sobre esta série?

Bom, há uma opinião que eu tenho... Quando te referes ao facto de ser uma série histórica, eu percebo o que é que queres dizer, tem elementos históricos. Por exemplo, segundo me lembro, os episódios começavam sempre com uma referência a factos históricos... Mas depois, ao longo do episódio, esses factos nem sempre eram tratados. Pronto, era para situar o espetador, em que ano é que estávamos, o que é que tinha acontecido de mais marcante... Mas era só isso. Portanto, ao longo do episódio, depois essas coisas nem sempre eram muito tratadas.

E sobre a família Lopes, qual é a sua opinião?

Acho que é uma família bastante típica, nomeadamente nas últimas temporadas. Lembro-me de episódios que retratavam as dificuldades, porque, de facto, no início dos anos 80, as pessoas sentiam uma certa dificuldade económica, não é? Havia problemas... Por exemplo, lembro-me de um episódio em que há um pedido de um empréstimo, isto era uma novidade! Portanto, lembro-me das dificuldades deles e depois também me lembro de outros episódios que mostravam o consumismo... O aumento do nível de vida das pessoas. Portanto, acho que é uma família credível! De certo modo, viviam de uma forma remediada, não eram

pobres propriamente, mas também não eram ricos e, portanto, viveram, com certeza, na série essas duas fases dos anos 80 - uma de início e outra mais para o fim de mais exuberância, mais poder económico.

Revê a sua vivência dos anos 84 a 87 na família Lopes?

Nem por isso... Nalgumas coisas sim! A minha família não vivia com aquelas dificuldades. Não é que fosse uma família rica, mas, por exemplo, os meus pais são os dois licenciados, coisa que não acontece ali. A minha mãe era professora... Ali na série, a Margarida é dona de uma loja. A realidade é diferente, mas por exemplo a Susana tinha mais ou menos a idade que eu teria nessa altura! As coisas de que ela gosta na série, eu lembro-me de ser criança e de também gostar dessa realidade. Por exemplo, dos Onda Choc!

Como é que acha que o período pós 25 de abril foi representado na série “Conta-me Como Foi”?

Eu acho que foi bem... Quer dizer, dentro daquilo que se espera que seja uma série, não é? Não era um documentário, mas tocou em alguns aspetos... Em termos políticos, sim, lembro-me de se falar muito das eleições, de quando o Mário Soares foi eleito. Lembro-me dos ataques das FP 25, que também foram retratados... Até muito retratados... Era um assunto muito recorrente nos episódios. E o Otelo. Lembro-me de falarem do Otelo... Há assim algumas coisas de que eu ainda me lembro.

Pareceu-lhe credível a representação que foi feita do período pós 25 de abril na série?

Sim, eu acho que foi credível. Acho que foi credível... Pronto, circunscrita ali àquele bairro, àquelas pessoas e às relações que elas tinham... Mas sim, acho que sim, foi credível.

Há algum acontecimento que se recorde de ter pensado que devia estar na série e não o viu representado?

Não, acontecimento em concreto, não... não me lembro... O que eu acho é que houve acontecimentos que foram anunciados de início e depois talvez eu tenha ficado à espera de os ver mais elaborados e isso não aconteceu... Em conversa, no outro dia, estava a chegar à conclusão que havia aspetos da série que tinham sido abordados e que eu já não me lembrava muito bem, por exemplo o flagelo da droga e a enorme oferta que havia de drogas leves e pesadas... Houve assim um *boom* disso, não é? E, na altura, era preciso dizer que não! E isso foi abordado de uma maneira, quanto a mim, muito leve... Acho que, lá está, é um problema tão grande que talvez merecesse mais atenção.

Acha que esta série lhe permitiu conhecer melhor alguns acontecimentos históricos?

A série como um todo? Sim, claro que sim. Claro que sim.

E considera que a levou a pensar de outra forma os anos de 84 a 87?

Pensar melhor, pensamos sempre quando vemos qualquer coisa sobre o passado. Porque o passado tem essa característica, “já não é”. Uma das coisas que eu me lembro de pensar quando vi a série era na cor da fotografia. Ao início, mostravam umas imagens da época, às vezes, pelo menos... E aquela cor dos anos 80, eu lembro-me dela nas fotografias e tenho fotografias da época com aquelas cores... Era um tom mais amarelado, mais esverdeado, menos luminoso. E isso eu achei graça!

1º excerto:

Recorda-se do “Spectrum”?

Não, não. Lembro-me de aparecer o primeiro computador em casa dos meus pais quando eu tinha 18 anos, portanto em 1993. Muito depois desta realidade. E apareceu para trabalho do meu pai! Não quer dizer que nós não pudéssemos usar, mas nem tinha jogos nem nada dessas coisas.

Na sua casa, também se notava uma resistência inicial à tecnologia?

Sim, completamente! À tecnologia e em geral... Por exemplo, o primeiro micro-ondas que houve lá em casa fui eu que comprei com o meu primeiro ordenado, porque a minha mãe se recusava a ter... Achava que aquilo causava cancro... E, portanto, fui eu que comprei esse micro-ondas porque já estava cansada de ter que aquecer tudo no fogão! Mas noutras coisas não! Por exemplo, os primeiros telemóveis que apareceram lá em casa eram de uns cupões, creio que da Galp. Nós ganhávamos e depois eu consegui trocar por um telemóvel. Os meus pais acharam bem, aliás eram eles que punham gasóleo e gasolina e que me davam os cupões. E pronto, eu consegui esse telemóvel. Mas do que eu me lembro mesmo foi de eu ter resistência a isso! Eu tinha vergonha de usar o telemóvel na rua! Porque não era muita gente que tinha e, portanto, muitas vezes eu deixava-o em casa ou ele estava muito bem guardado na minha mala e aí dele que tocasse em frente a pessoas que eu sabia que não tinham, por exemplo, na Faculdade. Portanto, havia resistência sim, até de mim.

Como vê atualmente a introdução de tecnologia comparando com o ano de 84?

Acho que já não há resistência! Há preocupação por parte dos educadores, não é? Há preocupação com o tempo que eles passam nos telemóveis, ou nos jogos *online*... Mas eu acho que não há resistência, o que há é preocupação, por parte de alguns. Não há resistência

nenhuma, as pessoas da minha idade e mais velhas adotam, adotam porque têm de adotar... Também não há outra maneira, os trabalhos dependem disso, não é?

Na sua casa, recorda-se de ver, ou um familiar seu ver, telenovelas brasileiras?

Recordo-me, sim, claro! Via também, sim, mas agora não sei dizer assim o nome... Já não sou do tempo da *Gabriela*, mas lembro-me de ver algumas novelas brasileiras.

Qual a relevância que as telenovelas brasileiras tinham para a sua família?

Não era muita... Nem todos os elementos viam, mas alguns sim. Eu lembro-me de ver com a minha irmã, com a minha mãe... Víamos telenovelas brasileiras. O que eu acho é que as telenovelas brasileiras representavam uma realidade a que nós não estávamos habituados, com mais abertura. Os brasileiros têm uma maneira mais suave de viver, pronto...

Atualmente, interessa-se por telenovelas?

Nem por isso, não vejo, não, não sigo telenovelas atualmente.

2º excerto:

Recorda-se da série “Duarte e Companhia”?

Sim!

Qual foi o papel desta série no seu núcleo familiar?

Na verdade, muito pouco. Em geral não víamos a série, mas lembro-me de a série estar a passar e lembro-me do Citroen dois cavalos, do ator principal ser este mas mais novo, da colega dele dar socos quando lhe olhavam para o decote... Lembro-me desses traços gerais, digamos assim.

Como vê o facto de um ator de “Duarte e Companhia” fazer parte do elenco de “Conta-me Como Foi” e essa situação ser explorada?

Acho interessantíssimo! Eu lembro-me deste episódio. Lembro-me de achar muita graça, porque este ator, quando o vemos aqui, está tão longe do ator de Duarte e Companhia, desse personagem, que às vezes até nos esquecemos que era ele... Eu, por exemplo, não me lembraria disso se eles não falassem desse assunto, se calhar não me lembrava... Eu acho que é realmente muito engraçado, porque nos faz recordar que os atores mais velhos têm uma vida longa, um trabalho longo, e que não devem ser esquecidos, não é?

Revê-se na situação de controlo dos conteúdos televisivos assistidos em casa?

Sim, sim! Eu lembro-me de aparecer, por exemplo, o vídeo. O primeiro vídeo que nós tivemos era um vídeo beta, eram umas cassetes mais pequenas, digamos assim. Depois é que

apareceu o VHS. E nós usávamos muito, eu e a minha irmã, porque gravávamos muita coisa para depois podermos ver. Por exemplo, havia uma peça de teatro que eu me lembro que era com o filho do Vasco Santana, com o Henrique Santana, que se chamava “Aqui há fantasmas” e eu via isso cada vez que começavam umas férias! Via aquela peça várias vezes. Agora, em relação ao controlo parental, claro, só havia uma televisão... Se o meu pai chegasse a casa e quisesse ver um determinado canal, ou a minha mãe, eram eles que tinham primazia. Nós que víssemos nas férias, ou durante o dia, quando desse... Mas também havia alguma atenção connosco, por exemplo, se era o Festival da Canção, nós gostávamos de ver, o meu pai nem por isso, e víamos o Festival da Canção, mas era uma coisa esporádica!

Como é que viu a entrada de Portugal na CEE?

Na verdade, quando eu dei conta, já estávamos na CEE! Mas lembro-me bem da música do “quero ver Portugal na CEE”, dos GNR. Lembro-me dessa música, mas eu já me lembro de Portugal com os recursos que não teriam sido possíveis sem a entrada na CEE, por exemplo, estradas - eram todas miseráveis e sem esses fundos europeus não era possível termos um país como temos hoje. Portanto, lembro-me de ser uma coisa boa, não é? Mas já me lembro de viver nessa realidade.

O que representa para si o carro Citroen 2CV?

Na verdade, nada. Não houve na minha família o Citroen dois cavalos, houve a Renault 4L...

Como vê esta cena de assédio no café?

Não é uma questão que eu relacione com a época. Acho que é uma questão que continua a existir. Mas não me parece que tenha tido um *boom* na época.

3º excerto:

Na sua família, também existia o hábito de se reunirem para ver determinados conteúdos na televisão?

Podia acontecer, sim.

Desta cena, em que vemos a entrevista do Toni ao Maradona, considera que o facto de combinar imagens de arquivo com imagens montadas lhe transmite maior credibilidade, ou cria um maior distanciamento relativamente à veracidade dos factos representados?

Maior credibilidade! Além disso, eu gosto imenso disso, foi uma das coisas que eu mais gostei nesta série - foi quando apareciam imagens da época. Porque as pessoas que viveram

aquela época reveem-se, e quem não viveu descobre como era! Acho isso muito interessante para a recordação, para a memória coletiva e para sabermos de onde vimos. Esta combinação aqui de imagens reais com montadas, não me choca nada. É uma maneira de mostrar o passado e incluí-lo na ficção, não acho que seja mentir às pessoas... Ninguém fica agora defraudado por saber que afinal não foi o Toni que entrevistou o Maradona. Por isso eu acho que dá credibilidade e causa interesse.

Apêndice G: Entrevista Carla

Com que frequência consome conteúdos televisivos?

Diariamente.

E em que momentos do dia é que prefere ver televisão?

É mesmo ao final do dia, já mesmo antes de me ir deitar.

E o que é que a motiva a ver televisão?

Informação, no ponto de vista dos documentários... Algumas séries...

Acha que a televisão tem um papel educativo?

A televisão tem um papel educativo, sim, mas hoje em dia dispomos de poucos conteúdos educativos, muito poucos... Pelo menos aqueles que eu conheço, mas nos canais disponíveis acho que são poucos. Em *streaming* já temos mais alguma coisa, já temos mais conteúdos educativos, mas podia ser bastante melhor.

Acha que a televisão contribuiu ao longo da sua vida para a compreensão que tem do mundo?

No meu caso, indiscutivelmente! Nasci em 1970.

E de que maneira é que a televisão teve esse contributo?

Sou do tempo em que não havia Internet, portanto eu tive o primeiro contacto com a Internet já andava na universidade... E era muito restrito! Portanto, a informação estava muito focada nas bibliotecas e depois realmente a nível dos livros e a nível da televisão.

Com que frequência consome conteúdos televisivos de história?

Com bastante frequência! Todos aqueles que eu apanho, basicamente.

Tem preferência por séries ficcionais ou por documentários na representação da história?

Eu tenho preferência por documentários.

E desses documentários, prefere os que abordam a história nacional ou internacional?

Isso é indiferente. Eu gosto de história de um modo geral. A nacional ajuda-nos a compreender o que somos hoje, mas a internacional também. E gosto de todas as épocas.

Qual é a sua principal fonte de conhecimento sobre história?

Acho que é diversificada. Pode ser através de documentários, mas ao longo da vida acho que foi através de livros. De certa forma, também os romances históricos que eu gosto muito e

acabam por ter aqui algum papel... Porque, apesar de serem ficcionados, a maior parte deles acaba por ter um contexto histórico, o que depois me leva a ir procurar mais informação.

Quando pensa no período pós 25 de abril qual é o acontecimento histórico de que tem mais memória?

Quer dizer, basicamente esse é o período da história da minha vida, não é? Nasci em 1970, por isso esse é o período da história da minha vida. Mas um acontecimento assim que eu me lembre... Acaba por ser tudo de um modo geral e nada em particular. As minhas memórias são todas desse período. Pós 25 de Abril imediatamente, não. Apesar de eu ter ali muitas memórias relativamente ao primeiro ciclo, à escola primária digamos assim... Porque eu entrei para a escola primária em 1976 e pronto, realmente guardo algumas memórias dessa época, uma época assim muito conturbada a nível social. Mas não há assim um acontecimento em específico.

E em concreto entre os anos 84 e 87, há algum acontecimento histórico de que tenha memória?

Os anos de 84 a 87 são assim uma fase que eu tenho bastantes memórias, devido também à minha vida pessoal, porque é a minha adolescência, entre os 14 e os 17 anos. Portanto, eu acho o “Conta-me Como Foi” uma série muito atrativa, porque ela recorda-me muito a minha infância. Por exemplo, do ponto de vista dos adereços, há muitas coisas que eram tal e qual o que havia nas nossas casas. Está bem retratada, na realidade, está bem retratada. E há objetos ali que sabe Deus onde é que eles foram resgatar... Desde a caixa da farinha... Realmente acaba por ser a imagem da minha adolescência, das casas, das pessoas, das roupas. E acho que está muito bem conseguida.

Viu as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi” há quanto tempo?

Eu vi as temporadas todas! E acho que já as vi várias vezes. Tanto quando foram transmitidas, como repetições. Exceto a última temporada, porque é relativamente recente, essa só vi uma vez. As outras... Eu raramente vejo os programas quando são transmitidos... É muito raro ver quando são transmitidos... Normalmente, acabo sempre por ir vê-los noutro momento nas gravações automáticas, ou na RTP Play.

Nesse sentido, pergunto-lhe se viu os episódios na televisão ou através da RTP Play.

Quer dizer, vejo sempre no televisor, digamos assim. Mas sou capaz de ter ido à RTP Play também algumas vezes, sim.

Quando via os episódios, costumava fazê-lo acompanhada ou sozinha?

É uma série que mais ou menos cá em casa toda a gente gostou! Portanto, acho que sou capaz de ter visto alguns sozinha, mas de um modo geral foi acompanhada porque despertou interesse até pelos comentários que nós fazíamos.

Por isso, costumavam comentar aquilo que estavam a ver na televisão?

Sim, sim comentávamos! De certo modo, fazendo um bocado de paralelismo porque realmente tem a ver com a nossa infância e com a nossa adolescência...

Em sua casa, quem é que costumava decidir que iam ver o “Conta-me Como Foi”?

Acho que se calhar mais eu e o meu marido, mas era geral, era uma vontade geral.

O que é que a motivou a ver estas temporadas mais recentes da série?

Acho que a principal motivação é por serem a continuidade das anteriores. Apesar das primeiras temporadas terem despertado mais interesse, mas pronto, era para perceber um bocadinho também como é que acabava, como é que a história seguia, digamos assim. E também, de certa forma, ver a minha infância representada.

E costumava ver à noite a série?

Sim, sim, sempre à noite.

Recorda-se de alguma vez ter ido consultar ou verificar noutra fonte algum dado histórico-social representado na série?

Acho que nunca senti essa necessidade. Posso ter pesquisado alguma coisa assim pontualmente de algum acontecimento, mas ao certo não me recordo. É possível isso ter acontecido!

Qual é a sua opinião sobre a série “Conta-me Como Foi”?

É muito positiva! Quer do ponto de vista da série em si – da história –, quer do ponto de vista dos próprios atores.

Qual é a sua opinião sobre a família Lopes?

São personagens que retratam bem o que era antigamente - uma família nuclear da época... Apesar de eu não ter vivido em meio urbano, eles representam um bocadinho o meio urbano. Apesar de não ter vivido em meio urbano, acho que representam: a maneira como interação um com os outros, as problemáticas... Acho que representam bem a época... Se calhar também estão inspiradas noutras épocas, mas acho que representam bem aquele papel da família, aquela posição do chefe de família, a necessidade que a mãe da família tem em sair daquele papel de dona de casa... Acho que a série representa bem aquela época em que a mulher teve, aí sim, outras oportunidades, no pré e pós 25 de abril... Ou, pelo menos, a

necessidade de poder ocupar outros espaços, pelo menos a maioria das mulheres, digamos assim.

Por isso, em parte, revê a sua vivência nesta família e, por outro lado, não, é isso?

É isso. Acaba por ser um bocadinho o espelho das famílias com quem eu convivia nessa altura, a nível da estrutura familiar, das problemáticas base... É um bocadinho o espelho do contexto em que eu cresci. Foi um contexto similar, apesar desta ser em meio urbano pronto, que eu não vivi, mas é um contexto muito similar em tudo. As férias, a casa, a maneira como as pessoas interagem, aquela importância que a televisão tem naquele momento, o papel da mulher, aquela avó assim conciliadora - apesar de eu nunca ter avós a viver na minha casa - os filhos, acho que é interessante.

Como é que acha que o período pós 25 de abril foi representado nesta série?

Olha, pareceu-me credível. Acho que me pareceu credível. Uma coisa, ou outra, se calhar não, mas assim de um modo geral acho que sim. Não foi muito politizado, não é, mas é o contexto daquela série.

Há algum acontecimento que se recorde de ter pensado que devia estar representado na série e isso não aconteceu?

Não, nada de especial. Nada de especial, que eu me lembre agora, pelo menos, neste momento. Esta série tem uma particularidade... Uma coisa que aconteceu uma vez e fez-me refletir... Há um determinado momento que, a nível do jornalismo, eles falam... Pronto, como é interessante, é ocasional, eu vou comentar. A determinada altura, há uma parte em que o Toni, que é jornalista, está na redação a falar de um acontecimento que se deu no pós 25 de abril, que teve a ver com os atentados das FP 25... E eles falam de um caso em particular, comentam na redação... E eu conheço a pessoa a quem isso aconteceu! Foi uma situação que aconteceu aqui perto de nós, ali em São Manços. E eu conheço a mãe daquele bebé que morreu no atentado, ela já trabalhou comigo. E, na altura, eu imaginei o impacto que poderia ter alguém estar a ver a série descontraidamente e ver a história da sua vida ali a ser comentada... Foi uma coisa assim que nunca mais me esqueci, porque eu quando ouvi aquilo fiquei realmente com receio que ela visse, que fosse confrontada com essa situação. Porque é a história da sua vida e é tão particular e tão isolada que eu comentei inclusivamente com um familiar da minha colega para ter atenção, pelo menos. Provavelmente, ela até nem iria ver, não sei... Não sei se era pessoa para isso, mas pelo menos que houvesse ali um alerta, porque senão a pessoa sabe que se falou... Porque senão a pessoa um dia está sentada

no sofá a ver ocasionalmente televisão e vê a história, que não é uma história nada fácil, comentada tantos anos depois... 40 anos depois!

Acha que a série lhe permitiu conhecer melhor alguns acontecimentos históricos da época?

Não tenho memória assim de nada especificamente.

Considera que a série a levou a repensar os anos de 84 a 87?

A repensar, não. Mas sim a recordar algumas coisas com muito pormenor.

1º excerto:

Recorda-se do “Spectrum”?

Eu nunca tive nenhum “Spectrum”, mas era tal e qual assim, está bem representado. Está muito bem representado, porque acho que era tal e qual assim! Nunca tive, o meu marido teve, eu nunca tive. Na altura andava a apanhar ovos com uma Nintendo, que descobri há pouco tempo que era uma Nintendo que eu ainda tenho e que são dois botões e era para apanhar ovos para um cesto... Uma coisa assim altamente tecnológica e difícil...

Na sua casa, também se notava uma resistência inicial à tecnologia?

Não, acho que não. Na minha casa nós tivemos televisão a cores desde o dia em que houve televisão a cores, que foi algures em 1980, acho eu no Festival da Canção. Havia era restrições do ponto de vista monetário, não havia disponibilidade para comprar tudo.

Como vê atualmente a introdução de tecnologia comparando com o ano de 84?

É uma diferença avassaladora! Acho que a vossa geração nem consegue ter noção porque é uma diferença tão grande...

Na sua casa, recorda-se de ver, ou um familiar seu ver, telenovelas brasileiras?

Sim, víamos bastante lá em casa.

Qual a relevância que as telenovelas brasileiras tinham para a sua família?

Lembro-me perfeitamente do peso que tinham... Tinham uma presença muito grande!

Atualmente, interessa-se por telenovelas?

Risquei dos meus interesses, já há alguns anos, este tipo de conteúdos.

2º excerto:

Recorda-se da série “Duarte e Companhia”?

Recordo sim, mas aqui sobre esta parte não posso deixar de comentar o facto de se fumar dentro de casa, que era uma coisa comum! Eu nunca tive essa experiência na minha família, ninguém fumava, mas pronto é uma coisa comum, acho que é um traço da época.

Qual foi o papel desta série no seu núcleo familiar?

Era uma série de entretenimento, era divertida, eles são divertidos... Víamos pontualmente, assim mais ou menos como víamos tudo... Também havia pouca coisa para ver!

Como vê o facto de um ator de “Duarte e Companhia” fazer parte do elenco de “Contame Como Foi” e essa situação ser explorada?

É engraçado, é divertido e é interessante. Acho que de um modo geral as pessoas sabem que o Rui Mendes foi do Duarte e Companhia, ou não... Mas pelo menos a imagem chama a atenção, se não sabiam, chama a atenção.

Revê-se na situação de controlo dos conteúdos televisivos assistidos em casa?

Acho que havia sempre uma vontade que se sobrepunha à outra, não é? Se o meu pai chegasse a casa e dissesse que queria ver alguma coisa, ele via! Mas não tenho assim muito essa experiência específica.

Como é que viu a entrada de Portugal na CEE?

Eu era muito pequena, não é? Mas teve muito impacto. As pessoas tinham uma grande expectativa e depois o pós foi um marco muito importante. Trouxe grandes mudanças de um modo geral. Claro, uns contra, outros a favor, mas acho que foi um marco bastante importante e realmente sentiram-se algumas diferenças.

O que representa para si o carro Citroen 2CV?

Nada de especial. Só de o ver passar... Acho que nunca andei num Citroen dois cavalos e hoje em dia não tenho vontade de andar porque é um carro realmente muito giro, mas muito inseguro.

Como vê esta cena de assédio no café?

Acho que são situações comuns. Se hoje são comuns, eram ainda mais comuns. Creio que assim uma situação destas era uma situação comum e até socialmente aceite de alguma forma, não é? Não digo aceite, mas tolerada! Tolerada!

3º excerto:

Na sua família, também existia o hábito de se reunirem para ver determinados conteúdos na televisão?

Pontualmente, sim. Às vezes acontecia.

Desta cena, em que vemos a entrevista do Toni ao Maradona, considera que o facto de combinar imagens de arquivo com imagens montadas lhe transmite maior credibilidade, ou cria um maior distanciamento relativamente à veracidade dos factos representados?

Neste caso do “Conta-me Como Foi”, acho que esta situação foi muito bem recriada, bem conseguida tal como outras situações em que eles andavam a passear em imagens de contexto real. Acho que aqui resultou bem. Acho que sim, acho que dá mais credibilidade ao que está a ser contado e pode aproximar-nos mais do contexto real.

Apêndice H: Entrevista Vasco

Com que frequência é que costuma ver televisão?

Pouca, muito pouca. Só mesmo assim aos fins de semana, durante a semana é muito raro... Vejo no máximo o telejornal, depois acabo por preferir fazer caminhadas do que estar a ver televisão – faça chuva, ou faça sol. Ao fim de semana, gosto. Gosto de ver séries. A verdade é que só vejo televisão quando já não tenho nada que tenha ficado por fazer. O que é muito raro...

Acha que a televisão tem um papel educativo?

Quer dizer, não muito... Tudo depende da forma como também encaminhamos a televisão, não é? Mas acho que é mais uma vertente lúdica. Mais efetivamente a nível de entretenimento do que a nível de educação. Agora, pensando melhor... O telejornal acaba por nos dar algumas informações do mundo. Mas será aprendizagem? Eu, de 1 a 10 diria 2...

Ao longo da sua vida, acha que a televisão contribuiu para a sua compreensão do mundo?

É assim, tudo depende do programa que se está a ver... Agora, que é uma janela aberta para o mundo, é. O telejornal acaba por nos dar também uma abertura para o mundo através dos comentários, por exemplo. Depois, há outros que aquilo é só palha, não é? E esses eu não os vejo! Por exemplo, como aqueles programas do “Bom dia/ Boa tarde”, os *reality shows* também... Eu acho isso um atentado à inteligência...

Concretamente sobre os conteúdos televisivos cujo assunto é a história, com que frequência costuma ver estes conteúdos?

É assim, eu posso dizer que também é muito raramente. Contudo, no tempo em que eu vejo televisão é muito esse tipo de conteúdos que escolho – documentários, canais de história, é por aí, sim.

Na representação da história, prefere séries ficcionais ou documentários?

A ficção, portanto, é uma coisa que pode não ser realidade... A nível de passado, prefiro os documentários, prefiro a realidade, não é? Saber o que é que se passou, os povos que passaram cá – os romanos, por exemplo – saber o que é que fizeram, o que é que não fizeram, portanto mais realistas do que a nível de ficção.

E tem mais interesse por conteúdos televisivos que tratam a história nacional ou internacional?

Acho que a nossa história está sempre ligada... O nacional está sempre ligado ao internacional, pelo menos um momento ou outro acaba por estar sempre ligado. Mas, no fundo, gosto da nossa história. Interesse-me por perceber o que é que se passou a nível dos descobrimentos, dos reinados e por aí fora... Mas tudo isto também está ligado ao internacional... Portanto eu acho que é “ela por ela”.

E do que sabe sobre história, qual é a fonte que considera ser principal?

Eu acho que é a Internet, neste momento! Com o Google, queres saber qualquer coisa, vais lá e consegues saber. Eu, por exemplo, acho engraçada a nossa história a nível dos reinados e às vezes estou com tempo e vou pesquisar para saber mais. É uma fonte que está sempre disponível e está sempre connosco, muito acessível, não é?

Quando pensa no período pós 25 de abril em Portugal, qual é que é o acontecimento histórico de que tem mais memória?

É assim, pós 25 de abril... na revolução eu tinha 6, 7 anos. Sei que as coisas não estavam fáceis, depois do 25 de abril. Houve uma reforma agrária, a ocupação das terras, etc. Agora, aquela memória que eu tenho, que ainda hoje oiço e quase que tremo, é dos retornados. A ideia que eu tenho é de pessoas que regressavam e que não eram bem vindas... Recordo-me da instabilidade sociopolítica, mas se calhar não ligava muito... Sabia da preocupação dos meus pais, etc, mas não me apercebia e não percebia muito bem. Efetivamente, aquilo que se calhar me tocou mais foram os retornados... A própria palavra, hoje em dia, ainda tem uma carga em mim... uma carga emocional muito grande... É um assunto que me pesa ainda muito atualmente...

E em concreto entre os anos 84 e 87. Há algum momento de que se recorde?

A nível mundial, temos a queda do muro de Berlim que deve ter sido mais ou menos por essa altura, não é? Temos a Guerra Fria também. Agora em Portugal, em concreto, ... Não me recordo, para ser sincero. Se calhar naquela altura também não sentia muito na pele. Comecei a sentir mais quando comecei a trabalhar. Antes disso, percebia que havia muitas dificuldades, limitações, uma inflação muito elevada... Pronto, percebia isso tudo, mas viver na pele, não vivi.

Há quanto tempo viu as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?

Vi na altura que dava na televisão. Nas temporadas iniciais, nós tínhamos muita ligação à série! Tínhamos interesse em ver como retratavam, na altura, a realidade. E pronto, a realidade é aquela mesma: a questão de como conviviam uns com os outros, a forma de fumar... Era em todo o lado! Na série, o pai do Carlitos ia para a cama e fumava na cama, quer dizer... Isso são coisas que hoje em dia são impensáveis! Depois, aquela questão que eu também não vivi muito, atenção, que é, por exemplo, na sala de aula, rapazes para um lado, raparigas para outro... eu não vivi isso. Na altura em que eu fui para a escola primária já era misto, mas era uma coisa que se sentia que tinha acontecido há pouco tempo. Ainda se falava na escola das raparigas e na escola dos rapazes.

Mas pronto... Foi realmente uma série que nos marcou, cá em casa. Uma série que fazia parar tudo... Uma série muito bem feita, que nos atrai, que nos atraiu também. Depois, quando a série voltou, essas temporadas de que estás a falar, tínhamos de seguir! O que acontecia aqui em casa era mais ou menos o que acontecia no genérico da série: eles no sofá a ver televisão! E cá em casa também, íamos todos para o sofá. Por isso é um bocado a representação que a família Lopes fazia, de se juntarem todos para ver televisão e nós aqui fazíamos também para ver a série!

Sobre estas temporadas, vimos na altura em que deu também. Depois, acho que acabámos por ver algumas repetições, mas víamos sempre no momento da emissão em televisão.

Quando viam todos juntos a série costumavam comentar o que estavam a ver?

Sim, em geral, sim. Lá está, aquelas coisas do fumar, as escolas, os hábitos da época, a nível dos bibelôs, as cores das paredes! Eles têm na série as cores que na altura havia nas casas, aquele tom amarelado... É impressionante! Acho que está muito bem retratado o que era aquela época. Ao fim e ao cabo, é um recordar da minha vida.

Quem é que decidia que iam ver o “Conta-me Como Foi”?

Era um consenso total! Era o “Conta-me Como Foi”! E nós comentávamos fora de casa o gosto pela série. Quando o Manuel, o meu filho mais novo, era pequenino e estava na creche, nós falávamos muito no Carlitos. Nós muitas vezes dizíamos “temos de ir ver o Carlitos!” Muitas vezes não era o “Conta-me Como Foi”, era o “Carlitos”! E a educadora a certa altura vira-se para o Manuel e diz “Quem? Vais ver quem? Tens de ir ver quem?” e o Manuel muito eufórico “O Carlitos! O Carlitos”.

Cá em casa ninguém decidia, era dia de mais um episódio e então “tínhamos” de ver!

E viam à noite, no momento em que estava a ser transmitido o episódio?

Sim, no momento sim, no momento. Pontualmente, poderíamos não ver nesse dia, mas com a opção de voltar para trás, que agora temos, víamos! Quando não víamos o programa no dia, obviamente que na primeira oportunidade íamos ver! Às vezes, aí não era em conjunto... Estava disponível para todos, portanto, a qualquer momento, um de nós podia ver. Mas pronto, no geral o que acontecia era vermos todos juntos, ao sábado, às 21 e tal.

Lembra-se de alguma vez ir consultar ou verificar algum dado histórico-social que tenha visto representado na série?

Não me recordo... Eram aquelas lembranças, não é... Mas, pontualmente, sou capaz de ter ido à Internet procurar alguma notícia ou algum *website*, mas não posso precisar que dado em concreto é que foi. Mas, provavelmente sim, como é normal em qualquer programa de televisão, nem que seja ir procurar o ator, em que ano é que nasceu, o que é que já fez...

No geral, qual é a sua opinião sobre esta série?

Foi o retratar de uma época, não é? É uma série que efetivamente nos faz recordar aqueles momentos. Há ali também momentos de humor, descontração, etc. Portanto, aquilo não é só história, tem também um enredo, não é? Por exemplo, aquela questão de o Lopes abrir o Parque de Campismo, era aquilo que se fazia, não é? Pronto. Também, a forma das discotecas e tudo mais, acaba por ser uma série que efetivamente retrata e nos traz as lembranças da nossa juventude.

Sobre a família Lopes, qual é a sua opinião?

É uma família portuguesa, acho que é uma família tradicionalmente portuguesa. Retrata mesmo bem uma família portuguesa. Embora, pronto, a Margarida, que nas primeiras temporadas não trabalhava, era uma pura dona de casa como todas as mães das famílias. E depois começou também a tentar ter a sua vida, o seu negócio, a sua própria vida profissional, etc. Acho que a família Lopes retrata, e consegue retratar efetivamente, uma família portuguesa, com todos os altos e baixos. É uma família comum portuguesa, daquele segmento.

Revê a sua vivência dos anos 84 a 87 nesta série?

Ao fim e ao cabo, revejo ali um bocado. Há ali momentos que eu vivi também. Acho que retrata bem, que é muito fiel, com algumas lacunas, pronto, para a minha realidade, mas aquilo também foi alguém que escreveu e que viveu, portanto terá também as suas vivências da época. Se calhar, eu vivi de uma forma diferente, mas retrata, no geral. Eu revejo-me na família, sim.

E como é que acha que o período pós 25 de Abril foi representado na série?

Vivi mais o pós do que o pré 25 de abril e eu acho que retrata bastante bem as dificuldades que vivemos nessa altura.

Há algum acontecimento que se lembre de ter pensado que gostava de ter visto representado na série e isso não aconteceu?

Não, não.

Considera que a série lhe permitiu conhecer melhor alguns dos acontecimentos históricos do período pós 25 de abril?

Todos os momentos fizeram-me sempre lembrar de algumas situações. Mas não te consigo especificar aqui quais... agora também não, não consigo especificar.

Ver a série, fê-lo repensar os anos de 84 a 87?

É assim, nós estamos sempre a construir, não é? Portanto, não somos uma coisa fixa, não é? Portanto, provavelmente aquilo foi mais o reviver o que se passou, do que tentar alterar alguma coisa. Efetivamente, não vi a série por essa perspetiva, vi só mesmo na perspetiva de reviver aqueles momentos e “entrar” na vida daquela família.

1º excerto:

Recorda-se do “Spectrum”?

Sim, eu também tive um “Spectrum”, mas eu não me revejo aqui, porque efetivamente o meu pai nunca se sentava a jogar comigo, eu jogava antes dele chegar. Às vezes aquilo demorava tanto tempo a ligar... Quando púnhamos, tinha de ser naquele volume certo, nem mais alto, nem mais baixo... E muitas vezes chegávamos ao fim, aquilo dava erro e tínhamos de rebobinar... Às vezes quando conseguíamos ter o computador a funcionar chegava o meu pai e dizia para desligarmos que ele também queria ver alguma coisa na televisão.

Na sua casa, também se notava uma resistência inicial à tecnologia?

Eu acho que não, nunca houve, o meu pai é que nunca ligou muito. Agora que vai fazer 90 anos é que adora jogar e estar no Facebook.

Como vê atualmente a introdução de tecnologia comparando com o ano de 84?

A introdução de tecnologia, a meu ver, é exponencial. Quando compramos um telemóvel já saiu outro, por exemplo... Nos carros também se vê isso muito bem. Na altura, o “Spectrum” era uma grande inovação, hoje está em desuso, passados 45 anos... Todos os anos sai um novo computador, uma nova tecnologia. Há uma grande evolução.

Na sua casa, recorda-se de ver, ou um familiar seu ver, telenovelas brasileiras?

Do Bem Amado, não me recordo. Tenho assim uma vaga ideia do que era, porque havia poucos canais. Na altura tínhamos a RTP 1 e a RTP 2. Depois havia aqueles engenhocas que punham a antena um bocadinho mais alta e lá conseguíamos apanhar um ou outro canal espanhol, mas era isso. As telenovelas vieram revolucionar aqui um bocadinho o consumo de televisão – toda a gente via. Nós víamos muitas vezes. Muitas vezes, logo depois de jantar, íamos ver a telenovela. Lembro-me da minha mãe com a mesma postura da D. Hermínia e de dizer que não podia perder um episódio. Nós íamos de férias para o parque de campismo e nos primeiros anos não tínhamos televisão, então a primeira preocupação da minha mãe quando chegávamos era saber onde é que havia uma tenda com televisão para ir ver a telenovela.

Atualmente, interessa-se por telenovelas?

Zero. Telenovelas brasileiras já há muito tempo que não vejo. Portuguesas ainda vi algumas, mas neste momento é uma coisa que não me diz nada.

2º excerto

Recorda-se da série “Duarte e Companhia”?

Da minha infância nem tanto. Lembro-me mais depois de ter ido procurar a série e de a reviver. Via pequenos episódios, mas não era uma série que eu seguisse. Não era assim uma série muito importante lá em casa.

Como vê o facto de um ator de “Duarte e Companhia” fazer parte do elenco de “Conta-me Como Foi” e essa situação ser explorada?

Acho interessante pegarem nisso. Obviamente que isso foi só mesmo para dizer que o ator era o mesmo, porque isso todos nós sabíamos que o ator era o mesmo.

Revê-se na situação de controlo dos conteúdos televisivos assistidos em casa?

Sim, quando o meu pai chegava a casa era ele que decidia o que era visto. Revejo-me nesta situação. Na altura era assim, era a força masculina que tinha o poder das decisões. Nós só tínhamos de respeitar, porque ele chegava cansado do trabalho e então podia fazer o que bem entendesse. Hoje em dia já não é assim. Em casa tentamos combinar-nos.

Como é que viu a entrada de Portugal na CEE?

Houve mudança e, na minha opinião, a entrada é um fator muito positivo. Foi uma coisa progressiva. Começou a haver mais interligação com a Europa, sendo que antes estávamos

muito fechados para o mundo. Aqui na série, a ex-mulher do Toni representa isso também. Nunca poderá haver uma evolução drástica, não é? A pouco e pouco os mercados começaram a desenvolver-se, começaram a não existir fronteiras, depois houve a União Europeia, a zona euro...

O que representa para si o carro Citroen 2CV?

“Gasolina mal precisa, oficina nem falar”: acho que era assim o reclame! Eram os carros que efetivamente existiam na altura, que acabam por ser interessantes, mas hoje em dia sem segurança nenhuma... Mas na altura era uma grande evolução.

Como vê esta cena de assédio no café?

Acho que sempre existiu na nossa sociedade. Aqui foi um bocado o olhar, não é? Ela sentiu-se constrangida com isso. Existiu sempre, existirá sempre, eu acho.

3º excerto:

Na sua família, também existia o hábito de se reunirem para ver determinados conteúdos na televisão?

Olha, era mais ou menos assim que víamos o “Conta-me Como Foi”!

Desta cena, em que vemos a entrevista do Toni ao Maradona, considera que o facto de combinar imagens de arquivo com imagens montadas lhe transmite maior credibilidade, ou cria um maior distanciamento relativamente à veracidade dos factos representados?

Mostraste este pequeno exemplo, mas durante a série toda nós vemos este tipo de imagens, situações em que se vê Lisboa antiga e vemos uma personagem ali no meio. Eu acho que é o tentar retratar a época, aproximar à realidade. Eu acho que é uma forma inteligente de fazer as coisas. Obviamente que nós verificamos que são montagens, não é? É colocar o Maradona e depois o Toni, mas é uma coisa a que acabamos por nos habituar na série e que ao fim e ao cabo permite melhor reviver a época. Aqui foi uma forma inteligente de retratar a época. Obviamente que nós sabemos que não é real, mas torna-se engraçado.

Apêndice I: Entrevista Mariana

Com que frequência consome conteúdos televisivos?

Todos os dias.

Em que momentos é que prefere ver televisão?

Depois do trabalho e também quando me estou a arranjar de manhã.

O que a motiva a ver televisão?

É só para me entreter mesmo. É para entretenimento.

Atribui à televisão um papel educativo?

Sim. Eu vejo “joker”, por exemplo, e nesse sentido sinto que a televisão tem para mim um papel educativo.

Acha que a televisão contribui para a sua compreensão do mundo?

Claro que sim! Com o telejornal, por exemplo. É claro que com os telemóveis as notícias já nos chegam, mas de qualquer das maneiras, os canais televisivos e com o telejornal, acho que é muito importante. Principalmente à hora do jantar, está sempre a dar!

Com que frequência consome conteúdos televisivos sobre história?

Semanalmente! Pelo menos uma vez por semana eu vejo, porque gosto muito, o Nacional Geographic, o Canal História, o Odisseia. Isto mais ao fim de semana.

Tem preferência por séries ficcionais ou por documentários na representação da história?

Eu costumo ver séries. Prefiro séries.

Desses conteúdos, tem mais interesse pelos que abordam a história nacional ou internacional?

Eu acho que é ela por ela... Eu acho que depende um bocado de que tipo de história for. Mas ainda assim, eu acho que prefiro a nacional à internacional, pelo menos para saber um pouco mais sobre o nosso país.

Qual é a sua principal fonte de conhecimento sobre história?

Foi a escola. Tanto pela disciplina de história, como depois no curso que tirei, também abordámos, mas por outra perspetiva. Por isso, eu diria que são os livros.

O período pós 25 de Abril interessa-lhe particularmente?

Particularmente, não sei... Interessa-me perceber as diferenças entre o pré e o pós 25 de abril. Saber o que mudou depois da revolução no nosso país.

Conversa sobre esse período com familiares ou amigos?

Com os meus avós, falo muito. Eles partilham as experiências deles e eu própria gosto de perguntar as diferenças, o que é que sentiram... Não falamos todos os dias sobre isso, não é? Mas de vez em quando, até com os meus irmãos, nós às vezes perguntamos as diferenças que sentiram e tudo.

Qual é a relevância que tem para si o conhecimento sobre o passado histórico?

Eu acho que é importante, até para nós percebermos também porque é que neste momento estamos como estamos. Acho que é importante sabermos sobre o nosso próprio passado.

Como é que vê o Portugal pós 25 de Abril?

Com mais liberdade, obviamente. Claramente, com mais liberdade... Só consigo também pensar no período que eu vivi, não é? É mais livre, com mais tecnologia, espero que com mais educação, mais direitos, principalmente para as mulheres.

Que eventos ou situações destaca desse período?

Do pós 25 de abril destaco o direito de as mulheres poderem votar, como é óbvio. Mas os direitos das mulheres no geral! Temos ganhado imensos direitos que não tínhamos antes do 25 de abril e eu acho que isso é o principal. Também são de destacar os direitos sociais, os direitos trabalhistas,... no fundo, acho que os direitos que têm sido conquistados no geral.

Uma vez que se trata de um período que não viveu, como considera que foram construídas as ideias que tem sobre o pós 25 de abril?

Pela escola, pelo que se falava na escola, nas aulas de história, principalmente. Também, pelas conversas que eu tenho dos meus avós e com os meus pais, que a mal ou a bem viveram ali um bocadinho da revolução. E claro, depois os documentários e as séries que eu vejo acabam por contribuir para essas ideias também.

Considera que a série “Conta-me Como Foi” contribuiu para a formulação dessas ideias?

Claro! Ainda para mais, do meu ponto de vista, eu acho que aquilo parece ser muito fidedigno – desde a parte da história, até à parte da roupa, dos figurinos. Eu acho que tanto o “Conta-me Como Foi” antes do 25 de abril como o pós, contribuem muito pela maneira como depois nós vemos esse período.

Há quanto tempo é que viu as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?

Foi quando deu na televisão. Normalmente via logo em direto, mas quando não podia por qualquer motivo passava para trás.

Quando via os episódios, costumava fazê-lo sozinha ou acompanhada?

Acompanhada, quase sempre vi acompanhada.

Costumava comentar o que via na televisão com as pessoas que assistiam consigo à série?

Sim, claro, se via com a minha mãe então claro, porque foi a adolescência dela e o período dela enquanto jovem adulta. Lembro-me dela comentar “ai, lembro-me tão bem disto!” ou de comentar as roupas.

Em sua casa, quem decidia ver a série “Conta-me Como Foi”?

Eu!

O que é que a motivou a ver as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?

Eu gosto muito, acho que foi muito gira a forma como explicaram a evolução antes do 25 de abril para o pós... o modo como representaram as diferentes épocas da história de Portugal e depois os figurinos, os atores serem sempre os mesmos e nós vermos a evolução dos atores. O Carlitos, por exemplo... É muito giro ver o crescimento da personagem e do ator em si.

Em que contexto do dia assistiu à série “Conta-me Como Foi”?

Ou antes do jantar, ou depois do jantar, sempre assim mais à noite.

Lembra-se de alguma vez consultar ou verificar noutra fonte algum dado histórico-social representado na série?

Não, não me lembro. Confiava no que estava a ver.

Qual é a sua opinião sobre a série “Conta-me Como Foi”?

É uma série que eu recomendaria, obviamente. Acho que é uma série muito interessante para nós percebermos um bocadinho mais sobre a nossa história. Como a série tem desde crianças até idosos, permite perceber como é que eram as diferentes fases da vida. Eu acho que retrata muito bem as diferentes fases da vida no pós 25 de abril e também antes do 25 de abril. Até mesmo para quem possa não estar muito interessado na parte histórica, eu acho que a série continua a ser relevante.

O que pensa sobre a família Lopes?

Que é uma família muito engraçada e que eu acho que retrata bem a família tradicional portuguesa.

Como é que acha que o período pós 25 de Abril foi representado na série “Conta-me Como Foi”?

Eu acho que foi bem representado, estava credível, mas eu lembro-me que gostava de ter visto mais o período da revolução em si. Acho que a série tinha a ganhar com isso. Na minha opinião tinha sido essencial numa série que retrata o pré e o pós 25 de abril ver também a revolução no ano de 74. E depois, não sei se vai haver mais temporadas sobre este período pós 25 de abril, mas partindo do pressuposto que não, eu acho que deviam ter feito temporadas com mais amplitude temporal, ou seja: uma sobre os anos 70, outra sobre os anos 80, outra sobre os 90...

Para além da revolução, lembra-se de outro acontecimento que gostasse de ter visto representado na série e que não esteja nos episódios?

Eu gostava muito de ver os anos 90 e os anos 2000. Eu sei que não é assim há tanto tempo, mas acho que ainda faz uma grande diferença, são 20 anos! Gostava muito de ver isso!

Acha que a série lhe deu a conhecer melhor alguns acontecimentos históricos?

Sim, eu acho que sim, mas também sei que há ali muita parte que é ficção, que é só sobre a vida deles no geral.

Considera que a série a levou a construir uma ideia dos anos 84 a 87?

Sim, acho que sim. Muitas das ideias que tenho deste período são por ver o “Conta-me Como Foi” e outras séries sobre estes anos.

1º excerto:

Conhecia o “Spectrum” antes de ver a série “Conta-me Como Foi”?

Não, não sabia o que era.

Como vê a resistência inicial à tecnologia representada na série?

Eu acho que isso é um bocado o que nós vemos na nossa vida, não é? Quando surgiram os telemóveis tácteis, muito maiores, acho que houve também essa resistência ao novo, à mudança, ao diferente. Depois, quando experimentamos, especialmente com a tecnologia que nos facilita a vida, nos diverte e nos entretém, gostamos e adotamos na nossa vida.

Comparando com o que vimos, como encara atualmente a introdução de tecnologia?

Acho que é diferente.. Já estamos tão habituados à tecnologia e a tudo o que é tecnológico que quando há uma atualização, ou um aparelho novo, toda a gente quer experimentar.

O que pensa sobre a relevância que as telenovelas brasileiras assumiam?

Como não havia alternativas feitas em Portugal, acho normal que as telenovelas brasileiras fossem o entretenimento das pessoas.

Na sua casa vê, ou algum familiar seu vê, telenovelas brasileiras?

Não, na minha casa ninguém vê. Lembro-me de ver de vez em quando a *Gabriela*, que toda a gente conhece. Mas ver assim do início ao fim não.

2º excerto:

Conhecia a série “Duarte e Companhia”?

Não.

Como vê o facto de um ator de “Duarte e Companhia” fazer parte do elenco de “Conta-me Como Foi” e essa situação ser explorada?

Acho engraçado, acho que é divertido. Faz sentido. Isto é ficção, eles podem brincar com estas situações, sem terem de retratar tudo ao milímetro.

O que pensa sobre o controlo que existia dos conteúdos televisivos assistidos em casa?

O pai chegou a casa e disse logo... Ele é que mandava! Posso olhar aqui de duas maneiras para o facto de ele ter chegado a casa e de a ter mandado logo tirar a cassete para ele ver o telejornal: primeiro porque ele é que mandava, era o pai e o homem da casa; depois, porque naquela altura ou viam na hora, ou não conseguiam ver e como era uma cassete, ela podia ver quando lhe apetecesse.

Comparando com a sua vivência atual, acha que se mantém?

Não. Acho que não se mantém o controlo, primeiro porque nós conseguimos ver televisão nos telemóveis, nos computadores, nos tablets, onde nós quisermos... E porque se eu quiser ver uma coisa à mesma hora do que a minha irmã, ela pode ver e eu a seguir quando o programa dela acabar, passo para trás e vejo o meu. E vice-versa. Portanto, não há necessidade desse controlo. Temos acesso a tudo em todo o lado.

Como vê a participação de Portugal na antiga CEE, atual União Europeia?

Eu acho que para Portugal faz sentido, porque somos um país pequeno e pobre. Foi bom termos o euro, o espaço Schengen. Acho que faz sentido que Portugal esteja na União Europeia, porque se não tivéssemos o apoio da União Europeia, então o nosso país ainda estaria pior do que está. Por exemplo, no meu trabalho, nós recebemos imensos computadores do PRR, que vêm da União Europeia, e não só computadores, tudo! Portanto, foi positivo e eu acho que continua a ser.

O que representa para si o carro Citroen 2CV?

Na altura era um carro muito popular. É um carro que remete muito para o passado.

Como vê esta cena de assédio no café?

Acho que representa a sociedade machista da época e em que nós ainda vivemos, porque isto acontece diariamente.

3º excerto:

Tem por hábito juntar-se com a sua família para ver determinados conteúdos na televisão?

Sim, por exemplo, gostamos muito de ver o Joker, tanto em minha casa, como em casa dos meus avós. Vemos sempre que podemos, todos juntos, na sala, até porque só temos uma televisão e é na sala. *Reality shows* também gostamos. E sim, nós temos esse hábito de nos juntarmos principalmente depois de jantar e vermos um programa.

Desta cena, em que vemos a entrevista do Toni ao Maradona, considera que o facto de combinar imagens de arquivo com imagens montadas lhe transmite maior credibilidade, ou cria um maior distanciamento relativamente à veracidade dos factos representados?

Eu acho que faz todo o sentido e que traz uma maior credibilidade. Claro que enquanto espectadora eu sei que ele não está a entrevistar o Diego Maradona, mas pelo menos as palavras que ouvimos do Diego Maradona são verdadeiras, são reais. Portanto, eu acho que transmite uma maior credibilidade do que se estivesse um ator a fazer de Diego Maradona.

Apêndice J: Entrevista Paulo

Com que frequência costume conteúdos televisivos?

Muita frequência, muita mesmo! Em casa tenho praticamente sempre a televisão ligada. Todos os dias vejo qualquer tipo de conteúdo, seja mesmo através da própria televisão ou noutros dispositivos.

Em que momentos é que prefere ver televisão?

Em dia de semana, ou seja, de segunda à sexta, considerando o horário de trabalho, gosto de ver televisão à hora de jantar. Às vezes à noite já sinto que há algum cansaço mental e cerebral para conseguir acompanhar televisão, apesar de ver, mas sobretudo à hora de jantar. Gosto particularmente de ver televisão aos sábados e domingos de manhã, porque é um momento de descanso em que gosto de acompanhar.

O que o motiva a ver televisão?

Eu consumo muita televisão para informação. Se eu quiser confirmar algum tipo de informação que tenha visto num outro lugar qualquer, vou à televisão para o fazer, portanto sim, muito para consumo de informação, mas também para lazer. Se bem que aí é menor a percentagem em comparação com informação, porque muitas vezes temos noção de que a televisão, se calhar, já não oferece, apesar de oferecer muita coisa, pode já não oferecer aquilo que realmente estamos à procura e é muito mais fácil irmos a um motor de busca para encontrarmos realmente aquilo que queremos. Mas sim, é um misto das duas, com um peso mais significativo para a informação.

Atribui à televisão um papel educativo?

Sim, também, ainda sim, sim... Sobretudo pelo pendor de informação. Acho que há programas de lazer que também ainda o fazem, se bem que temos de escolhê-los com cautela, mas ainda sim, também.

Acha que a televisão contribui para a sua compreensão do mundo?

Sim! Contribui, mas talvez a melhor palavra seja “ajuda”. Isto porque eu acho que não é um mecanismo único para tal, mas entra numa equação em que, juntamente com muitos outros, nos ajuda a entender. E acho que a televisão já tem um passado, um legado, uma história e são colocados agentes informativos nela e tudo mais, que efetivamente atribuem uma importância e um peso de “ok, é informação de confiança”, ou seja, na televisão passam coisas nas quais podemos confiar. Claro que depois há canais e canais... Há tipos e tipos de

informação... Tudo depende, mas acho que sim, quando comparando com outros meios e isto aqui sempre relacionando com quando estamos a fazer *scroll* no telemóvel, ou o que seja, portanto sim, concordo com essa questão.

Com que frequência é que consome conteúdos televisivos sobre história?

Menos do que aquela que eu gostaria, porque eu gosto bastante de história e tenho interesse, mas não tanta quanto aquela que gostaria. Acho que é uma coisa para a qual tenho de ter efetivamente tempo e disposição no fim de semana para ver algum conteúdo de história. Também a oferta não é assim tanta quanto essa... Mas é com menos frequência que isso acontece, infelizmente.

Tem preferência por séries ficcionais ou por documentários na representação da história?

Documentários! Eu dificilmente me consigo agarrar uma série, mas isso já é uma preferência minha... Acho que o documentário, como fica centrado num só capítulo, na maior parte dos casos... Tenho mais tendência a aderir a isso.

Desses conteúdos, tem mais interesse pelos que abordam a história nacional ou internacional?

Ambas. Pela história do nosso país, claro que sim, claro que me interessa. Na história internacional, seja do que for, dos 4 cantos do mundo, já aconteceu tanta coisa... A história internacional recente talvez tenha mais impacto do que a nossa, por exemplo o 11 de setembro, a guerra atual, seja Israel, Hamas ou na Ucrânia... Portanto, atualmente o mundo tem mais coisas a acontecer a esse nível que nos possam despertar mais atenção. Por isso interessam-me ambas, mas com mais pendor para a internacional.

Qual é a sua principal fonte de conhecimento de história?

Ora, acho que livros, revistas. Sim, livros, revistas e acho que a televisão também... E, em parilha com a televisão, acho que o YouTube teve aqui um papel também importante para o meu interesse por história! Tu tens inúmeros canais que são sobre *knowledge*, ou seja, conhecimento, e que são muito bons! E que estão a par e passo com os documentários mais interessantes do Canal História, do National Geographic, o que seja... Portanto, acho que temos aqui muitas ferramentas para isso, mas digo que são os livros e revistas, porque são clássicos, porque já trabalham isso há muito tempo, mas depois o audiovisual também contribui aqui com uma importância diferente.

O período pós 25 de Abril interessa-lhe particularmente?

Sim. Talvez um bocadinho menos do que o 25 de abril em si, confesso... Ainda que eu tenha vindo de uma área de Humanidades, tenha estudado história, mas talvez um bocadinho menos, porque o próprio período também foi muito tumultuoso. Também houve muitos ecos de muito lado, direita, esquerda... Portanto, se calhar às vezes a informação nalgumas coisas pode estar mais baralhada... Talvez por aí não tenha tido sempre tanto interesse de ver a fundo isto ou aquilo do pós 25 de abril.

Conversa sobre esse período com familiares ou amigos?

Sim, sim, mais em concreto quando estamos a vivê-lo, quando estamos a 24 ou 25 de abril. Mas em concreto sobre o pós, falo com a minha família sobre isso, sim. Com amigos não me recordo...

Qual é a relevância que tem para si o conhecimento sobre o passado histórico?

Seja qual for o período, tem sempre relevância, sim! Seja com mais ou menos peso, determinados tipos de eventos, todos eles têm uma certa relevância. É claro que, se calhar, a alguns presto um bocado mais de atenção do que a outros.

Como é que vê o Portugal pós 25 de Abril?

Eu só nasci em 97, portanto há muita coisa para trás que eu acabei por não viver. Acho que todo o Portugal pós 25 de abril é um bom Portugal, considerando aquilo que se rompeu do que estava para trás, só por aí já é um bom Portugal. É o termos uma democracia, liberdade, tudo mais! É um ótimo Portugal. Claro que há sempre um outro lado da moeda, e eu não quero que interpretem mal no sentido de parecer que há algo mau em vivermos em democracia, não, de todo... Mas, inevitavelmente, nós vivemos, e hoje em dia também, ou seja, os anos 80 tiveram as suas dificuldades, os 90 também, os 2000... Portanto, em tudo há sempre um lado bom e um lado mau. Mas, apesar das dificuldades, acho que nós hoje em dia estamos a prestar uma atenção, e ainda bem, diferente ao 25 de abril, com mais importância, precisamente por aquilo que estamos a viver também... Só essa relevância já é muito importante e necessária! Ao fim e ao cabo, é importante olhar para trás e sempre pensar que foi ótimo aquilo com que se rompeu, mas há sempre mais a fazer.

Que eventos e situações é que destaca desse período?

Ao fim e ao cabo, é inevitável não pensar que há um Portugal rural que estava tão adormecido, que despertou. Eu sou da zona do interior, claro que quando eu nasci e cresci já não se sentia tanto isso, mas há raízes que existem sempre e há realidades que se conhecem. Acho que é isso, é o despertar de uma certa fatia do interior de Portugal. As

disparidades continuam a existir, claro, e infelizmente existem muito em comparação com o litoral... Mas havia uma ruralidade do interior que era tão acentuada e que felizmente desapareceu porque foram oferecidas oportunidades e hipóteses a essas pessoas.

Uma vez que se trata de um período que não viveu, como considera que foram construídas as ideias que tem sobre o pós 25 de abril?

Ao fim e ao cabo, muitas delas acabaram por ser construídas com o percurso escolar e académico. Sempre gostei muito de história, segui no ensino secundário Línguas e Humanidades, portanto estudei em história, e depois também fui eu próprio aprofundando, por interesse e gosto pessoal. Mas foi muito disso, ou seja, era um percurso escolar que eu tinha que fazer e com matérias que tinha que estudar a esse nível e, portanto, foram primeiro oferecidas e depois de ter de as aprender, fui-me interessando e investigando um bocadinho mais.

Que fontes de informação contribuíram para a formação dessas ideias e perspetivas?

Começando pela questão escolar, muito à base de livros e manuais. Depois volto aqui à questão do YouTube.

Considera que a televisão contribuiu para a formulação dessas ideias?

Sim, sim, sempre! Felizmente a televisão, principalmente nas datas em que se aproxima o 25 de Abril, tem muita oferta de conteúdos que exploram a temática. Mas sim, acho que tem conteúdos necessários e suficientes para nos informarmos e contribui para elucidar o seu público sobre a questão.

E sobre o papel da série “Conta-me Como Foi” nessa construção, qual é a sua opinião?

Eu sempre gostei muito da série. Eu via em pequeno também e possivelmente não a associava de forma direta a um antes, durante ou a um pós... Mas acho que tem um papel fulcral, no sentido em que... voltando um bocadinho atrás naquela questão do despertar da ruralidade, claro que a série é passada em Lisboa, mas havia muitas coisas que não se percebia que existiam naquele Portugal de outrora... E todo o trabalho que foi feito ao nível de recriar fielmente esses próprios antepassados acho que foi muito importante... Eu sinto que, muitas vezes, é aquilo que não é passado de forma mais direta, que fica na mente e naquilo que é o pensamento das pessoas, portanto, sim, acho que é relevante e importante, sim.

Há quanto tempo é que viu as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?

Eu vi na altura em que elas ficaram disponíveis na RTP 1, portanto eu fui acompanhando pela televisão. Eu fiz questão de acompanhar! Era um bocado aquela questão do serão de sábado à noite. Eu via muito porque gostava e também os meus pais sempre, talvez mais do que eu, gostavam da série e eu acabava por ver.

Costumava comentar os episódios com os seus pais?

Sim, porque lá está, eu gostava da série, era interessado pela série, mas os meus pais ainda gostavam muito mais do que eu próprio! E eram eles que muitas mais vezes lançavam comentários para cima da mesa e depois nós comentávamos por cima dos comentários deles, porque se calhar eles às vezes, também com um olhar mais crítico, diziam “aquilo está mesmo bem recriado!”, ou “aquilo, se calhar, não era tão bem assim quanto isso...”. Eu lembro-me que a própria série conseguiu ir ao próprio arquivo da RTP buscar coisas que depois passavam e eles diziam “ah, eu lembro-me disto ter acontecido!” e então comentávamos por cima dos comentários deles.

Era uma decisão comum, em sua casa, verem a série?

Sim, era decisão comum porque ninguém se opunha.

O que é que o motivou a ver as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?

Vou fazer um paralelismo com as últimas temporadas, porque depois tivemos períodos em que a série esteve muito tempo sem dar e depois voltou e tudo mais. Ou seja, eu lembro perfeitamente do período das primeiras temporadas e de efetivamente ver e de haver um interesse familiar para se ver. O mesmo depois aconteceu com estas últimas, ou seja, foi quase como o recuar do tempo de “nós já vimos esta série que era muito boa, portanto nós temos de voltar a ver agora porque se ela foi boa no passado, vai ser boa agora e vamos ver como é que está tudo”. Depois eram os mesmos personagens... Era um bocado isso, se nós já vimos a série no passado, acho que faz sentido ver novamente. Depois uma coisa muito interessante da série também era isso, porque a série foi crescendo - com os tempos que tinha retratado e que ia voltar a retratar.

Lembra-se de alguma vez consultar ou verificar noutra fonte algum dado histórico-social representado na série?

Podia ter feito isso, não fiz por dois motivos: achava que a série já o explicitava de forma devida e às vezes não tinha o devido interesse, achava que estava esclarecido o suficiente para não ter de ir ver. Às vezes também vem um bocado de se calhar ter um bocado de preguiça para fazer isso. Acho que se calhar a informação chega-me e está suficiente assim.

O que é que pensa sobre a família Lopes?

Era muito engraçada. Eu gostava, sobretudo das personagens da Rita Blanco e do Miguel Guilherme. Acho que sempre foi uma família bastante bem caracterizada. É claro que os próprios personagens foram também evoluindo ao longo das temporadas e há uma dissociação clara para mim entre as primeiras temporadas em que todos os personagens eram muito sisudos, para estas últimas temporadas... porque também era a própria evolução do tempo. Em sentido geral, acho que era uma família bem representativa, com os desafios se calhar da época e das diferentes fases de crescimento da série, com as suas vicissitudes, com as suas dificuldades, portanto, era muito interessante.

Como é que acha que o período pós 25 de abril foi representado na série “Conta-me Como Foi”?

Eu acho que, por um lado, tocaram em pontos essenciais; noutros talvez um bocadinho mais ao de leve e era muito a realidade de uma capital... que não era a realidade do país, mas acho que não há mal nisso. Eu acho que estava assumido, não é? Portanto, eles não podiam querer espelhar um Portugal inteiro... Acho que também não era possível para a própria série e para uma família representar uma totalidade de um Portugal a viver uma revolução como a do 25 de abril. Portanto, não me choca e não me fez falta ver aquilo, ou o outro. Acho que há que compreender que se estamos a espelhar uma família, vamos viver a realidade daquela família. Claro que vamos tentar ter o máximo de fatores endógenos possíveis, mas a partir daí acho que a representação é fidedigna.

Lembra-se de algum acontecimento que gostasse de ter visto representado na série e que não esteja nos episódios?

Eu acho que me lembro de uma... Não sei se foi só num episódio ou noutro que era a entrada de Portugal na CEE... Lembro-me, na altura, de comentar, sobretudo como o meu pai, dele dizer que o episódio não espelhou com tanta efusividade como a que foi vivida. Eu não vivi, mas lembro-me do meu pai comentar isso, de falarmos sobre isso, e de eles considerarem que a entrada de Portugal na CEE foi uma coisa que efetivamente cá se celebrou de forma mais entusiasta do que aquela que a série representou.

Acha que a série lhe deu a conhecer melhor alguns acontecimentos históricos?

Eu recordo-me muito e estou a recuar aqui ao tempo dos manuais de história que eu estava a ler e, portanto, a partir do momento em que tu lês, também crias uma imagética, ou seja, fazes na tua própria imaginação uma imagem do momento. Ali, tens uma representação que

pode ser mais ou menos fiel àquilo que tu imaginaste, mas é uma representação. Portanto, acho que é muito importante e foi claramente crucial e daí também o meu interesse em ver, não só puxado pelo interesse familiar, como pelo meu próprio interesse por ter estudado a própria época em si.

E em concreto sobre os anos de 84 a 87, considera que a série o levou a construir uma ideia deste tempo?

Ajudou, sim, porque ao fim e ao cabo, também é uma época que é menos estudada a fundo... Eu vou sempre recuar para o meu percurso académico e escolar, em que claramente tu dás mais tempo de antena ao próprio período antes e logo ali o pós 25 de abril e esta fase de maior crescimento e de início de prosperidade do país é abordada, mas se calhar, ainda tens menos vislumbres de como é que eram os aspetos e costumes das pessoas, do que do 25 de abril. Portanto, eu acho que sim. A série nisso também foi crucial, sim, sem dúvida.

1º excerto:

Conhecia o “Spectrum” antes de ver a série “Conta-me Como Foi”?

Não, ou seja, o computador em si, não. Já o jogo que eles estavam a jogar, acho que não é assim tão diferente daqueles que já vimos.

Como vê a resistência inicial à tecnologia representada na série?

É totalmente normal. Eu acho que hoje em dia, se calhar, não é assim tão vivida, mas eu acho que vai haver sempre resistência a coisas muito novas que venham. Depois, a partir do momento em que percebemos que não são coisas assim tão nocivas quanto nós achávamos, acabamos por ceder.

Comparando com o que vimos, como encara atualmente a introdução de tecnologia?

Eu acho que ainda há resistência. Há menos, sim, pela velocidade com que hoje em dia aparecem coisas, que não se compara àquela. Nós já temos a noção de que se uma coisa aparece, certamente não será nociva, mas numa ou noutra ainda temos. Por exemplo, a inteligência artificial: mesmo antes de começar e ainda atualmente quando a utilizamos, nós às vezes temos reticências porque sabemos que estamos a lidar com uma coisa que é do género “onde é que ela vai buscar a informação”... Portanto, causa impressão, mas nós usamo-la.

O que pensa sobre a relevância que as telenovelas brasileiras assumiam?

Não havia nacionais, ou seja, viam-se as brasileiras. Esta até é mais uma questão do “novo” de que estávamos a falar, até pode haver uma certa resistência inicial, mas quando percebemos que estamos perante um produto que é bom, e as novelas brasileiras assim o eram, claro que vamos ter interesse. Para Portugal, eu acho que as novelas brasileiras tiveram uma relevância muito interessante no sentido de quebra de tabus, porque nós vínhamos de um Portugal tão fechado, não era? Vínhamos de um Portugal que era muito cinzento, que não era aberto a nada e que achava, porque assim o tinham imposto, que tudo o que era de fora era mau... E as novelas brasileiras vieram contrariar isso.

Na sua casa vê, ou algum familiar seu vê, telenovelas brasileiras?

Atualmente, não vejo telenovelas brasileiras e na minha família não me lembro de alguém que veja. Acho que os meus pais viam telenovelas brasileiras nesta época em que as telenovelas brasileiras começaram a chegar a Portugal, mas a partir do momento em que em Portugal também se fazem telenovelas e que elas se sobrepõem às próprias brasileiras, por exemplo em termos de horários de emissão, as telenovelas portuguesas assumiram mais importância em família. Eu lembro-me muito pouco de, em família, ver telenovelas brasileiras, mas vi uma ou outra, por exemplo, o caso da nova versão da *Gabriela*, ou a *Avenida Brasil*, que foram mais comentadas, por assim dizer.

2º excerto:

Conhecia a série “Duarte e Companhia”?

Acho que tinha ouvido falar, sim, mas nunca tinha visto.

Como vê o facto de um ator de “Duarte e Companhia” fazer parte do elenco de “Conta-me Como Foi” e essa situação ser explorada?

Acho que faz todo o sentido. Os telespetadores, mesmo que não tenham visto o “Duarte e Companhia”, percebem que o “Conta-me Como Foi” está a assumir algo que é verdade e que é o facto de o ator Rui ter feito parte dessa tal série e agora estar aqui também. Aqui o que eu acho interessante é não se passar ao lado disso e assumir-se que é o mesmo ator.

O que pensa sobre o controlo que existia dos conteúdos televisivos assistidos em casa?

Acho mais ou menos normal... Acho que hoje em dia qualquer pai ou mãe preocupado com a economia da atenção do seu filho ainda impõe essas mesmas regras. No passado, acho que a razão não era tanto a preocupação com o tempo que os filhos gastavam nos ecrãs, era mais uma questão de conflito de interesses.

Como vê a participação de Portugal na antiga CEE, atual União Europeia?

Sempre se falou que “Portugal é a cauda da Europa”... Se antes o sentíamos, agora continuamos a senti-lo. Claro que a adesão à atual União Europeia foi o melhor que podia ter acontecido ao país. Mas não nos esqueçamos que já havia muito para trás, que era difícil remediar e que continuamos com essa dificuldade... Daí os carros demorarem a vir e a ferrovia ainda ser hoje o que é... Portanto, a representação está fidedigna à época e ao que continua a ser atual. Mas é natural que a expressão “Portugal na cauda da Europa”, que é a tal analogia de que estamos cá no fundo, estamos cá para trás, continue e vá continuar.

O que representa para si o carro Citroen 2CV?

Não representa nada, não.

Como vê esta cena de assédio no café?

Acho que aqui foi só mais para brincar com esta situação do “Duarte e Companhia”, mas acaba por mostrar que era uma coisa que existia na época e o papel mais vulnerável e sexista da mulher.

3º excerto:

Tem por hábito juntar-se com a sua família para ver determinados conteúdos na televisão?

Eu vivo em Lisboa, os meus pais vivem na Covilhã, não é tão comum... Mas sempre que eu vou a casa ao fim de semana isso acontece. O serão de sábado à noite, sobretudo no Inverno, é passado em reunião familiar em frente a um televisor, a ver seja o que for.

Desta cena, em que vemos a entrevista do Toni ao Maradona, considera que o facto de combinar imagens de arquivo com imagens montadas lhe transmite maior credibilidade, ou cria um maior distanciamento relativamente à veracidade dos factos representados?

Olha, eu lembro-me de ver este final de episódio, achei muito engraçado! Durante a série vemos este personagem a ser completamente achincalhado pela chefia e muitas vezes vemo-lo frustrado e aqui acaba por ser uma realização profissional. Eu acho que, enquanto telespetadores, compreendemos que aquilo não é efetivamente real, portanto, que há ali coisas reais, no sentido em que há ali uma parte da imagem que efetivamente aconteceu, e outra que não. A mim não me choca que se tente recriar uma cena por cima da realidade. Acho que feito desta forma até fica melhor, do que se simular de outra forma qualquer. Não

retira o cunho e a importância que a imagem do Maradona tem por ter sido colada com uma montagem.

Apêndice K: Entrevista Rita

Com que frequência consome conteúdos televisivos?

Todos os dias.

Em que momentos é que prefere ver televisão?

À noite, normalmente depois do jantar.

O que a motiva a ver televisão?

Por norma, é por entretenimento.

Atribui à televisão um papel educativo?

Não. Não acho que tenha... Pelo menos no meu caso.

Acha que a televisão contribui para a sua compreensão do mundo?

Em certos momentos, acho que sim. Quando era mais pequena, sim. E também porque eu acho que os canais, por exemplo, a nível da política, têm uma posição política. Deviam ser imparciais e acabam por não o ser. Acabam por favorecer inevitavelmente um partido político e denegrir a imagem dos outros, por exemplo. E acho que isso às vezes influencia a minha opinião, acaba por moldar.

Com que frequência consome conteúdos televisivos sobre história?

Hoje em dia, diria que é mais ou menos uma vez por mês.

Tem preferência por séries ficcionais ou por documentários na representação da história?

Prefiro séries.

Por alguma razão?

Porque têm uma história e tornam-se mais fáceis de acompanhar. Os documentários são factos reais que eu sinto que às vezes estão só a debitar informação e acabo por me perder.

Desses conteúdos, tem mais interesse pelos que abordam a história nacional ou internacional?

Isso acaba por ser indiferente, interesse-me pelas duas.

Qual é a sua principal fonte de conhecimento sobre história?

Aprendi muito na escola, por isso diria que são os livros.

O período pós 25 de abril interessa-lhe particularmente?

Sim. Porque não vivi nessa época, ou seja, nos anos que se seguem logo à revolução, mas houve muitas coisas que mudaram e eu interessei-me pela mudança. Interessa-me perceber o que se alterou nessa época e como o país mudou.

Conversa sobre esse período com familiares ou amigos?

Frequentemente, não.

Qual é a relevância que tem para si o conhecimento sobre o passado histórico?

É bastante relevante, porque me interessa por conhecer o mundo que não vivi e gosto de perceber a maneira como os meus avós pensam. Eles pensam assim, ok, mas quero sempre perceber porque é que eles pensam dessa determinada forma, o que é que eles viveram para pensarem como pensam.

Como vê o Portugal pós 25 de abril?

Inicialmente como uma grande confusão... E agora já está mais calmo. Vejo um Portugal livre, mas às vezes se calhar demasiado livre... Toda a gente diz o que quer e o que lhe apetece, sem medir o que diz – estou a falar de coisas extremistas, descabidas e sem fundamento.

Que eventos e situações destaca desse período?

Não me recordo assim de nenhum em concreto

Uma vez que se trata de um período que não viveu, como considera que foram construídas as ideias que tem sobre o pós 25 de abril?

Acima de tudo, acho que a partir de histórias de familiares e de coisas que eu vi e li na televisão e noutros sítios como revistas e livros.

De que forma é que a televisão contribuiu para a formulação dessas ideias?

Acho que o principal a destacar são as séries que contam o ano da revolução, que relatam o que aconteceu com a mudança e o pós 25 de abril.

E a série “Conta-me Como Foi”?

Sim. Diria que sim. Justamente por representar esse período.

Há quanto tempo viu as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?

Vi quando deram na televisão.

Quando via os episódios, costumava fazê-lo sozinha ou acompanhada?

Acompanhada.

E qual é que era a dinâmica, costumavam comentar aquilo que estavam a ver?

Sim, às vezes eu fazia perguntas aos meus pais do género “isto foi mesmo assim que aconteceu?”.

Em sua casa, quem decidia ver a série “Conta-me Como Foi”?

Os meus pais, diria.

O que a motivou a ver estas temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?

Como vi as primeiras em criança e eu gostava imenso de ver, decidi acompanhar estas também. Os meus pais também gostaram e decidiram começar a ver e eu, para dar continuidade ao que já tinha visto, decidi ver também.

Em que contexto do dia é que assistiu à série “Conta-me Como Foi”?

Depois do jantar, normalmente ao serão.

Lembra-se de alguma vez consultar ou verificar noutra fonte algum dado histórico-social representado na série?

Que eu me lembre não, a não ser com os meus pais. Isso eu perguntava, mas não me lembro de ir à Internet, por exemplo, comprovar alguma coisa.

Qual é a sua opinião sobre a série “Conta-me Como Foi”?

É uma boa série. Representa bem uma família que viveu este tempo. Acho que está bem montada, desenhada... Acho que o cenário também está muito credível e as roupas também... A maneira como eles falam uns com os outros também, as atitudes que têm, as coisas que diziam. Penso que possa representar aquilo que se passava na altura e como era na altura.

O que pensa sobre a família Lopes?

Que às tantas vira uma família que parece quase disfuncional. Eu lembro-me que no início era uma família muito mais unida e depois de eles crescerem, quase que parece uma família disfuncional, em que eles andam sempre às turras, que não sabem o que fazer da vida.

Como é que acha que o período pós 25 de abril foi representado na série “Conta-me Como Foi”?

Acho que foi uma representação credível, no fundo. O facto de, por exemplo, estarem sempre a falar de política, sobre o que estava a acontecer no mundo, e de quem é que estava ou não no poder, são factos reais, portanto, acho que comprovam a realidade.

Lembra-se de algum acontecimento que gostasse de ter visto representado na série e que não esteja nos episódios?

Não. Se pensei, não me lembro.

Acha que a série lhe deu a conhecer melhor alguns acontecimentos históricos?

Eu acho que sim. O facto de estarmos a ver em imagens, faz com que consigamos entender melhor o que se passou.

Considera que a série o levou a construir uma ideia dos anos 84 a 87?

Acho que sim, por exemplo, muito na parte das ideias sobre como era a vivência familiar na época.

1º excerto:

Conhecia o “Spectrum” antes de ver a série “Conta-me Como Foi”?

Não.

Como vê a resistência inicial à tecnologia representada na série?

Acho que era natural na época e mesmo ainda hoje acho que acontece com as pessoas mais velhas. Acho que era normal, era uma coisa nova e ninguém sabia de que é que se tratava, portanto, acho que era normal.

Comparando com o que vimos, como encara atualmente a introdução de tecnologia?

Acho que já é mais fácil, mas ainda não completamente, principalmente para as pessoas mais velhas. Por exemplo, os meus avós são muito resistentes a comprar um telemóvel que seja tátil. Mesmo que seja muito fácil deslizar para cima e para o lado, eles dizem que não conseguem e que não percebem nada daquilo, mesmo não sendo uma coisa difícil.

O que pensa sobre a relevância que as telenovelas brasileiras assumiam?

Eu acho que na altura não se fazia muita coisa cá em Portugal, não existia muito conteúdo em Portugal, mas no Brasil havia! Ou seja, era uma coisa nova, uma nova forma de ver o mundo, portanto, era natural que parassem para ver telenovelas brasileiras, porque era uma coisa que não havia cá e que era inovadora.

Na sua casa vê, ou algum familiar seu vê, telenovelas brasileiras?

Eu não vejo e acho que ninguém na minha casa vê.

2º excerto:

Conhecia a série “Duarte e Companhia”?

Não.

Como vê o facto de um ator de “Duarte e Companhia” fazer parte do elenco de “Conta-me Como Foi” e essa situação ser explorada?

Acho que é giro! Acho que não tem propriamente relevância para a história, mas é engraçado.

O que pensa sobre o controlo que existia dos conteúdos televisivos assistidos em casa?

Acho que era uma coisa normal e que se calhar hoje em dia ainda é um pouco, porque é a figura de homem de família. Normalmente, a maior parte das mulheres nem sequer trabalhavam, era só o homem que trazia dinheiro para casa, logo era o homem de família que tomava as decisões e que tinha o poder de escolher.

Comparando com a sua vivência atual, acha que se mantém?

Às vezes sim. Na minha realidade não, mas acredito que ainda possa acontecer em certos lares.

Como vê a participação de Portugal na antiga CEE, atual União Europeia?

Significa haver livre trânsito de mercadorias, de pessoas, uma moeda única... Eles estavam a falar de comprar um carro no estrangeiro e de trazê-lo para Portugal, antes da CEE isso seria muito difícil porque era um processo muito mais complicado, devido a toda a burocracia. Com a CEE tornou-se tudo mais rápido, foi positivo para Portugal.

O que representa para si o carro Citroen 2CV?

Nada, em concreto.

Como vê esta cena de assédio no café?

Acho que representa ainda o que acontece hoje em dia e espelha bem o papel da mulher na sociedade nestas situações, em que quase não temos poder para fazer frente a um homem.

3º excerto:

Tem por hábito juntar-se com a sua família para ver determinados conteúdos na televisão?

Com menos regularidade, mas sim. Gostamos disso.

Desta cena, em que vemos a entrevista do Toni ao Maradona, considera que o facto de combinar imagens de arquivo com imagens montadas lhe transmite maior credibilidade, ou cria um maior distanciamento relativamente à veracidade dos factos representados?

Acho que não me distancia. Para mim torna-se sempre mais credível quando utilizam imagens da altura, tal como acontece muito durante a série – por exemplo, no início ou no fim dos episódios, quando víamos imagens reais da época, de arquivo.

Apêndice L: Entrevista Andreia

Com que frequência consome conteúdos televisivos?

Todos os dias, mais ou menos duas horas por dia.

Em que momentos prefere ver televisão?

Depois do trabalho, à noite.

O que é que a motiva a ver televisão?

É ter ali um momento sossegada, para descontrair. Às vezes até só como barulho de fundo.

Acha que a televisão tem um papel educativo?

Sim, muitas vezes, sim. Depende do tipo de programa, não é? Eu acho que há programas bastante educativos, mas isso é consoante a escolha que se faça do tipo de programas.

Acha que a televisão contribui para a sua compreensão do mundo?

Depende. Muitas vezes, sim, mas sinceramente hoje em dia acho que a Internet tem um maior peso nisso, para mim.

Com que frequência consome conteúdos televisivos sobre história?

Muito raramente.

Tem preferência por séries ficcionais ou por documentários na representação da história?

Documentários, gosto mais.

Tem mais interesse pelos que abordam a história nacional ou internacional?

Nacional, porque eu prefiro primeiro saber mais sobre nós e depois sobre “os de fora”.

Qual é a sua principal fonte de conhecimento sobre história?

Maioritariamente a escola, através dos livros. A televisão contribui um pouco para isso, mas atualmente é mais a Internet, como disse.

O período pós 25 de Abril interessa-lhe particularmente?

Eu acho que nós, jovens, estamos a deixar isso um pouco para trás e estamos a esquecer um pouco o que os nossos pais e os nossos avós passaram. Mas interesse-me e gostava de saber ainda mais e pesquisar um pouco mais sobre isso.

Conversa sobre esse período com familiares ou amigos?

Falo muito com a minha avó. Principalmente a minha avó. Ela conta-me como vivia na altura e às vezes eu também pergunto. Antes também falava sobre isso com o meu avô, mas já faleceu. Por isso, é com a minha avó principalmente.

Qual é a relevância que tem para si o conhecimento sobre o passado histórico?

Para já, para não se voltar a repetir. Nem quero imaginar como é que era na altura deles e nós vivermos isso na pele. O mundo está completamente diferente, não tem nada a ver com o período antes do 25 de Abril e eu acho que se voltasse a acontecer, era mesmo muito mau.

Como vê o Portugal pós 25 de abril?

Livre. Para a maior parte de nós é livre, para outros ainda nem tanto. Acho que agora de momento só me vem à cabeça a palavra livre.

Que eventos ou situações destaca desse período?

Reuniões, ou seja, acho que antes do 25 de abril nem sequer podíamos ter ajuntamentos com mais de cinco pessoas... A possibilidade de ter opção de escolha, também, no geral, seja na forma de vestir, no tipo de música que se ouve, tudo!

Uma vez que se trata de um período que não viveu, como é que considera que foram construídas as ideias que tem sobre o pós 25 de abril?

Através dos meus avós... Não tanto dos meus pais, mas mais da minha mãe, do que do meu pai. Mas eu ainda hoje em dia vejo certas coisas do passado na minha avó... Atitudes dela, palavras dela...

Considera que a televisão contribuiu para a formulação dessas ideias?

Um pouco, só.

E a série “Conta-me Como Foi”?

Sim. Ao mostrar o pré e o pós acaba por dar uma ideia da evolução.

Viu as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi” há quanto tempo?

Vi na altura em que foram transmitidas na televisão.

Quando via os episódios, costumava fazê-lo sozinha ou acompanhada?

Acompanhada pela minha mãe.

E costumavam comentar aquilo que estavam a ver?

Sim, alguns pormenores da história que estivessem ali a ser contados, comentávamos.

Em sua casa, quem é que decidia ver a série “Conta-me Como Foi”?

Era a minha mãe, principalmente.

O que a motivou a ver as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?

De certa forma foi mais por um fator de companhia do que propriamente pelo meu interesse em particular.

Em que contexto do dia assistiu à série “Conta-me Como Foi”?

Normalmente víamos para trás, a série dava à noite e nós víamos à tarde, ao fim de semana.

Gostou de ver a série “Conta-me Como Foi”?

Gostei!

E considera que a sua mãe, com quem viu a série, partilha da mesma opinião?

Sim, a minha mãe é que viveu mais aquele tempo, então ela identificava-se mais com o que estávamos a ver.

Lembra-se de alguma vez consultar ou verificar noutra fonte algum dado histórico-social representado na série?

Não, nunca achei necessário.

Qual é a sua opinião sobre a série “Conta-me Como Foi”?

É uma boa série para se recomendar. Espelha bem, na minha opinião, como era Portugal nesses anos.

O que pensa sobre a família Lopes?

Acho que é a típica família portuguesa da época. O conjunto dos pais com os filhos e a avó. Na minha aldeia ainda há muitas famílias assim.

Como é que acha que o período pós 25 de abril foi representado na série “Conta-me Como Foi”?

Eu gostava de ter visto o ano exato da revolução, nem que fosse um episódio ou dois do ano de 1974. Porque passa logo para os anos 80, não é? Eu gostava de ter visto a revolução em si, ver como é que tudo aconteceu ali na série.

Pareceu-lhe credível a representação feita na série do período pós 25 de abril?

Pronto, lá está. Do pós, sim. Mas a revolução em si, é como disse... Gostava de ter visto esse momento da história.

Acha que a série lhe deu a conhecer melhor alguns acontecimentos históricos?

Sim, como eu também não tenho por hábito ver muito este tipo de séries, acho que esta série em si permitiu isso, fiquei a saber mais sobre a nossa história.

Considera que a série a levou a construir uma ideia dos anos 84 a 87?

Sim, tanto da maneira de falar entre eles, dos comportamentos deles... A própria casa e as roupas que utilizavam.

1º excerto:

Conhecia o “ZX Spectrum” antes de ver a série “Conta-me Como Foi”?

Não conhecia, não.

Como vê a resistência inicial à tecnologia representada na série?

Na altura acho que era normal. Ele depois ao ver a filha tão interessada, também teve curiosidade e acabou por experimentar.

Comparando com o que vimos, como encara atualmente a introdução de tecnologia?

Eu acho que se mantém, de certa forma. Acho que quando há algo novo, há sempre aquele receio... Mas depois é o hábito. Eu posso dar o exemplo da minha avó: ela só tinha telefone fixo normal e depois quando todos começámos a ter telemóveis ela achava aquilo uma coisa do outro mundo e não queria, não queria por nada! Depois, nós demos-lhe um, só de mandar mensagens e ligar e ela aí começou a mexer e realmente gostou, mas lá está, também teve alguma resistência em mexer e em usar.

O que pensa sobre a relevância que as telenovelas brasileiras assumiam?

Acho que era natural terem muita importância, porque não havia muito por onde escolher. Sendo que era o que passava, acho que a importância na altura se justifica.

Na sua casa vê, ou algum familiar seu vê, telenovelas brasileiras?

Quando era mais nova, eu via com a minha mãe. Já não me lembro do nome, mas eu sei que a minha mãe adorava ver e todas as tardes ela via a novela. Agora, não vejo nem novelas brasileiras nem portuguesas.

2º excerto:

Conhecia a série “Duarte e Companhia”?

Não conhecia antes.

Como vê o facto de um ator de “Duarte e Companhia” fazer parte do elenco de “Conta-me Como Foi” e essa situação ser explorada?

Acho engraçado. Dá aqui uma credibilidade à série também, podiam ter ignorado isso, mas não. Fica engraçado.

O que pensa sobre o controlo que existia dos conteúdos televisivos assistidos em casa?

Eu acho que não é assim tão mau de todo... Ainda para mais, neste caso, era para ver as notícias. Acho que em quase todas as casas portuguesas isso acontece quando é hora das notícias.

Comparando com a sua vivência atual, acha que se mantém?

Não, mas porque eu não vivo com os meus pais. Mas, por exemplo, quando eu vou a casa da minha mãe ela normalmente quer ver as notícias também. Às vezes eu vejo também, outras vezes não acontece.

Como vê a participação de Portugal na antiga CEE, atual União Europeia?

Eu acho que já foi mais benéfico. Na altura da mudança acho que foi mais benéfico, agora, neste momento, acho que não é tanto... Já foi mais.

O que representa para si o carro Citroen 2CV?

Se não fosse pela série eu não conhecia o carro, acho que não representa nada.

Como vê esta cena de assédio no café?

Não gosto... Como é óbvio não gosto. Sendo mulher, gosto ainda menos... Acho que é uma coisa que ainda acontece e até cada vez mais, um assobio, um olhar, acho que hoje em dia ainda acontece mais, infelizmente.

3º excerto:

Tem por hábito juntar-se com as pessoas que vivem consigo para ver determinados conteúdos na televisão?

Sim, mais para ver uma série, ou um filme. Não é muito regular, mas ainda acontece.

Desta cena, em que vemos a entrevista do Toni ao Maradona, considera que o facto de combinar imagens de arquivo com imagens montadas lhe transmite maior credibilidade, ou cria um maior distanciamento relativamente à veracidade dos factos representados?

Dá, claro que dá credibilidade. Eu acho que aproxima. É mais credível. Mesmo que as pessoas saibam que é uma criação, essa montagem dá credibilidade. Acho que, nestes casos, a série fica mais interessante.

Apêndice M: Entrevista Afonso

Com que frequência consome conteúdos televisivos?

Não muita, mas quando há coisas que gosto de ver, aí acompanho.

Em que momentos prefere ver televisão?

À noite. Durante o dia não passa nada que me interesse. Os programas que eu gosto mais de ver, geralmente passam mais em horário noturno.

O que o motiva a ver televisão?

Programas de que eu goste, o que me cativar, eu vejo.

Atribui à televisão um papel educativo?

Sim, claro que sim, sem dúvida. Acho que a maior parte de nós, jovens, não acompanha tanto televisão, porque temos outros meios de assistir ao que gostamos, mas se calhar para a geração mais antiga estar a par das coisas e aprender sobre o que se está a passar e perceber porque é que se está a passar, acho que é sem dúvida muito importante.

Acha que a televisão contribui para a sua compreensão do mundo?

Ao mesmo tempo penso que sim e que não... Como em qualquer outra coisa, tudo tem as suas partes boas e as suas partes más. Nem tudo o que se vê na televisão é verdade, eu acho... Mas acho que sim, principalmente se calhar a geração que já acompanhou mais televisão do que as gerações anteriores começou a estar mais informada logo desde início e a perceber como é que o mundo funciona, mas sim, acho que sim, acho que tem um papel importantíssimo.

Com que frequência consome conteúdos televisivos sobre história?

Interesso-me bastante sobre este tema, adoro o Canal História... Vejo muito!

Tem preferência por séries ficcionais ou por documentários na representação da história?

Prefiro documentários, ou então uma série baseada em fatos verídicos. Quer dizer, pode ter uma parte de ficção, mas para mim é importante que tenha factos verídicos também. Mas prefiro o documentário, sem dúvida, é muito mais real, mas a ficção tem outra maneira de cativar, isso é verdade.

Desses conteúdos, tem mais interesse pelos que abordam a história nacional ou internacional?

Não é tanto por aí que escolho os conteúdos, mas entre uma e outra gosto muito mais de compreender a esfera portuguesa.

Qual é a sua principal fonte de conhecimento sobre história?

Eu acho que são os livros e muito os documentários também. Eu gosto muito de ver documentários e de depois fazer a minha pesquisa pessoal, de acordo com o que vi no documentário. Acho que é uma forma de “alargar os meus horizontes”.

O período pós 25 de abril interessa-lhe particularmente?

Interessa, interessa-me como é óbvio! Principalmente ali cinco, seis anos após o 25 de abril! Acho que houve uma mudança drástica para todos os que viveram na altura e é interessante para mim saber como é que as coisas mudaram, como é que as pessoas reagiram, o que é que se passou e tudo o mais. O período antes do 25 de abril é interessante também de ver, para saber o que nos levou a chegar a este ponto.

Conversa sobre esse período com familiares ou amigos?

Por acaso não... Nunca calhou, mas se calhar depois desta nossa conversa vou falar com os meus avós!

Qual é a relevância que tem para si o conhecimento sobre o passado histórico?

Tem uma relevância enorme para não cairmos nos mesmos erros que caímos no passado, para estarmos consciencializados do que é que esses erros podem provocar e da “monstruosidade” que pode advir de uma pequena coisa que teoricamente não era nada...

Como vê o Portugal pós 25 de abril?

Eu acho que é feito de muita evolução, sem dúvida, em todos os aspetos! Porque até 25 de abril de 1974 não havia muita liberdade para haver qualquer tipo de evolução seja em que aspeto fosse: na literatura, nas artes e tudo mais... Vejo também que se perdeu um pouco aquele patriotismo saudável, digamos assim... Eu tenho pena disso... Tenho bastante orgulho de ser português. Mas pronto, a sociedade evoluiu bastante! Claro que agora vemos movimentos que de certa forma se equiparam aos da altura, mas eu acho que como sociedade e com o que vamos aprendendo com a história, temos de saber seguir em frente e não dar força a este tipo de coisas.

Que eventos e situações destaca desse período?

Talvez a mudança para o euro! Acho que foi uma mudança enorme para qualquer pessoa que já fosse viva e que gerisse o seu próprio dinheiro.

Uma vez que se trata de um período que não viveu, como considera que foram construídas as ideias que tem sobre o pós 25 de abril?

Eu acho que foi principalmente por familiares, com o que aprendemos na escola, com documentários e com séries que retratam esta altura. Eu vejo muito documentários no Youtube, gosto muito e vou vendo uns atrás dos outros.

Considera que a televisão contribuiu para a formulação dessas ideias?

Sim, completamente. Eu acho que o melhor ponto a favor da televisão neste aspeto é que pode levar ao debate. Se virmos, se calhar, um programa de história na televisão temos, para além do apresentador, uma troca de ideias, várias perspetivas e isso faz com que nós possamos criar também as nossas próprias ideias, e não ficar com uma só perspetiva.

E a série “Conta-me Como Foi”?

Completamente, sim, completamente! Nós desde crianças que ouvimos histórias de como foi a vida antes e depois do 25 de abril, mas lá está, são histórias... Esta série mostra a vida de uma família normal, no antes e no pós. E para mim eu estar a ver isso em imagens, acompanhar essa família, vai além das histórias que me contavam. Sinto que permite encaixar melhor e compreender melhor também as ideias e mensagens que nos foram passando ao longo do tempo.

Há quanto tempo viu as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?

Se não me engano, a 6 e a 7 vi mais tarde. A 8 acho que vi na altura em que deu na televisão.

As temporadas que viu mais tarde, viu através da televisão ou na RTP Play?

Sim, foi através da RTP play, no telefone. Nos tempos livres, aproveitava para ver alguns episódios porque estava a acompanhar a temporada 8 na televisão.

Quando via os episódios, costumava fazê-lo sozinho ou acompanhado?

A 6 e a 7 mais sozinho, a 8 já vi acompanhado.

Quando estava acompanhado, costumava comentar o que via?

Claro! Comenta-se sempre! Seja a maneira de vestir, as diferenças nas interações entre as pessoas, que eram mais formais... Hoje em dia é mais “descontraído”!

Quando estava acompanhado a ver a série “Conta-me Como Foi”, quem tomava essa decisão?

Geralmente era a pessoa com quem via, mas havia vezes que até era eu que me lembrava que ia dar na televisão e dizia para irmos ver. Mas de uma forma geral era a pessoa com quem eu via, sim.

O que o motivou a ver as temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”?

Eu tinha acompanhado as temporadas anteriores, do antes do 25 de abril, e depois houve ali uma fase da vida em que eu deixei de ver televisão, não me interessava... Tanto que nem me apercebi que a série tinha voltado... Depois, quando saiu a temporada 8, comecei a ver e apercebi-me que já tinha perdido duas temporadas... E pronto, para conseguir perceber a história da temporada 8 fui ver as duas que me faltavam.

Em que contexto do dia assistiu à série “Conta-me Como Foi”?

Geralmente era na pausa para almoço, no trabalho.

Lembra-se de alguma vez consultar ou verificar noutra fonte algum dado histórico-social representado na série? A que fonte?

Por acaso não. Acho que pelo facto de a série ser praticamente verídica, nunca senti necessidade de ir verificar nada, sempre acreditei naquilo que era representado.

O que pensa sobre a família Lopes?

É uma família como qualquer outra... Disfuncional à sua maneira, funcional ao mesmo tempo... O pai eu acho que ainda está “preso” ao período antes do 25 de abril, mesmo nestas temporadas do pós – nas opiniões, na maneira como tentava gerir a família.... Os filhos, não! Os filhos, pelo contrário, mesmo antes do 25 de abril já eram muito à frente desse tempo. E a mãe é uma dona de casa do antes do 25 de abril... Que mesmo no pós tinha a sua loja, mas não deixava de ser a mulher da casa. Era ela que cozinhava, era ela que arrumava... Portanto, era ela que fazia tudo em casa.

Como é que acha que o período pós 25 de abril foi representado na série “Conta-me Como Foi”?

Tenho de destacar o lançamento do livro do Carlos, em que ele conta histórias do antes do 25 de abril que só são possíveis de serem contadas porque já estávamos no período do pós. Também a mãe abrir a loja com a filha, o que penso que fosse muito pouco provável no antes do 25 de abril. E a televisão que deixou de ser a preto e branco, deixou de haver televisão a preto e branco e ver isso é engraçado! Eu acho engraçado ver esse tipo de mudanças.

Pareceu-lhe credível a representação feita na série do período pós 25 de abril?

Eu acho que sim, mas eu penso que na altura fosse pior ainda do que é representado na série, penso que era tudo mais oprimido. Acho que é assim a única coisa que eu sinto ao ver a série, é que pensava que fosse muito mais. Atenção, não quero dizer que isso não foi representado na série, mas eu acho que ainda era mais.

Lembra-se de algum acontecimento que gostasse de ter visto representado na série e que não esteja nos episódios?

Acho que gostava de ter visto mais das primeiras eleições livres. Gostava de ter visto porque aí as pessoas já podiam falar, já cada um podia ter a sua cor política, dar a sua opinião, ter liberdade de expressão. E eu gostava de ter visto como é que foi, como é que as pessoas se sentiram, e se falavam sobre o voto. Após tantos anos oprimidos desta forma, será que nas primeiras eleições disseram “eu vou votar isto”, ou nem disseram nada e não davam a sua opinião? Eu gostava de ter visto isto.

Acha que a série lhe deu a conhecer melhor alguns acontecimentos históricos?

Sim! Nós temos conhecimento prévio sobre os acontecimentos através dos livros, na escola, mas ver representado na série é diferente, permite conhecer melhor, para além de se tornar mais interessante – ao vermos estamos a aplicar o que já sabemos, mas numa imagem em concreto.

Considera que a série o levou a construir uma ideia dos anos 84 a 87?

Deve ter sido fixe, primeiro que tudo. As roupas, tudo, a evolução de tudo. Deve ter sido bastante engraçado. Não deve ter sido fácil, mas acredito que engraçado sim.

1º excerto:

Conhecia o “Spectrum” antes de ver a série “Conta-me Como Foi”?

Não, não fazia ideia.

Como vê a resistência inicial à tecnologia representada na série?

Eu penso que seja normal, porque era uma coisa nova, era raríssima a pessoa que tinha qualquer tecnologia. Eu percebo o ceticismo. Atualmente acho que as pessoas mais velhas ainda têm essa resistência.

Comparando com o que vimos, como encara atualmente a introdução de tecnologia?

Penso que atualmente a geração mais antiga resiste muito ainda, mas as mais recentes também. Por exemplo a inteligência artificial, eu acho que houve e há muita gente que continua a resistir, a achar estranho e a duvidar. Eu compreendo perfeitamente o pai na série ter achado estranho, mas depois experimentou e ficou viciado!

O que pensa sobre a relevância que as telenovelas brasileiras assumiam?

Eu acho que era uma coisa em grande, porque as pessoas nesta altura tinham visto muito pouco fora de Portugal e através das telenovelas viam outra realidade falada em português,

o que também facilitava. Eu acho que foi muito importante para as pessoas mudarem a sua maneira de pensar, as ideias que tinham do mundo.

Na sua casa vê, ou algum familiar seu vê, telenovelas brasileiras?

Não, na minha casa por acaso nunca fomos muito de novelas brasileiras.

2º excerto:

Conhecia a série “Duarte e Companhia”?

Não, não conhecia antes de ver.

Como vê o facto de um ator de “Duarte e Companhia” fazer parte do elenco de “Contame Como Foi” e essa situação ser explorada?

Eu acho que é engraçado! Primeiro, mostra que há coisas que são intemporais. E depois, acho que é engraçado brincarem com isso.

O que pensa sobre o controlo que existia dos conteúdos televisivos assistidos em casa?

Eu acho que ainda era o hábito do antes do 25 de abril. Mas também neste caso, como eram as eleições, estavam num período de eleições, acho normal que o pai quisesse saber o que se estava a passar nas urnas.

Comparando com a sua vivência atual, acha que se mantém?

Existe, de certa forma. Existe e não existe... Eu preferia que existisse assim do que como é atualmente, em que os pais quando querem ver ou estão a fazer outra coisa, dão o telemóvel para a mão das crianças e deixam-nas ver o que elas quiserem. Se calhar era mais saudável antigamente, mas pronto nenhum extremo é bom.

Como vê a participação de Portugal na antiga CEE, atual União Europeia?

Facilitou tudo, facilitou importações, exportações, a movimentação de pessoas. Mais tarde, surge a moeda que uniu basicamente a Europa toda. Tornou tudo muito mais fácil. Claro que não foi imediatamente, as coisas levam o seu tempo, não é? Mas atualmente nós podemos ir a qualquer país da Europa sem ter que apresentar nada, podemos viajar para qualquer lado...

O que representa para si o carro Citroen 2CV?

É mais a clássica Renault 4L, para ser sincero. Mas é engraçado ver a evolução tanto dos carros, como da maneira como as pessoas pensavam nos carros. Nessa altura um Citroen com dois cavalos era uma máquina... Agora, um Citroen com dois cavalos não anda!

Como vê esta cena de assédio no café?

Eu acho que esta maneira estava incutida no modo de pensar – a mulher como um objeto que servia para tratar da casa, dos filhos e pronto... Atualmente ainda há pessoas assim, mas nessa altura provavelmente seria mais recorrente ver-se a mulher assim dessa forma.

3º excerto:

Tem por hábito juntar-se com a sua família para ver determinados conteúdos na televisão?

Acho que não há assim nenhum programa neste momento que me faça juntar com a família para vermos...

Desta cena, em que vemos a entrevista do Toni ao Maradona, considera que o facto de combinar imagens de arquivo com imagens montadas lhe transmite maior credibilidade, ou cria um maior distanciamento relativamente à veracidade dos factos representados?

Para o contexto da série talvez seja o mais correto, digamos. Mas se calhar é a partir dessas jogadas de imagens e entrevista que se formam más informações. Qualquer pessoa pode agarrar numa entrevista de qualquer outra e fazer perguntas que vão encaixar nas respostas, mas que vão ter um significado completamente oposto. Eu sinto que este tipo de cenas me distancia dos factos, não é real e se calhar alguém que vê pode ficar a achar a vida inteira que isso realmente aconteceu.

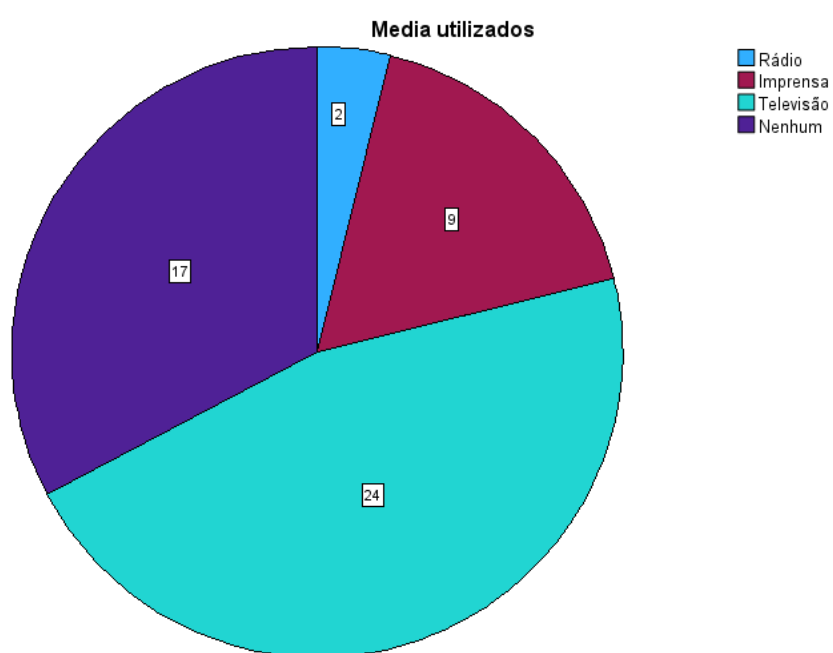
Apêndice N: Média do share de audiência das temporadas 6, 7 e 8 da série “Conta-me Como Foi”

Estatísticas

Share

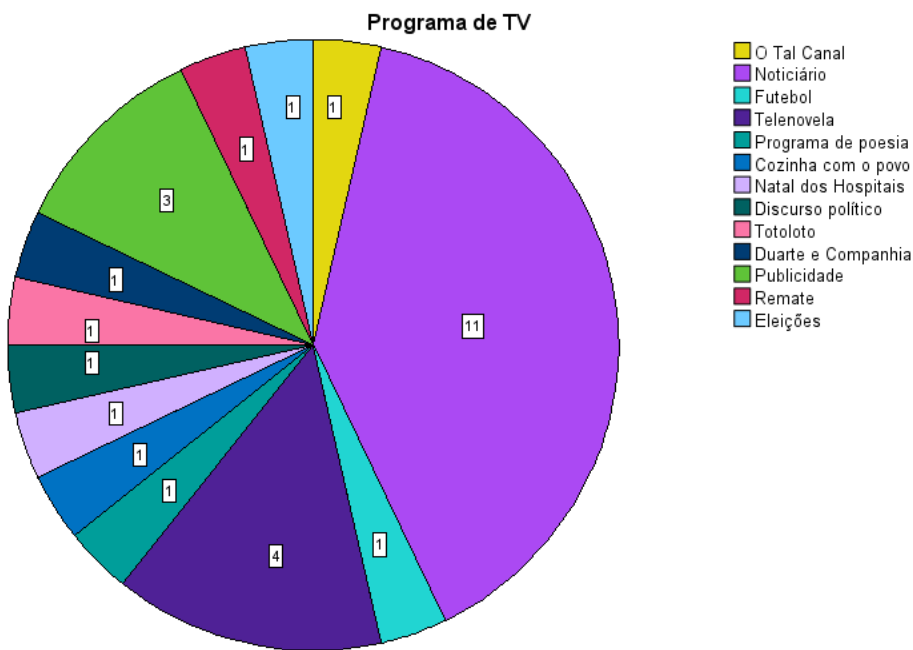
N	Válido	52
	Omisso	0
Média		8,502

Apêndice O: Media utilizados na representação da história



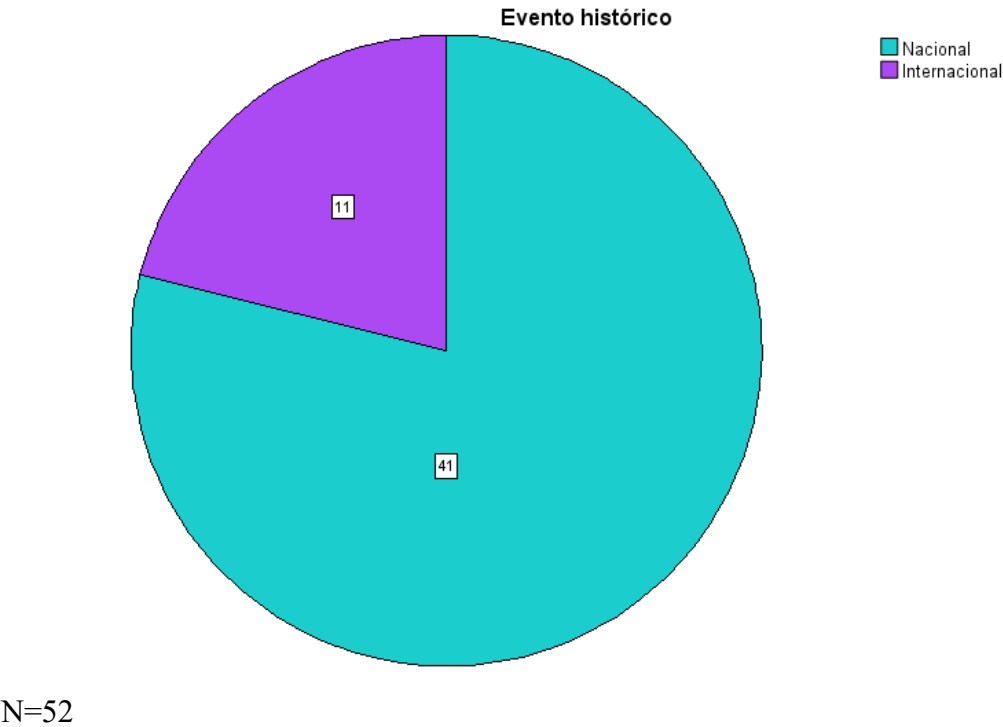
N=52

Apêndice P: Identificação do programa de televisão



N=28

Apêndice Q: Tipo de evento histórico-social representado



Apêndice R: Tabulação cruzada Identificação do evento 1 X Contexto da representação da história 1

		Contexto da representação da história			Total
		Imagens de arquivo	Interação entre personagens	Conteúdos mediáticos	
Identificação do evento	Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República)	5	2	1	8
	Partidos Políticos (Autarquias e Políticas regionais)	2	1	0	3
	Assuntos militares / Guerra	3	0	0	3
	Banco / Finanças	3	0	0	3
	Comércio / Indústria / Agricultura e Pescas	1	2	0	3
	Problemas / Dramas / Instabilidades Sociais	1	1	0	2
	Manifestações Sociais	1	0	1	2
	Crimes / Atos ilícitos	3	1	0	4
	Acidentes e catástrofes	3	1	0	4
	Terrorismo	0	0	1	1
	Festividades / Solenidades	1	1	0	2
	Artes e espetáculos	2	1	1	4
	Ambiente	1	1	0	2
	Saúde	0	1	0	1
	Futebol	2	1	0	3
	Outras modalidades desportivas	2	1	0	3
	União Europeia	0	0	1	1
	Media	0	1	0	1
	Turismo	0	1	0	1
	Relações	0	1	0	1
Total		30	17	5	52

N=52

Apêndice S: Tabulação cruzada Identificação do evento 1 X Local da interação 1

		Local da interação								Total
Identificação do evento		Sala	Café do bairro	Jornal	Rádio	Cenário pontual	Casa Carlos	Não há	Casa do Toni	
	Estado (Governo/Parlamento/ Presidência da República)	0	1	0	0	0	0	6	1	8
	Partidos Políticos (Autarquias e Políticas regionais)	0	1	0	0	0	0	2	0	3
	Assuntos militares / Guerra	0	0	0	0	0	0	3	0	3
	Banco / Finanças	0	0	0	0	0	0	3	0	3
	Comércio / Indústria / Agricultura e Pescas	1	0	0	0	1	0	1	0	3
	Problemas / Dramas / Instabilidades Sociais	0	1	0	0	0	0	1	0	2
	Manifestações Sociais	0	0	0	0	0	0	2	0	2
	Crimes / Atos ilícitos	0	1	0	0	0	0	3	0	4
	Acidentes e catástrofes	0	1	0	0	0	0	3	0	4
	Terrorismo	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	Festividades / Solenidades	0	0	1	0	0	0	1	0	2
	Artes e espetáculos	0	0	1	0	0	0	3	0	4
	Ambiente	1	0	0	0	0	0	1	0	2
	Saúde	0	0	0	0	0	1	0	0	1
	Futebol	0	1	0	0	0	0	2	0	3
	Outras modalidades desportivas	0	0	0	0	1	0	2	0	3
	União Europeia	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	Media	0	0	0	1	0	0	0	0	1
	Turismo	0	0	0	0	1	0	0	0	1
	Relações	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Total		2	6	2	1	4	1	35	1	52

N=52

Apêndice T: Tabulação cruzada Identificação do evento 2 X Contexto da representação da história 2

Tabulação cruzada Identificação do evento * Contexto da representação da história

Contagem

		Contexto da representação da história			Total
		Imagens de arquivo	Interação entre personagens	Conteúdos mediáticos	
Identificação do evento	Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República)	1	2	1	4
	Partidos Políticos (Autarquias e Políticas regionais)	0	2	0	2
	Assuntos militares / Guerra	2	6	0	8
	Banco / Finanças	1	2	0	3
	Comércio / Indústria / Agricultura e Pescas	2	0	1	3
	Problemas / Dramas / Instabilidades Sociais	0	1	0	1
	Manifestações Sociais	0	1	0	1
	Crimes / Atos ilícitos	0	4	0	4
	Acidentes e catástrofes	0	1	0	1
	Trânsito / Vias de comunicação	0	1	0	1
	Artes e espetáculos	0	1	0	1
	Saúde	0	1	0	1
	Tecnologia e ciência	0	2	1	3
	Religião	0	3	0	3
	Futebol	0	3	0	3
	Outras modalidades desportivas	1	0	0	1
	União Europeia	1	0	0	1
	Media	0	2	2	4
	Moda e Beleza	0	1	0	1
	Relações	0	2	0	2
Total		8	35	5	48

N=48

Apêndice U: Tabulação cruzada Identificação do evento 2 X Local da interação 2

		Local da interação									Total
		Quarto	Sala	Café do bairro	Parque de campismo	Loja	Jornal	Cenário pontual	Quiosque	Não há	
Identificação do evento	Estado (Governo/Parlamento/ Presidência da República)	0	0	2	0	0	0	0	0	2	4
	Partidos Políticos (Autarquias e Políticas regionais)	0	1	0	0	0	1	0	0	0	2
	Assuntos militares / Guerra	0	0	2	2	0	1	1	0	2	8
	Banco / Finanças	0	0	0	0	0	2	0	0	1	3
	Comércio / Indústria / Agricultura e Pescas	0	0	0	0	0	0	0	0	3	3
	Problemas / Dramas / Instabilidades Sociais	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
	Manifestações Sociais	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	Crimes / Atos ilícitos	0	0	1	0	0	0	3	0	0	4
	Acidentes e catástrofes	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
	Trânsito / Vias de comunicação	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	Artes e espetáculos	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
	Saúde	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Tecnologia e ciência	0	1	1	0	0	0	0	0	1	3
	Religião	0	1	0	0	0	0	2	0	0	3
	Futebol	0	0	2	0	0	1	0	0	0	3
	Outras modalidades desportivas	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
	União Europeia	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
	Mídia	0	1	0	0	0	0	1	0	2	4
	Moda e Beleza	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
	Relações	1	0	1	0	0	0	0	0	0	2
Total		2	5	10	4	1	5	7	1	13	48

N=48

Apêndice V: Tabulação cruzada Identificação do evento 3 X Contexto da representação da história 3

		Contexto da representação da história			Total
		Imagens de arquivo	Interação entre personagens	Conteúdos mediáticos	
Identificação do evento	Estado (Governo/Parlamento/Presidência da República)	0	1	0	1
	Partidos Políticos (Autarquias e Políticas regionais)	0	0	1	1
	Assuntos militares / Guerra	0	3	1	4
	Migrações	0	1	0	1
	Crimes / Atos ilícitos	0	1	0	1
	Tribunais / Assuntos jurídicos	0	1	0	1
	Acidentes e catástrofes	0	2	1	3
	Trânsito / Vias de comunicação	0	1	0	1
	Saúde	0	3	0	3
	Tecnologia e ciência	0	1	0	1
	Religião	0	1	0	1
	Futebol	1	2	0	3
	Outras modalidades desportivas	0	1	1	2
	União Europeia	1	1	0	2
	Media	0	2	0	2
	Turismo	0	1	0	1
	Moda e Beleza	0	2	0	2
	Total	2	24	4	30

N=30

Apêndice X: Tabulação cruzada Identificação do evento 3 X Local da interação 3

		Local da interação										Total
Identificação do evento		Sala	Café do bairro	Parque de campismo	Loja	Jornal	Cenário pontual	Casa Carlos	Agência de viagens	Não há	Casa do Toni	
	Estado (Governo/Parlamento/ Presidência da República)	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
	Partidos Políticos (Autarquias e Políticas regionais)	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	Assuntos militares / Guerra	0	0	0	0	2	1	0	0	1	0	4
	Migrações	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
	Crimes / Atos ilícitos	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
	Tribunais / Assuntos jurídicos	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
	Acidentes e catástrofes	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0	3
	Trânsito / Vias de comunicação	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Saúde	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	3
	Tecnologia e ciência	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	Religião	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
	Futebol	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	3
	Outras modalidades desportivas	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	2
	União Europeia	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	2
	Mídia	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2
	Turismo	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
	Moda e Beleza	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
Total		2	5	1	3	3	4	2	3	6	1	30

N=30